

**Universidade Cândido Mendes
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política**

***Ativismo, militância e movimentos protestantes LGBTQIA+ no Brasil: redes
de indignação e esperança***

Luciane Pereira de Araújo

Rio de Janeiro

2025

Luciane Pereira de Araújo

Ativismo, militância e movimentos protestantes LGBTQIA+ no Brasil: redes de indignação e esperança

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, da Universidade Candido Mendes, para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Py Murta de Almeida

Rio de Janeiro, fevereiro de 2025

Catálogo na Publicação
Biblioteca Central
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ
Bibliotecário responsável: Paulo César do Prado – CRB-7 7131

A658a Araújo, Luciane Pereira de.

Ativismo, militância e movimentos protestantes LGBTQIA+ no Brasil: redes de indignação e esperança / Luciane Pereira de Araújo.
-- Rio de Janeiro, 2025.

124 f. : il.

Dissertação (Pós-Graduação em Sociologia Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2025.

Orientação de: Fabio Py Murta de Almeida

1. Movimento protestante. 2. LGBTQIA+. 3. Brasil.
I. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.
II. Título.

CDU 329.3::316.837:(81)

LUCIANE PEREIRA DE ARAÚJO

**"Ativismo, militância e movimentos protestantes LGBTQIA+ no Brasil:
redes de indignação e esperança"**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Candido Mendes como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Documento assinado digitalmente
 **FABIO PY MURTA DE ALMEIDA**
Data: 07/05/2025 00:46:12-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr.. Fabio Py Murta de Almeida

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM

Documento assinado digitalmente
 **PAULO GRACINO DE SOUZA JUNIOR**
Data: 08/05/2025 07:49:34-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Paulo Gracino Junior
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro / UCAM

Documento assinado digitalmente
 **LYNDON DE ARAUJO SANTOS**
Data: 07/05/2025 09:53:31-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / UFRRJ

RIO DE JANEIRO
2025

Agradecimentos

Meu reconhecimento à chatice perfeccionista irritante, mas necessária, profícua, cuidadosa e carinhosa de um orientador quieto, mas companheiro, exigente, mas que dá asas para se voar.

Obrigada pela caminhada, Py. E, vamos caminhando!

“[...] nós vivemos num tempo em que todas essas multiformas, expressões de identidade pessoal e de identidades de relação estão hoje dentro da igreja, querendo ou não, está lá. E a igreja vai precisar aprender a lidar com isso. Talvez muita gente enxergue a desconstrução desses valores como se a gente estivesse destruindo a sociedade. Muita gente diz que quem tá questionando esses valores quer destruir a família, quer destruir o tradicionalismo. Não, tem algumas pessoas que não correspondem a isso e também tem o direito de existir. A igreja precisa entender a novidade do evangelho e é um dos meus lamentos essa igreja violenta, excludente. [...]”

Ed Renê Kivitz

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO.....	IX
ABSTRACT	X
LISTA DE FIGURAS.....	XI
LISTA DE QUADROS.....	XIII
LISTA DE ACRÔNIMOS E SIGLAS	XIV
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	12
PRELIMINARES INTEGRATIVAS PARA COMPREENDER OS MOVIMENTOS EVANGÉLICOS LGBTQIA+.....	12
1.1 Presença dos Evangélicos no Brasil	13
1.2 Os Movimentos Sociais LGBTQIA+ no Brasil (1988 – 2018).....	18
1.3 A Questão Identitária.....	23
1.4 Conflitos e Discursos Concorrentes	25
CAPÍTULO II.....	30
MOVIMENTOS EVANGÉLICOS LGBTQIA+ NO BRASIL: REDES DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA?	30

2.1 Ações Web-Políticas dos Movimentos Evangélicos LGBTQIA+ Brasileiros (2019-2022)	36
2.1.1 Análise das ações web-políticas dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros no Youtube (2019- 2022)	40
2.1.1.1 Ações web-políticas do Inclusão Metodista no Youtube	43
2.1.1.2 Ações web-políticas do Inclusão Luterana.....	50
2.1.1.3 Ações web-políticas do Evangélicxs pela Diversidade no Youtube	52
2.1.2 Ações web-políticas dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros no facebook e instagram (2019- 2022)	58
2.1.2.1 Ações web-políticas do Inclusão Metodista no Instagram	63
2.1.2.2 Ações web-políticas do Inclusão Luterana no Facebook e Instagram.....	66
2.1.2.3 Ações web-políticas do Evangélicxs pela diversidade no facebook e instagram..	70
2.2 Atores, Redes e Interações dos Evangélicos LGBTQIA+ No Brasil	78
2.2.1 Por onde andam?	81
CONCLUSÃO	85

Resumo

O recrudescimento político da sociedade civil, nos últimos dez anos, refletido nas igrejas protestantes, revelou uma diversidade latente e um posicionamento patriarcal heteronormativo hegemônico dessas igrejas, desvelando contraposição entre fiéis LGBTQIA+ e fiéis neoconservadores, em conflitos internos caracterizados por reivindicação de participação de LGBTQIA+ eclesialmente, assim como, conflitos externos de cunho sociopolítico. A participação desses protestantes LGBTQIA+ na mídia, em especial, no período de 2019 a 2022, em formatos de novos movimentos sociais, baseados em questões de cultura e regras de vida coletiva, organizados em redes, e, em articulação com outros marcadores sociais, reivindicando inclusão, bem como direitos humanos e civis, exige identificar esses movimentos e quais suas características. A opção por delimitar esse grupo protestante LGBTQIA+ se deve à maior tensão e disputa dos discursos concorrentes encontrados em suas reivindicações, em contraposição a grupos neoconservadores, o que torna relevante a pesquisa. Assim, o presente trabalho busca identificar os movimentos protestantes LGBTQIA+ brasileiros, identificando seus atores e redes formalmente envolvidos e analisar suas estruturas (regras) e interações (arranjos institucionais). Para tanto, a pesquisa, em sua análise, se fundamenta na teoria das redes de indignação e esperança de Castells, que descreve um novo padrão de movimento social, especialmente, na forma de se comunicar, reivindicando justiça social e democracia. Portanto seu modelo é hipotético-dedutivo, por natureza aplicada, com abordagem qualitativa, pois se concentrará em análise subjetiva, tendo como procedimentos técnicos as pesquisas bibliográficas, documentais e de mídia. Por fim, utiliza os determinantes dos movimentos sociais da teoria de Castells para conformar um constructo interpretativo que caracterize e determine os movimentos protestantes LGBTQIA+ brasileiros como redes de indignação e esperança.

Palavras-chave: movimentos protestantes LGBTQIA+; redes de indignação e esperança; Brasil.

Abstract

The political resurgence of civil society over the last ten years, reflected in Protestant churches, has revealed a latent diversity and a hegemonic heteronormative patriarchal positioning of these churches, revealing a contrast between LGBTQIA+ believers and neoconservative believers, in internal conflicts characterized by demands for LGBTQIA+ participation in the church, as well as external conflicts of a socio-political nature. The participation of these LGBTQIA+ Protestants in the media, especially from 2019 to 2022, in the form of new social movements, based on issues of culture and rules of collective life, organized in networks, and, in conjunction with other social markers, as well as human and civil rights, requires identifying these movements and their characteristics. The option to delimit this LGBTQIA+ Protestant group is due to the greater tension and dispute of competing discourses found in their demands, which makes the research relevant opposed to neoconservative groups, which makes the research relevant. Thus, the present work seeks to identify the Brazilian LGBTQIA+ Protestant movements, identifying their actors and networks formally involved, analyzing their structures (rules) and interactions (institutional arrangements). Therefore, the research, in its analysis, is based on Castells' theory of networks of outrage and hope, which describes a new pattern of social movement, especially, in the way of communicating, demanding social justice and democracy. Therefore, its model is hypothetical-deductive, applied in nature, with a qualitative approach, as it will focus on subjective analysis, using bibliographic, documentary and media research as technical procedures. Finally, it uses the determinants of social movements from Castells' theory to form an interpretative construct that characterizes and determines Brazilian LGBTQIA+ protest movements as networks of outrage and hope.

Keywords: LGBTQIA+ protestants movements; networks of outrage and hope; Brazil.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Modelo de Kerzner e Cleland.....	9
FIGURA 2 – Comunicado de ataques ao Inclusão Luterana – <i>Rodapé</i>	39
FIGURA 3 - Metodismo e Inclusão LGBTQIA+.....	44
FIGURA 4 – Comentários ao vídeo “Metodismo e Inclusão LGBTQIA+	46
FIGURA 5 – Inclusão Luterana: quem são, reivindicações, lemas e vídeos curtos.....	50
FIGURA 6– Evangélicxs pela Diversidade: Sobre	53
FIGURA 7 – Evangélicxs na Rede Miquéias Global Latino América.....	55
FIGURA 8 – Família de LGBTI+ - Acolhimento de Pai e Mãe	58
FIGURA 9 – Primeira e última publicação do Inclusão Metodista.....	59
FIGURA 10 – Última Publicação do Inclusão Luterana no Instagram.....	60
FIGURA 11 – 2º Encontro Nacional do Evangélicxs pela Diversidade	61
FIGURA 12 – Evangélicxs pela Diversidade no Facebook: Apresentação	61
FIGURA 13 – Interseccionalidades, transculturalidades e arranjos institucionais	63
FIGURA 14 – Proposta: Metodistas LGBT -3ª Região Eclesiástica.....	64
FIGURA 15 – Deu na @folhadespaulo.....	65
FIGURA 16 – Propostas para inclusão e afirmação de metodistas LGBTQI+	66
FIGURA 17 – Reivindicações eclesiais e de cunho sóciopolítico	68
FIGURA 18 – Pré-assembleia da federação luterana mundial - igrejas-membro - Américas .	69
FIGURA 20 – Depois de 20 anos.....	70
FIGURA 21– Territorializando: institucionalizando o Evangélicxs	71
FIGURA 22– Coalizão evangélica contra Bolsonaro – Manifesto Público	73
FIGURA 23– Carta pública e coalizão evangélica contra Bolsonaro	73
FIGURA 24– Coalizão evangélica contra Bolsonaro – Parceiros.....	76
FIGURA 25 – Vote pela diversidade	77
FIGURA 26 – Evangélicxs diz não ao fascismo	78
FIGURA 27 – Atores, redes e interações dos movimentos evangélicos LGBTQIA+	80
FIGURA 28 – Alexandre Pupo – Secretário de Relações <i>Internacionais da JPT</i>	82

FIGURA 29 – Alexandre Pupo: Candidato à Secretaria-Geral da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ).....	83
FIGURA 30 – André Musskopf: Coordenador do PPCIR/UFJF	83
FIGURA 31 – Orientação Sexual e identidade de gênero: LGBT+ mortos no Brasil, 2023 ...	92

Lista de Quadros

QUADRO 1 - Número de postagens dos movimentos no youtube.....39

QUADRO 2 – Número de postagens dos movimentos no facebook e instagram..... 61

Lista de Acrônimos e Siglas

AD	Igreja Assembleia de Deus
ARS	Análise de Redes Sociais
CCB	Igreja Congregação Cristã no Brasil
CEB	Confederação Evangélica do Brasil
CEBI	Centro de Estudos Bíblicos
CEDI	Centro Ecumênico de Documentação e Informação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
EPJ	Evangélicos Pela Justiça
EUA	Estados Unidos da América
GGB	Grupo Gay Bahia
IBAB	Igreja Batista Água Branca
ICH	Instituto de Ciências Humanas
ICMB	Igreja da Comunidade Metropolitana do Brasil
IEAB	Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
IMB	Igreja Metodista no Brasil
IPIB	Igreja Presbiteriana Independente do Brasil
JPT	Juventude do PT
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Outras.
MEP	Movimento Evangélico Progressista
PCD	Pessoa com deficiência
PPCIR	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
RN	Rio Grande do Norte
OEA	Organização dos Estados Americanos
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

Introdução

Em julho de 2022, a leitura de uma revista trouxe espanto e esperança, mais pela sua procedência do que pelo tema: Homoafetividade e Fé Cristã. Essa edição foi um dossiê da Revista Teologia e Sociedade¹ da Faculdade de Teologia de São Paulo, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), igreja protestante, que para além da questão teológica traz questões históricas e pastorais, propondo para além das reflexões memoriais do cristianismo e do protestantismo LGBTQIA+² presbiteriano, uma dialética que suscita afirmações e defesas de posicionamentos positivos e contrários à questão LGBTQIA+ dos autores dos artigos publicados. Não obstante, para espanto e indignação, também em julho de 2022, matéria da Revista Fórum [on-line] publica decisão institucional da IPIB à época.

Em um primeiro documento, é solicitado pela organização do Sínodo do RN que a Assembleia Geral da IPIB não acate nenhum documento que proponha posicionamento da instituição favorável às relações homoafetivas e de identidade de gênero, além de não receber, nas igrejas locais, pessoas que militam em favor das causas LGBTQIA+ (Sanz, 2022).

É importante observar que há um intervalo de dez anos (2013-2022) entre o dossiê da Revista Teologia e Sociedade e a reportagem citada. Tal apontamento explicita o recrudescimento³ da sociedade civil refletida nas igrejas quanto à questão LGBTQIA+ e a forma de comunicação dos tomadores de decisão àqueles que não são os tomadores de decisão, desvelando que a dialética que antes existia inerente à diversidade e relativa à justiça e igualdade, deixa de existir.

¹ Teologia e Sociedade. Faculdade de Teologia de São Paulo. vol. 1 nº10. São Paulo: Pendão Real, 2013

² Na presente dissertação, foi adotada a sigla LGBTQIA+ reconhecida pelo Decreto nº 11.848, de 26 de dezembro de 2023, da Presidência da República, em conformidade com o art.3º, Inc. I, alíneas “a” e “b”. No decorrer do trabalho, o termo **LGBTQIA+**, adotado no texto, será substituído por acrônimos similares utilizados anteriormente, político-historicamente e socio-culturalmente, quando houver citação direta aos textos de referência ou fontes documentais.

³ O recrudescimento, conforme emitido no texto, fundamenta-se em conceito de Biroli, Vaggione e Machado (2020, p.7). Para os autores, o recrudescimento é posicionamento sociopolítico que “executa estratégias políticas para subtrair direitos e agendas de justiça social; e transforma movimentos sociais em inimigos políticos”.

Esse cerceamento da fé à diversidade latente nas igrejas protestantes históricas, ocultadas pelos discursos internos de homogeneidade, cujo objetivo é estabelecer um domínio heteronormativo e patriarcal nas igrejas⁴, exige revelar o discurso concorrente dos protestantes LGBTQIA+ em contraposição aos discursos religiosos eclesiásticos. Nesse sentido, se observa que esses conflitos internos, caracterizados por reivindicação de participação dos fiéis LGBTQIA+ em cargos eclesiásticos e sacramentos, se expandem em conflitos externos de cunho sociopolítico entre esses fiéis protestantes LGBTQIA+ e protestantes neoconservadores.

Dessa forma, afirma Weber (1982) que, em uma interpretação materialista histórica, o reflexo do momento sociopolítico da sociedade civil se reflete na igreja, como microcosmo, e retorna à sociedade como eco dos conflitos internos latentes, pois a igreja, enquanto instituição religiosa, é parte integrante dos sistemas sociais da sociedade. Esse agravamento de discursos neoconservadores⁵ internos e externos às igrejas protestantes, a ser discutido na seção **Os movimentos sociais LGBTQIA+ no Brasil (1988 – 2018)**, foi contraposta por fiéis LGBTQIA+ dessas igrejas brasileiras, os quais assumiram uma contraconduta conforme elucidada Foucault:

Contra-conduta no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros [...] analisar os componentes na maneira como alguém age efetivamente no campo muito geral da política ou no campo muito geral das relações de poder (2008, p.266).

Essa contraconduta, denominada contraordem por Touraine (1989) e Castells (2013), ocorre em especial no período de 2019 a 2022, iniciando uma contraposição interna e externa às igrejas, em formatos de novos movimentos sociais, baseados em questões de cultura e regras de vida coletiva e organizados em redes, em articulação com outros marcadores sociais, especialmente na mídia e de forma multimodal, reivindicando inclusão, direito de professar a fé e vivenciá-la em sua plenitude eclesiasticamente, bem como vivenciar seus direitos

⁴ Na concepção de heteronormatividade, está contida a ideia de um padrão a ser seguido quanto às questões de gênero e sexualidade heterossexual, enquanto na concepção de posicionamento patriarcal hegemônico usada no texto inclui a ideia de uma relação de poder político institucional efetivo e condução de uma organização social que se caracteriza pela administração exercida por uma autoridade masculina heterossexual e pela subordinação de fiéis a esse modelo (Weber, 1982, p.102).

⁵ O discurso neoconservador, conforme emitido no texto, fundamenta-se em conceito de Biroli, Vaggione e Machado (2020, p.10). Para os autores, o discurso neoconservador fundamenta-se, essencialmente, em “deslegitimar a produção de conhecimentos sobre “ideologia de gênero” e as agendas de justiça social”.

humanos e civis. Essa contraposição revela, portanto, a militância e resistência, as intercessões e transculturalidades dos protestantes LGBTQIA+, seu ativismo e associação em movimentos sociais, em formato outrora não utilizado por esse grupo no Brasil. A compreensão desse ativismo e associação em movimentos sociais, nesse formato outrora não utilizado por protestantes LGBTQIA+ no Brasil, justifica a presente pesquisa para identificação desses movimentos, seus atores e redes formalmente envolvidos, suas estruturas (regras) e interações (arranjos institucionais), suas interseccionalidades, além das suas reivindicações de direitos humanos e civis. Cabe esclarecer que a delimitação de uma pesquisa que envolva esse grupo protestante LGBTQIA+ ocorre pela maior tensão encontrada interna e externamente por suas reivindicações, pois em igrejas inclusivas a convivência e vivência interna eclesial e externa, de cunho sociopolítico, são atenuadas pelo perfil religioso não conservador entre fiéis e líderes dessas igrejas, baseadas em carisma⁶ (Weber, 1982) e não em uma hegemonia patriarcal heteronormativa.

Resta destacar, ainda, a importância da discussão proposta nessa pesquisa para a sociologia política e sociologia da religião, pois essas redes de indignação e esperança que surgiram contra a dominação e opressão no Brasil, na última década, em formato de movimentos evangélicos LGBTQIA+, emergiram da sua forma latente para um agir crítico, uma *práxis* de vida sociopolítica, exigindo explicações quanto à sua existência, conforme define Johnson quando discorre que a ideologia é alicerce para movimentos sociais em prol de mudanças e transformações do *status quo*: “Do movimento verde de preservação ambiental ao feminismo radical, MOVIMENTOS SOCIAIS dependem de conjuntos de ideias que explicam e justificam seus objetivos e métodos.” (1997, p.224)

Por esse motivo, conforme define Johnson, o estudo dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ se autojustifica pelo conjunto de ideias, objetivos e métodos sociopolíticos que os explicam. Uma vez que, as mediações simbólicas provenientes da opinião dos seus atores revelam seus valores com os quais fomentaram o conhecimento de outras culturas, por meio da troca de ideias, bem como as consequências com implicações sociopolíticas com as quais

⁶ Segundo Weber (1982, p.70-98), “[...] o carisma se opõe a todas as rotinas institucionais, as da tradição e as sujeitas ao controle racional. [...] líderes carismáticos têm em comum o fato de que as pessoas lhes obedecem devido à crença em suas qualidades pessoais extraordinárias. [...] domínio em virtude da dedicação, dos que obedecem, ao ‘carisma’ exclusivamente pessoal do líder.”

enriqueceram e diversificaram realidades locais, observadas a partir das análises de suas mensagens em contextos socioculturais.

Da mesma forma, ressalta-se a importância da discussão aqui proposta para a sociologia da religião brasileira. Segundo Furseth e Repstad, a sociologia da religião consiste no “estudo do papel da religião na sociedade, analisando os efeitos da religião sobre a sociedade e a influência da sociedade sobre a religião” (2023, p.18). Por esse motivo, o estudo dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ é relevante pois revela como discursos neoconservadores e concorrentes, assim como conflitos latentes, existentes na igreja, decorrentes dos embates entre fiéis neoconservadores e fiéis LGBTQIA+, irromperam no momento sociopolítico da sociedade civil pesquisado, bem como esse momento sociopolítico influenciou a igreja e a vida eclesial, em retroalimentação.

Portanto, a relevância dessa pesquisa é impulsionada pela exacerbação de posições ideológicas no mundo refletido em neoconservadorismo e em retrocessos, disputas e tensionamentos, tanto religiosos quanto de cunho sociopolítico, que eclodiram nos últimos dez anos, especialmente discutidos na seção **Os movimentos sociais LGBTQIA+ no Brasil (1988 – 2018)**, sendo observada a inexistência de trabalhos que abordem os movimentos protestantes LGBTQIA+. Assim, o objetivo da presente pesquisa é conformar um constructo interpretativo que caracterize e determine esses movimentos protestantes LGBTQIA+ brasileiros como redes de indignação e esperança, no período de 2019 a 2022, identificado pelo governo bolsonarista, período reconhecido pela “politização do machismo, do racismo (difuso) e da homofobia (sistemática)”, conforme define Boito (2020, p.116)

A partir dessas explicações, o trabalho é proposto segundo o seguinte desenho: a presente Introdução, na qual se expõem as motivações, justificativas, relevância e magnitude para a consecução da pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos para sua realização.

A seção **Preliminares Integrativas para Compreender os Movimentos Evangélicos LGBTQIA+** tem uma proposta integrativa para compreender sócio-historicamente como se conformaram os movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros, para além da sua questão

identitária, as conjunturas que construíram no passado longínquo “inserção dos protestantes no Brasil”, em um passado próximo “movimentos LGBTQIA+ pós-constituição” e no passado e presente, os “discursos concorrentes e conflitos entre neoconservadores e LGBTQIA+” que moldaram esses movimentos sociais, aqui discutidos.

Na seção **Movimentos Evangélicos LGBTQIA+ no Brasil: Redes de Indignação e Esperança?**, discutem-se as ações web-políticas no Youtube, Instagram e Facebook dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros e quais características suas que levam à indagação “esses movimentos podem ser denominados redes de indignação e esperança conforme teoriza Castells?”. Da mesma forma, buscou-se identificar atores, redes e arranjos sociais em suas interações para compreensão das suas motivações sociopolíticas e formas de cooperação.

Por fim, a Conclusão identifica e analisa questões do contexto sociopolítico do período estudado e especificidades abordadas pelo modelo hipotético-dedutivo, buscando evidenciá-los comparativamente, por meio da eliminação de hipóteses inadequadas (POPPER, 2004), que conformasse os movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros em redes de indignação e esperança teorizada por Castells. Além disso, aponta questões que circundam o tema, tais como, aspectos de caráter interseccional e transcultural, e narrativas intrínsecas aos movimentos LGBTQIA+ brasileiros.

Mediante essa explicação do desenho do trabalho, seguem esclarecimentos quanto à metodologia para consecução da pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos para sua realização. Antes, requer dizer que a presente pesquisa se baseia no modelo hipotético-dedutivo, pois parte da teoria de Castells para compreender o caso particular dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros, aqui estudados. Quanto aos objetivos, se propõe exploratória para identificar e levantar dados relativos aos movimentos evangélicos LGBTQIA+; descritiva, apresentando atores e redes identificados; e, explicativa, identificando suas reivindicações de direitos humanos e civis. Portanto, a análise e abordagem da pesquisa são qualitativas, pois o seu interesse focal não está em questões de análise mensuráveis, mas em constructo interpretativo que caracterize e determine os movimentos protestantes LGBTQIA+ brasileiro como redes de indignação e esperança.

Ao que se referem os procedimentos técnicos, o trabalho foi ancorado em pesquisa documental e de mídia para identificação de movimentos protestantes LGBTQIA+ brasileiros, existentes no período de 2019 a 2022, seus atores, redes e interações e em pesquisa bibliográfica, a fim de investigar se os achados analisados se conformam com a caracterização de redes de indignação e esperança de Castells.

Para tanto, a pesquisa bibliográfica se concentrou em clássicos de autores e pesquisas acadêmicas cujo tema consistisse em estudos sociológicos que discutissem a inserção, presença e participação sócio-política dos evangélicos no Brasil, tais como Antonio Gouvêa Mendonça e Paul Freston e em clássicos de autores e pesquisas acadêmicas cujo tema consistisse nos novos movimentos sociais com sua gênese em Touraine até a concepção de redes de indignação e esperança de Castells, em sites de busca Google Scholar e Google Books.

A pesquisa documental se concentrou na pesquisa booleana [(políticas públicas LGBTQIA+) and (Brasil) and (2004 a 2022)] para identificação de trabalhos e pesquisas quanto à existência de movimentos LGBTQIA+, no Brasil, seus posicionamentos e contraposições de cunho sociopolítico pós-constituição de 1988. Deve ser observado que o período posterior (2004 a 2022) teve por objetivo encontrar estudos já consolidados, sistematizados e estado da arte, quanto ao tema e sua pluralidade, pois a partir do Programa Brasil sem Homofobia, implantado em 2004, uma série de iniciativas governamentais federais que incluem as questões LGBTQIA+ como componente dos direitos humanos se concretizam, entre elas estudos acadêmicos.

Por último, a pesquisa em mídia se concentrou em pesquisa booleana [(evangélicos LGBTQIA+) and (2019 a 2022)] para identificação de ativistas, movimentos e redes de evangélicos LGBTQIA+, no site de busca Google.

Destaca-se que apesar da pesquisa de mídia se concentrar no período de 2019 a 2022, os achados encontrados revelaram que o início de publicações dos movimentos ocorreu a

partir de 2015. Outra questão pertinente e relevante é que o predomínio de publicações dos movimentos se dá, massivamente, entre 2021 e 2022, período crítico pré-eleição presidencial, onde seria decidida a manutenção de um governo de extrema-direita ou a volta de um governo de coalizão de centro-esquerda, em que o de centro-esquerda ganhou a eleição. Constatação dos achados iniciais foi que a pesquisa booleana para identificação de ativistas, movimentos e redes de protestantes LGBTQIA+ de igrejas brasileiras, por inexistência de sensibilidade ao termo protestantismo LGBTQIA+, teve que ser refeita com o termo evangélicos LGBTQIA+, a fim de alcançar resultados eficazes para consecução da revisão documental e de mídia, uma vez que protestantes e pentecostais sempre foram correlacionados no Brasil como uma unidade⁷.

Para os procedimentos de análise de mídia, nesse termo, inclusos jornais e revistas online e, também, redes sociais (Facebook, Instagram e Youtube), foram utilizadas postagens textuais, de imagem e audiovisuais. Observaram-se os enunciados e narrativas que essas postagens evocam. Portanto, se propôs uma pesquisa empírica, pois se buscava observar e coletar dados que representam fenômenos sociais (Cunha; Peixinho, 2020).

A realização completa dessa pesquisa, a partir dos achados, tem por objetivos específicos:

- a) identificar movimentos protestantes LGBTQIA+ de igrejas no Brasil, entre 2019 e 2022, seus atores e redes, formalmente envolvidos e analisar suas estruturas (regras) e interações (arranjos institucionais); e
- b) identificar suas reivindicações de direitos humanos e civis, intercessões e transculturalidades, a partir das narrativas de suas redes sociais.

Na perspectiva da análise de redes em formato híbrido e multimodal e das suas narrativas cabe compreender as propostas analíticas a seguir.

O uso das redes sociais como locais de prática política cresceu com a vida na web, de forma exponencial, nos últimos 20 anos. Segundo Marc A. Smith (*apud* Recuero, 2015) as

⁷ Por esse motivo, no decorrer do trabalho, o termo “protestante” adotado no texto será substituído por “evangélicos”, por ser aceito histórico-culturalmente, exceto quando forem utilizadas citações diretas aos textos de referência ou fontes documentais.

redes são, verdadeiramente, expressões sociológicas de como as pessoas estão envolvidas em teias de relações e instituições. Não à toa, o sociólogo afirma que as redes sociais são um poder que revela as conexões nos estudos da sociedade e no processo social que as geraram, pois serve à colaboração e comunicação das organizações que as tornam uma ágora moderna, uma praça pública virtual, pois nas mensagens estão embutidas opiniões que, por si só, são um processo social, centralizadas ou focadas em uma pessoa, desvelando pessoas-chave, conteúdos e subcomunidades formadas por outras intra-intertextualidades que surgem.

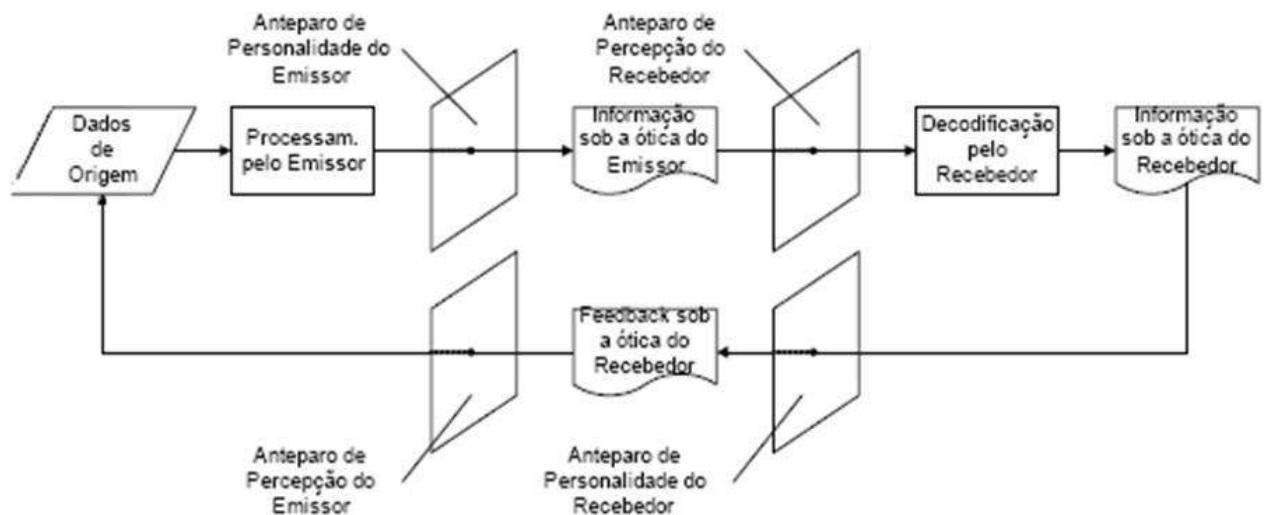
Não por outro motivo, Marc A. Smith diz que é importante documentar esses discursos públicos, a partir de suas postagens, para sua produção no mundo físico, pois “explicam e auxiliam a predizer a natureza dessa sociedade”. Assim, o autor, lembrando Pearce (2012), expõe o que concerne os movimentos sociais, a observação dos conflitos de opiniões é essencial em países com movimentos pró-democracia. Pelos motivos expostos, a relação redes sociais, sociedade e política tem sido foco de pesquisa e análise em crescimento, além do conteúdo, em estratégias metodológicas (Longhi; Silveira; Paulino, 2021).

Segundo D’Addario (2018), a análise de redes se tornou tão relevante que alcançou o *status* de novo paradigma de campo sociológico, assim conforme a sociologia política. O autor equipara a Internet, em importância, a meios de comunicação de massa tradicionais, tais como rádio e televisão, e analisa como a mensagem em determinado contexto cultural, econômico e social possui consequências para grupos sociais e indivíduos, dos quais surgem implicações socioculturais que provém dessa mediação simbólica, na qual a opinião é acrescentada.

O teórico argumenta que a cultura de massa tende a homogeneizar a estrutura social, gerando atitudes sociopolíticas a normas e valores, por meio do seu estímulo cultural e intelectual. Por outro lado, fomenta o conhecimento de outras culturas e realidades, por meio da troca de ideias, enriquecendo e diversificando realidades locais, aproximando-as da aldeia global, conforme lembram Touraine (1989) e Hall (2015). Por último, lembra que os meios de comunicação de massa possuem três funções básicas: informar, o que inclui notícias, opinião e controle dos poderes políticos; formar, canal essencial para a disseminação de conhecimento; e divertir, para servir ao entretenimento.

Por esse motivo, deve-se lembrar que há comunicação verbal e não-verbal, as quais transmitem a “mensagem”, que é o objeto da comunicação, que deve chegar às pessoas corretas no tempo certo, sendo a comunicação um processo pelo qual a informação é transferida entre os indivíduos, interpessoalmente, por meio da percepção pela qual a realidade é apreendida. Estas ações são exercidas mutuamente entre eles, sendo emissores e receptores simultaneamente na comunicação gerada (Souza, 2005).

Figura 1 - Modelo de Kerzner e Cleland



Fonte: Vargas (2005, p.109)

Sendo assim, no que tange a questão da mediação, Cunha e Peixinho (2020) afirmam que não existe narrativa midiática sem mediação e que a narrativa é um modelo cognitivo e tipo de discurso. As autoras, citando Haspel, afirmam que “são centrais na construção da cultura, das identidades e dos movimentos sociais” e que podem ser contadas em várias formas de linguagem, transmitidas oralmente, textualmente, em várias formas de imagens, podendo ser fixas ou móveis, e, ainda, todas em conjunto (*Ibid.*, p.132). Outra observação das autoras é que a estrutura espaço-tempo da narrativa determina sua representação, portanto, sua interpretação deve considerar os papéis dos atores envolvidos, entre eles os moderadores ou

mediadores, os quais administram e governam as interações on-line, e comentaristas⁸, por exemplo.

Segundo Cunha e Peixinho (2020), existem algumas diferenças entre análise de conteúdo e de narrativas. Assim, argumentam que a análise de discurso se concentra em cruzamentos de dados relativos ao tema e naquilo que mais se destaca, enquanto a narrativa é centrada no conflito e na existência de uma narrativa dominante, na argumentação e retórica, contemplando a complexidade de relações e interações com o mundo social e que, ainda, podem complementar a análise de discurso. Para as autoras (*Ibid.*), entre as formas de análise narrativa está a análise temática, que se concentram no conteúdo dos textos, sendo determinada por processos mentais dos leitores, baseados em modelos sociocognitivos e na experiência do mundo. Por isso, a narrativa midiática exige que se compreenda tanto a história quanto o discurso como representação e construção, enquanto as análises estruturais se concentram na descrição e materialidade semiótica do texto, não na interpretação. Assim, as autoras dizem que a narrativa midiática é uma atividade que possui complexidade, pois envolve transdisciplinaridade e transversalidade, que requerem conhecimento de ferramentas e articulação desses saberes.

Por esse motivo, Marc A. Smith (apud Recuero, 2015) ensina a respeito do que ele chama de “saco-de-palavras”, que ele esclarece ser um método perigoso de utilizar pois, diferentemente da análise de discurso tradicional, na análise de redes, o que pode parecer uma unidade formada por um conjunto de mensagens conectadas não necessariamente significa uma mudança de posição ou opinião. Isso, para o teórico, demonstra “a complexidade estrutural interna dos grupos de relações sociais”. Para ele, se faz necessário analisar essas pessoas-chave que fazem a ponte ou interseções entre os grupos na rede.

Bounegru, Venturini, Gray e Jacomy (2017) trazem um aspecto importante sobre o tema, a respeito da maneira como as redes armazenam suas postagens, produzindo suas narrativas em determinado contexto, que juntamente com o conhecimento sociocultural do leitor desempenha papel importante na interpretação das narrativas. Por isso, Cunha e

⁸ Denominação das autoras Cunha e Peixinho (2020) para as pessoas que interagem por meio de comentários nas redes sociais, inclusive chats.

Peixinho (2020) esclarecem que essas postagens devem ser analisadas em um conjunto de várias formas de linguagem, quais sejam textos, imagens etc., e, entre outras coisas, tornando claro que o *layout*, a forma de organização de texto, imagem e título, por exemplo, assim como atores-chave, são necessários para construção e análise das narrativas.

Especificamente quanto à análise de rede que propõe, argumenta que atores-chaves são considerados nós e, portanto, devem ser observadas as conexões entre os nós, explorando associações em torno deles e suas densidades conectivas. Quanto maior a densidade sobre um nó, maior sua autoridade ou *hubs*. Quanto ao mapeamento das alianças e oposições, os autores informam que as ausências ou agrupamentos associativos dos nós revelam esses posicionamentos, destacando a importância da dimensão espaço-tempo para as narrativas, pois elas mostram a transformação das associações de atores ao longo do tempo.

Dessa forma, por meio da metodologia das análises de redes e de narrativas, se pretende alcançar o objetivo maior do trabalho que é realizar o constructo interpretativo dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros de igrejas, no período de 2019 a 2022, por meio dos determinantes que conformam esses movimentos sociais e caracterizá-los como redes de indignação e esperança, assim como teorizado por Castells.

Capítulo I

Preliminares Integrativas para Compreender os Movimentos Evangélicos LGBTQIA+

Em face da complexidade do tema movimentos evangélicos LGBTQIA+, optou-se por uma abordagem integrativa⁹ preliminar para compreensão da conjuntura que perpassa o tema (BIBLIOTECA UNESP, 2015). No presente capítulo, além da discussão quanto à importância da questão identitária dos movimentos sociais discutidos nesse trabalho, que apesar de serem duas é uma, pois a identidade evangélica está conformada com a identidade LGBTQIA+, conforme explica Castells (2018 p.54-60), há, ainda, uma análise da convergência de fatores, conforme descrito nas análises das seções **Inserção e presença dos evangélicos no Brasil, Movimentos sociais LGBTQIA+ no Brasil pós-constituição entre 1988 a 2018 e Conflitos e discursos concorrentes** que ocorreram em um período mais extenso do que 2019 a 2022, sendo esses apontamentos necessários para contextualização e compreensão de como se formou o quadro sócio-histórico do país e por que ele determinou o contexto sociopolítico no presente momento, em que ativistas evangélicos LGBTQIA+, de igrejas brasileiras, se associaram em movimentos sociais, formando redes de indignação e esperança, durante o governo bolsonarista.

Notadamente, a metodologia integrativa permite utilizar estado da arte de pesquisas anteriores e combiná-las para análises que busquem compreender o porquê e as lacunas que delineiam um resultado. Na sociologia, essa metodologia pode apontar aspectos que envolvam os elementos sócio-históricos que antes não foram conjugados ou analisados com a perspectiva que eles possuíam correlações ou que gerariam resultados no futuro.

Dessa forma, busca-se, com essa preliminar integrativa, subsidiar conhecimento prévio do caráter protestante, das reivindicações de direitos humanos e civis LGBTQIA+ e as

⁹ A revisão integrativa na construção de uma análise permite a combinação teórica e empírica, contribuindo para reflexões e discussões sobre estudos. O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno complexo, baseando-se em estudos anteriores.

questões culturais que constituíram o contexto dos últimos dez anos que afetaram a forma de agir e comunicar dos movimentos LGBTQIA+ de igrejas protestantes brasileiras, período no qual surgiram esses movimentos e que culminou entre 2019 e 2022 em reivindicações.

A perspectiva de ampliar as possibilidades de análises dos aspectos sócio-históricos para compreensão da conjuntura estudada é a principal característica que levou a essa opção na presente pesquisa. Pois, entre outras, a utilização de literatura teórica e empírica, em conjunto, permitiu ampliar o conhecimento de fatos e fenômenos sociais, que para além de conceitos, também são as repercussões desencadeadas que construíram sociologicamente o presente no qual vivemos.

Assim, por meio da análise de estados de arte, se buscou integrar em uma perspectiva metodológica sócio-histórica preliminar o que conformou o ambiente protestante LGBTQIA+ no Brasil.

1.1 Presença dos Evangélicos no Brasil

A expedição de Villegaignon, em 1555, para criação e fundação da França Antártica, teve a participação da primeira incursão protestante no Brasil, formada por um grupo de pastores enviados por Calvino com interesse e intuito religioso, que se encerrou com a expulsão de Villegaignon e a destituição da colônia da Guanabara, em 1560 (Mendonça, 2008). Uma segunda tentativa ocorre entre 1630 e 1645, durante a existência da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, administrada por Maurício de Nassau, com objetivo colonizador, principalmente na região nordeste, com características genebrinas – organização eclesiástica calvinista – e, embora não tivesse o objetivo de criar um cristianismo puro¹⁰, tal como na expedição de Villegaignon, possuía disciplina religiosa rigorosa, que influenciou a vida, não somente civil, mas também política, em toda a extensão em que se estabeleceu. Encerrando o período colonial, houve uma breve existência do protestantismo na expedição que criou a França Equinocial no Maranhão, no século XVII, que não alcançou a importância daquela do período de Nassau (Mendonça, 2008). Posteriormente, no período do Brasil como Reino Unido a Portugal e Algarves e o Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas, em

¹⁰ Conceito utilizado por Mendonça (2020, p.38), resgatado de Sérgio Buarque de Holanda e Olga Pantaleão, em Sérgio Buarque de Holanda (org.), (1960, p.149).

1808, novamente o Brasil passa a ter a presença de protestantes em seu território, e de forma mais abrangente, com as assinaturas, em 1810, dos Tratados de Aliança e Amizade e Tratados de Comércio e Navegação, especificamente com os ingleses, permitindo ampla liberdade religiosa, inclusive com o estabelecimento de capelanias¹¹ da Igreja Anglicana no país, que posteriormente vieram a se filiar à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a partir de 1890.

Entre 1822 a 1891, período entre o Brasil Império e a recém proclamada república, houve inserções de denominações protestantes no Brasil, porém, somente com a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil e com a instituição da pluralidade de confissões religiosas, definitivamente, o país passa a ter liberdade de religião. Para Mendonça (2008), no final do século XIX, todas as denominações clássicas do protestantismo já haviam sido implantadas no Brasil. Com relação a esse período, Py (2016) traz grande contribuição ao promover a discussão de que esse período é caracterizado não por uma tentativa de “catequizar” brasileiros ao protestantismo, inicialmente, uma vez que apenas congregavam e praticavam sua fé pessoal protestante. No entanto, provinham de uma migração europeia, incentivada desde 1808 pelo Estado e governos brasileiros, entre outros, com objetivos territoriais, econômicos e comerciais. Somente em meados de 1870, com a migração americana e formação da colônia americana situada em Santa Bárbara D’Oeste – São Paulo, se delinearia uma mentalidade apologética missionária (Py, 2016).

Dessa forma, as igrejas protestantes históricas ou protestantismo de missão, assim denominados (Oliveira, 2013), têm no ano de 1855 o início de sua chegada no Brasil, provenientes do sul dos Estados Unidos da América (EUA). Assim, o teólogo descreve as denominações e o início das suas missões no país, sendo: Congregacionais, em 1855; Presbiterianos, em 1859; Metodistas, em 1867; Batistas, em 1881; Episcopais, em 1889; e Luteranos (IELB), em 1900. O autor esclarece ainda que:

Esse protestantismo que chega ao Brasil é marcado por uma ética individualista, dualista e conservadora. Apresenta um forte sentido conversionista, na qual conversão é vista como tirar o indivíduo da cultura e da forma como havia sido criado, assim, os americanos procuravam estabelecer seu estilo de vida, político econômico e cultural. Além disso, há uma forte orientação anticatólica romana (Oliveira, 2013, p.148).

¹¹ Anglicanismo no Brasil (Calvani, 2005, p.39).

Em suas análises históricas, Oliveira (2013) descreve a gênese do pentecostalismo no Brasil e sua origem proveniente do pentecostalismo americano de Chicago com a chegada de Luigi Francescon em 1910, inicialmente em São Paulo e, posteriormente, no Paraná, fundando a Igreja Congregação Cristã no Brasil (CCB), e com a chegada dos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, no mesmo ano, advindos dos EUA, tendo eles se estabelecido em Belém do Pará, onde fundam a Igreja Assembleia de Deus (AD).

Ainda segundo Oliveira (2013), novos grupos pentecostais irão surgir nos anos de 1940 no Brasil, decorrentes de grupos dissidentes das igrejas CCB e AD ou criadas em torno de líderes carismáticos ou de novas missões advindas do exterior, sendo: Igreja Evangélica Avivamento Bíblico, em 1946; Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1951; Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil Para Cristo”, em 1955; e Deus é Amor, em 1962. Não obstante, nos anos 70 irão surgir novas igrejas pentecostais denominadas “neopentecostais”, baseadas em Teologia da Prosperidade. Dentre elas, De Souza Oliveira (2013) destaca a Igreja Universal do Reino de Deus (1977); a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980); a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976); a Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986); e a Igreja Mundial do Poder de Deus (1998).

Nesse contexto, Paul Freston (1993) argumenta que a inserção do protestantismo no Brasil pode ser analisada por meio das seguintes tipologias institucionais, a partir de suas origens de fundação, em igrejas históricas, podendo ser de imigração ou de missão e a inserção do pentecostalismo, segundo análise do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), em clássico e autônomo. Além desse esclarecimento histórico, cabe informar que a base teológica dessas denominações é fundamentada em mesmo cerne teológico. Porém, há diferenças em questões doutrinárias, inclusive de caráter sacramental, o que implica, também, em algumas concepções e práticas, entre outras, a da glossolalia¹², por exemplo.

Apesar disso, no Brasil, o termo evangélico foi assimilado culturalmente, inicialmente advindo do “evangelicalismo”. Posteriormente, segundo Gonçalves (2022), no contexto da

¹² Dom derramado pelo Espírito Santo que concede a um cristão falar em “línguas estranhas”, conforme no dia de Pentecostes (SBB, At 2:4)

criação da Confederação Evangélica Brasileira (CEB), em 1934, o termo foi admitido para se aproximar da Igreja Católica de forma ecumênica, em cuja concepção e argumento está contido que evangélico é todo aquele que crê no evangelho. Por esse motivo, inclusive, apesar de suas origens serem distintas, conforme expõe Campos (2011), protestantes e pentecostais sempre foram correlacionados no Brasil como uma unidade. Tal senso comum se tornou tão predominante no país que a pesquisa booleana para consecução desse trabalho, por inexistência de sensibilidade ao termo “protestantismo LGBT”, teve que ser refeita com o termo “evangélicos LGBTQIA+”, a fim de alcançar resultados eficazes para consecução da revisão bibliográfica e de mídia, conforme explicitado na seção **Procedimentos metodológicos**.

Mediante o exposto, cabe ressaltar que o cerceamento de evangélicos LGBTQIA+ aos sacramentos e cargos eclesiásticos em igrejas das quais participam fez surgir uma série de debates na mídia¹³ quanto aos argumentos morais e teológicos – apresentados na seção **Conflitos e discursos concorrentes** - e utilizados para esse impedimento, que resultaram em teologias *queer* e, não somente, mas também em fundação de igrejas inclusivas, assim denominadas aquelas que permitem a completa e irrestrita participação de fiéis LGBTQIA+ eclesiasticamente.

Essa nova vertente evangélica se inicia nos primórdios da década de 1990, de forma difusa, em várias pequenas ações individuais, conforme a ocorrida na Igreja Presbiteriana Unida de Copacabana, no Rio de Janeiro, cuja posição pública do pastor (heterossexual) Nehemias Marien de incluir homossexuais em cultos cristãos gerou discussão sobre o tema. E, ainda, inicialmente de forma incipiente e pontual, com a Igreja Acalanto - Ministério Outras Ovelhas, fundada em 2002, em São Paulo. Da mesma forma com a Comunidade Cristã Nova Esperança, em 2004 e a Igreja Cristã Evangelho Para Todos, por volta de 2005, entre outras. A partir de então, igrejas que acolhem e incluem fiéis LGBTQIA+ foram denominadas “igrejas gays” pela mídia (Natividade, 2010).

Assim, é considerado o marco de inserção institucional inclusivo no Brasil a Primeira Igreja da Comunidade Metropolitana do Brasil (ICMB), com origem denominacional norte-

¹³ Entre outros, Sanz (2022) e Pires (2023) citados na seção **Referências**.

americana e fundada em 2006, em São Paulo, após tentativas anteriores, entre 2002 e 2004, já extintas, inclusive no Rio de Janeiro (Natividade, 2010). Hoje, a ICMB, se define¹⁴ como uma “comunhão brasileira e internacional de comunidades cristãs da vertente protestante, e caracterizada particularmente por seu progressivismo humanitário e aceitação irrestrita de fiéis” e possui igrejas em diversos estados do país. Ressalta-se que, desde sua fundação, a ICMB atua não somente no contexto religioso, mas dá ênfase ao exercício da cidadania e à reivindicação dos direitos humanos LGBTQIA+ (Natividade, 2013).

Embora não seja objeto de pesquisa e escopo do trabalho ora apresentado, a indicação dessa alternativa religiosa para fiéis LGBTQIA+ se deve ao fato do crescimento do número de igrejas voltadas, especificamente, para essa população. Portanto, apesar da importância, hoje, dessas igrejas e do número de igrejas fundadas para os evangélicos LGBTQIA+ brasileiros, a pesquisa não se aprofundará no tema, nem em sua gênese. É oportuno, também, esclarecer que a pesquisa não terá como foco e objetivo questões bíblicas e léxicas envolvidas nas discussões religiosas e teológicas LGBTQIA+.

Por fim, a discussão relevante nesse contexto de igrejas inclusivas traz Moreira (2012): “Essas Igrejas são realmente a “solução” para o “problema” da homossexualidade na religião cristã ou é apenas outra forma de discriminação?”. Isso significa reiterar se as igrejas inclusivas ou afirmativas são uma alternativa para os protestantes LGBTQIA+ ou alívio para as igrejas protestantes. Afinal, o conflito e os discursos concorrentes deixariam de ser empecilhos ao discurso englobante da homogeneidade de cunho sociopolítico e da manutenção do domínio heteronormativo e patriarcal nas igrejas, com a saída desse grupo LGBTQIA+ de dentro dessas instituições eclesiais. Não obstante, o relatório TODXS (2020, p.57-58) expõe que “a categoria evangelismo tradicional é o segmento religioso que mais tem aumentado fiéis ao longo dos anos”. Por esse motivo, curiosamente, o fenômeno do crescimento de fiéis ao longo dos anos nas igrejas, suscita pesquisas futuras para compreensão do porquê fiéis, apesar de uma teologia limitante quanto ao seu ser e existir, da discriminação condenatória e cerceamento a sacramentos e cargos eclesiais, continuam a professar sua fé dentro dessas denominações.

¹⁴ ICM Cabedelo. Disponível em <<https://sites.google.com/view/icm-cabedelo/sobre-a-igreja/hist%C3%B3ria-da-icm>>. Acesso em 20 jun. 2024.>

Apesar do exposto, outra construção sócio-histórica importante foram os movimentos sociais LGBTQIA+ no Brasil pós-constituição, entre 1988 e 2018, sua *práxis*, seu agir comunicativo e reivindicações que foram se sucedendo paulatinamente e derrubando óbices ao longo das décadas, conforme a seguir descrito.

1.2 Os Movimentos Sociais LGBTQIA+ no Brasil (1988 – 2018)

O histórico das lutas dos grupos LGBTQIA+ no Brasil, reivindicando justiça social nas arenas de construção de políticas públicas, tem como encruzilhada para sua consecução a contraposição de grupos religiosos contrários as suas pautas. Essa constatação desvela a verdadeira face da democracia, no país, pois não há Estado Democrático de Direito se direitos humanos e civis não existem ou não são respeitados. Por isso, o estabelecimento de análises quanto à participação social e estatal dos atores inseridos no processo das políticas públicas LGBTQIA+, seu reconhecimento e legitimação, além dos contextos em que foram deliberadas nas arenas públicas, se fazem necessárias para compreensão da participação de grupos religiosos, enquanto conformação do pluralismo envolvido no tema ou em conformação de óbice à justiça social pleiteada pela população LGBTQIA+.

Por isso, foram investigadas políticas públicas LGBTQIA+ do período pós-constituição de 1988 para compreensão das reivindicações humanas e civis dessa população. O objetivo foi verificar a religião como elemento de interferência deliberada ou não no processo de políticas públicas para questões da comunidade LGBTQIA+ no Brasil e identificar se houve restrição à consecução das garantias de direitos humanos e civis dessa minoria e identitárias de um Estado Democrático de Direito. Conforme se averiguou, os espaços públicos oficiais de discussão dos direitos LGBTQIA+, assim como o pluralismo ético e interreligioso, em especial a partir de 2013, não existiram. Nem mesmo os movimentos de mulheres foram legitimados, a não ser como reprodutor do discurso heteronormativo, se constituindo em opressão aos discursos de diversidade e gênero (Moreira, 2014).

Nos achados, observou-se que os direitos LGBTQIA+, no Brasil, como reivindicação de justiça social nas políticas públicas, identitárias, ganhou protagonismo a partir da década de 1990. Antes a discussão se encontrava entrelaçada com outras minorias ou temas sobre

sexualidade. Na década de 1990, a partir da Constituição de 1988, os grupos LGBTQIA+, iniciaram movimentos de reconhecimento sociais e políticos, inicialmente, sobre direitos civis e políticos concentrados em temas de violência e saúde dessa população (Citeli, 2005). Por isso, nos anos 2000, se inicia uma série de iniciativas governamentais federais que incluem as questões LGBTQIA+ como componente dos direitos humanos, se concretizando no Programa Brasil sem Homofobia, implantado em 2004 e em 2008, no Programa Mais Saúde – Direito de Todos e na 1ª Conferência Nacional GLBT, que resultou no Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos GLBT, quando foram estabelecidas diretrizes e ações para a elaboração de Políticas Públicas GLBTs, buscando convergir para um Estado Democrático de Direito.

Segundo Citeli (2005), dois dos primeiros trabalhos que abordam direitos LGBTQIA+ no Brasil, opondo movimentos LGBTQIA+ e setores conservadores, assim denominados pela pesquisadora, tratam da discussão sobre união civil entre pessoas do mesmo sexo e processos de adoção por homossexuais. Em ambos os casos, está à questão da norma heterocêntrica, conforme exposto em estudos de Almeida Neto (1999) e Uziel (2002). Já para entender a oposição aos direitos LGBTQIA+, posicionamentos e discursos de atores políticos, em conformidade com setores religiosos, Citeli (2005) cita pesquisa de Santim. Na verdade, esse cenário de disputas do campo político dos direitos LGBTQIA+ por grupos pró e opositores tem no seu centro a discussão da secularização e a laicidade do Estado, pois a secularização não extinguiu ou mitigou a presença da religião no Estado (Ribeiro, 2016).

Por esse motivo, a partir de 2010, a interação de grupos LGBTQIA+ atuantes sociopoliticamente no Brasil, se volta para pesquisas que registrem historicamente a militância e resistência dessa minoria, buscando desvelar as intercessões, paradoxos e transculturalidades, filosófica-sociologicamente, que envolvem as questões LGBTQIA+, conforme citados em Corrêa e Parker (2011). No entanto, essa exasperação de posições ideológicas no mundo, conforme citados em Biroli, Vaggione e Machado (2020), refletidos em neoconservadorismo e em retrocessos, disputas e tensionamentos, principalmente a partir de 2013, trouxeram preocupação aos grupos LGBTQIA+, se refletindo em discussões estritamente políticas, em todo o país, inclusive quanto às reivindicações dos direitos civis

desse grupo e à laicidade das arenas públicas nos processos de construção das políticas públicas LGBTQIA+, principalmente com a contraposição de grupos religiosos.

A constatação de Biroli, Vaggione e Machado (2020) é que, mesmo durante os governos de esquerda, no período de 2004 a 2016, no Brasil, grupos neoconservadores sempre se mantiveram ativos na oposição a quaisquer reivindicações LGBTQIA+, destacando seus posicionamentos nas arenas de políticas públicas LGBTQIA+. É importante lembrar que não coadunam, necessariamente, religiosamente, mas na expressão heteronormativa, indiretamente, pois usam dogmas e doutrinas da religião para justificar e encobrir o heterocentrismo, injustificável contra os direitos humanos e civis LGBTQIA+ (Moreira, 2014).

Ao analisar discursos e posicionamentos nas arenas de políticas públicas, Moreira (2014) inicialmente evidencia o discurso conservador-religioso que justifica ideologicamente a pauta de costumes, se opondo aos direitos legítimos, humanos e civis LGBTQIA+, em seu texto “fundamentados exclusivamente em parâmetros privados, mas projetados para surtir efeitos no âmbito público, reforçando um discurso forte e condenatório” (*Ibid.* p.102-127), inclusive revertendo os argumentos da comunidade LGBTQIA+, como no caso da questão família e adoção, quando conservadores flexibilizam sacramentos cristãos, quanto às questões de divórcio, filhos bastardos, entre outros, encobrendo suas próprias transgressões e desqualificando o sentido cristão da família que os LGBTQIA+ buscam.

Moreira (2014) descreve, ainda, a Frente Parlamentar Evangélica, com mais deputados federais do que alguns partidos (2010-2013), com a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias e concessões do governo em troca da reeleição de Dilma Rousseff. Sob essas três últimas perspectivas já se revelam o acentuado e amplo espectro que esse grupo alcançou de “voz oficial” na defesa de sua política, muito superior às oportunidades de participação plural dos grupos LGBTQIA+ em espaços governamentais. Tal constatação é reiterada por Biroli, Machado e Vaggione (2020), que reforçam as conclusões de Moreira quanto à aliança neoconservadora-religiosa e o discurso privado desse grupo, com efeitos no âmbito público, manipulador e acusador, utilizado por ele nas arenas de políticas públicas contra direitos LGBTQIA+, conforme resumem os autores.

Tomamos o conceito de neoconservadorismo como referência teórica, na medida em que as cinco dimensões apresentadas colaboram para a compreensão do fenômeno que tratamos - alianças entre atores adversos; juridificação dos conflitos políticos de caráter moral; desenvolvimento em contexto liberal-democrático, mas participando, no início do século, de processos iliberais e de erosão das democracias; caráter transnacional; e relação com o neoliberalismo, sobretudo na perspectiva da responsabilização das famílias em meio a processos amplos de privatização e mercantilização (Biroli, Machado e Vaggione, 2020, p. 40).

Segundo Vaggione (Martins, 2022), para esse grupo neoconservador-religioso, o pluralismo interreligioso em espaços públicos democráticos deve ser abolido. Para os autores, essas alianças entre atores adversos, em especial, as alianças entre atores cristãos conservadores e atores não religiosos de direita, têm por objetivo juridificar crenças religiosas transpostas em normas legais, como ocorreram no Brasil, que usou dessa estratégia como arma de opressão contra minorias, assim como usaram o sentido de liberdade de expressão diversa do seu significado democrático.

Por isso, Biroli, Machado e Vaggione (2020) afirmam que essa série de fatores vem corroendo democracias, cerceando direitos humanos, principalmente LGBTQIA+, promovendo movimentos sociais em inimigos, erradicando a justiça social do âmbito público, trazendo grande instabilidade política nos países da América Latina, entre eles, Brasil, Bolívia e Chile. Assim, desdemocratizam¹⁵ Estados, desfazendo ou não cumprindo, o sistema internacional de direitos humanos estabelecidos nas últimas décadas, rompendo com agendas internas e externas de justiça social. Para a consecução dos seus objetivos, esses grupos neoconservadores possuem atuação antipluralista voltada ao autoritarismo, realizando conferências internacionais para discussão de estratégias contra diversidade e igualdade de gênero, com foco na OEA (Biroli, Machado e Vaggione, 2020), revelando caráter de organização e planejamento para um plano de poder transnacional.

Entre 2016 e 2022, novamente a comunidade LGBTQIA+ se viu subtraída com a ocupação do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil. Aqui, cabe ressaltar o que argumenta Moreira (2014) quando relata que, nesses espaços neoconservadores-religiosos, os debates relevantes para a nação são coisa de homem, o que, nesse período, não somente levou esse ministério à subclasse, mas também limitou os

¹⁵ Neologismo utilizado por Biroli, Machado e Vaggione (2020) que significa “erosão da democracia”.

movimentos de mulheres na participação política, em espaços públicos. Tal averiguação de Moreira (2014) desvela que as ações da Frente Parlamentar Evangélica restringiram oportunidades em espaços públicos oficiais e em arenas de políticas públicas, permitindo somente à reverberação da lógica política hegemônica desse período, principalmente aos movimentos de mulheres, pois a participação da população LGBTQIA+ foi obliterada. Por fim, Biroli, Machado e Vaggione (2020) evocam Nancy Fraser, para quem o reconhecimento e legitimação de “moralismo compensatório”¹⁶ e o envolvimento, para além de questões de caráter conservador e religioso, está no pano de fundo do capitalismo e sua face mais corrompível, o neoliberalismo e a desdemocratização. Dessa forma, Martins (2014) explicita a importância da discussão em torno da justiça e reconhecimento para pautar e evidenciar as desigualdades.

A pesquisa realizada, centrada na análise social utilizadas nessa seção, teve por objetivo ser um compêndio que permitisse revelar os contornos da natureza daquilo que ocorreu entre 1999 e 2019, período dos achados da pesquisa bibliográfica e documental, nas arenas de construção de políticas públicas para LGBTQIA+. Assim, se revelou que a religião não é o fim ou caminho da subtração dos direitos das minorias, entre elas os da população LGBTQIA+. Ela se apresenta, antes, como verdadeiramente é, ferramenta de uso de ações neoconservadoras de grupos apoiados estrategicamente com interesses neoliberais diversos daqueles das minorias e da justiça social. Mais do que um pluralismo interreligioso, o que se faz urgente e necessário é um pluralismo ético, pois onde houver a pluralidade de vozes simétricas, a solidariedade, o reconhecimento e legitimação do outro com liberdade e autonomia de participação nas arenas de disputa política haverá essa ética, pois não é a religião o óbice ao alcance da justiça social, mas os interesses antidemocráticos que a usam.

Apesar disso, se fazem necessárias novas pesquisas que compreendam, mais do que estratégias e ações, a motivação de grupos capitalistas hegemônicos em fomentar políticas antidemocráticas contra minorias. Faz-se necessário que as motivações, estratégias e ações

¹⁶ Para saber mais sobre “moralismo compensatório” vide FRASER, N. Entrevista: Nádia Junqueira. Tradução Nathalie Bressiani, em 26 de março de 2020. Capitalismo em debate: Nancy Fraser: “O neoliberalismo não se legitima mais”. *Le Monde diplomatique Brasil*. Acervo On-line. Disponível em <<https://diplomatie.org.br/nancy-fraser-o-neoliberalismo-nao-se-legitima-mais/>>. Acesso em 29 jun.2024.

desses grupos capitalistas hegemônicos sejam reveladas e levadas à consciência daqueles que não a possuem. Faz-se necessário que Estados assumam a responsabilidade de garantir direitos humanos e civis de cada indivíduo, de forma laica, respeitando as subjetividades de cada ser humano.

Assim, após conhecer as condições de caráter protestante e de reivindicações de direitos humanos e civis dos movimentos sociais LGBTQIA+ no Brasil pós-constituição, entre 1988 a 2018, seus aspectos sócio-históricos e que compõe fatos sociais e fenômenos sociais ocorridos no Brasil, resta conhecer as questões culturais que constituem o evangélico LGBTQIA+ identitariamente e o que constituiu o contexto dos últimos dez anos, que afetou a forma de agir e comunicar dos movimentos LGBTQIA+ de igrejas protestantes brasileiras. Assim se busca concluir essa preliminar integrativa.

1.3 A Questão Identitária

Segundo Bernd, Kayser e Mangan (2017), a identidade cultural se conforma em uma unicidade de representações que pode ser identificada em uma singularidade individual ou coletiva. Nesse sentido, Hall (2015) afirma que a identidade na teoria social é formada na relação interiorizada e exteriorizada entre o sujeito e a sociedade, em um diálogo contínuo com a cultura, e que as diferentes identidades culturais pelas quais os sujeitos são formados, não anulam uma a outra, mas são articuladas e entrelaçadas uma à outra. Já Castells (2018, p.54-60) observa que o ator social possui identidades com significados intrínsecos ao próprio indivíduo, conforme afirma “[...] identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções”. Essa observação de Castells caracteriza a perspectiva sociológica da representação e função social que conformam a identidade, nesse caso, de ativistas, militantes e movimentos evangélicos LGBTQIA+ aqui estudados.

Decorrendo sobre o tema, Castells vai afirmar que toda identidade é construída sociologicamente, de forma estrutural e no espaço-tempo, por determinantes de conteúdo simbólico, por identificação ou exclusão, havendo três formas de construção de identidade coletiva, em relação aos atores sociais: a legitimadora, relacionada a relações de poder e dominação social; a de resistência, relacionada à sobrevivência, à opressão e à dominação

social; e de projeto, relacionado à cultura, que busca a transformação da estrutura social. Assim, o autor argumenta que a dinâmica das identidades não as torna essência em si para engessá-las ou encerrá-las *per se*, uma vez que o indivíduo tem uma identidade e, como ator social, um papel no microcosmo da sociedade e, dessa forma, exige inclusão nela, pelo direito a “fazer parte”.

Para Castells (2018, p.32), essa característica de não-engessamento da identidade lhe dá o aspecto de “núcleo resistente à homogeneização e que pode ser semente de mudanças culturais”. Por isso, ele argumenta que essas identidades podem ser transmutadas de “legitimadora” para “de resistência”, “de resistência” para “de projeto”, por exemplo, ao qual ele afirma vir pela determinação empírica e histórica. Assim, o sociólogo afirma que essa transmutação da identidade pode ocorrer com o intuito de transformação da sociedade (Castells, 2008). Apesar dessas explicações, deve-se observar que essa transmutação não significa a mudança da identidade intrínseca ao indivíduo, mas aquela que corresponde ao ator social, constituído pelo sujeito que o indivíduo é na sua relação sociopolítica.

Portanto, pode-se afirmar que a simultaneidade identitária de pertencimento dos evangélicos LGBTQIA+ é formada por indivíduos que possuem sua subjetividade organizada por sua confissão religiosa em conjunto com questões de gênero e sexualidade. Apesar disso, continuam “excluídos”, mesmo estando dentro das igrejas, pois um evangélico LGBTQIA+ somente poderá professar sua fé em uma igreja evangélica, participar dos sacramentos e cargos eclesiais se não praticar sua sexualidade (Silva, 2013). Isso leva à reflexão quanto à existência da diversidade dentro das igrejas evangélicas; uma diversidade latente. O que requer falar em inclusão (Bernd, Kayser e Mangan, 2017), exigindo uma contraconduta, conforme afirma Foucault (2008), e nas situações conflituosas, conforme explica Castells (2013) em contraordem.

Nesse diapasão, verifica-se que Castells (2018) argumenta que um conjunto de atributos culturais interrelacionados forma um modelo de comportamento que se constitui um paradigma cultural. Por esse motivo, pode-se afirmar que evangélicos LGBTQIA+ se diferenciam do paradigma cultural apregoado em igrejas evangélicas, pois não se conformam

ao interesse dominante patriarcal, confrontando essa pretensão hegemônica heteronormativa de identidade evangélica, portanto agindo em contraconduta.

Ressalta-se que essa contraconduta à hegemonia heteronormativa e patriarcal das igrejas evangélicas é baseada na oposição à ausência dos direitos humanos dos indivíduos existentes nessas instituições, pois, nesse contexto, não cabe a reivindicação de direitos LGBTQIA+ nas igrejas como um direito civil, apesar das igrejas se constituírem em uma associação, uma vez que a religião não é uma condição civil, mas de direitos humanos (CF/88, art. 5º, inc. VI). E, embora essa compreensão seja nítida, deve-se observar que evangélicos LGBTQIA+ não podem oficialmente participar de igrejas, portanto, não podem ser aceitos como membros ou em cargos eclesiásticos e, mais do que isso, nos sacramentos¹⁷, pois cabe esclarecer que o conceito de inclusão está contido em condição de vida, em vivência plena dos indivíduos na sociedade e nas suas instituições (Bernd, Kayser e Mangan, 2017).

Não obstante, deve-se destacar que, além dos conflitos eclesiásticos internos, os conflitos externos dos evangélicos LGBTQIA+ com grupos neoconservadores a respeito de questões de cunho sociopolítico institucional acrescentam disputas de discursos concorrentes. Buscando desvelar a opressão do opressor, ativistas e movimentos protestantes LGBTQIA+ se consolidaram, no período de 2019 a 2022, de forma associativa e, eventualmente, em reivindicações que tem intersecção com outros marcadores sociais (Corrêa e Parker, 2011). Assim, a seguir será verificado como essa contraconduta, denominada em contraordem por Castells (2013) e por Touraine (1989), ocorre na *práxis*.

1.4 Conflitos e Discursos Concorrentes

As questões da sexualidade, da(s) homossexualidade(s) e das letras LGBTQIA+, sempre circundaram discussões teológicas em igrejas evangélicas, *vide* edição totalmente destinada ao tema, tal como anteriormente citada, a Revista Teologia e Sociedade da Faculdade de Teologia de São Paulo. As reflexões memoriais descritas na revista expõem os

¹⁷ Sacramentos são ordenanças determinadas por Jesus Cristo, sendo o meio pelo qual Deus derrama sua Graça sobre os seres humanos (Sacramento, In: Wikipédia, 2023. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sacramento>>. Acesso em: 28 mar. 2023).

conflitos e discursos concorrentes. Conforme aborda Pollack (1989, p.4), “existe onde há um conflito e competição entre memórias concorrentes”.

Dessa forma, essas memórias são transmitidas e permanecem vivas, se constituindo em resistência, se opondo aos discursos oficiais de dominação de grupos em uma sociedade englobante (*Ibid.*). Revelar esse cerceamento da fé à diversidade existente nas igrejas protestantes históricas, ocultadas pelos discursos internos de homogeneidade, cujo objetivo é estabelecer um domínio heteronormativo e patriarcal nas igrejas, é o discurso concorrente dos evangélicos LGBTQIA+ em contraposição aos discursos neoconservadores eclesiásticos. Assim, a opressão ao indivíduo, na expressão da sua sexualidade nas instituições religiosas evangélicas, revela o impacto do discurso da conversão¹⁸ para pertencer à sua membresia, cargos eclesiásticos e participação em sacramentos, ou seja, à sublimação da sua sexualidade, conforme explicita reportagem de Sanz (2022), citada na seção **Introdução**. Tal conflito é também evidenciado em reportagem do El País, intitulada *Evangélicos progressistas reagem contra homofobia de pastores e ensaiam avanço na política*, onde vários aspectos desse conflito e dos discursos concorrentes são observados, tais como a homofobia nas igrejas protestantes históricas e sua contraposição pelos protestantes LGBTQIA+:

Fui atacado ao defender a tese de que Deus não faz distinção de pessoas, independentemente de orientação sexual [...]. Dentro das igrejas tradicionais de cunho conservador, também temos gente com pensamento mais aberto. Mas há repressão por parte da alta cúpula a essas ideias. Ou, em alguns lugares, a defesa do que chamamos de inclusão de cabresto. Segundo o religioso progressista, inclusão de cabresto, no que diz respeito à diversidade de gênero, se refere a movimentos que aceitam fiéis declarados LGBTs, desde que se proponham a abrir mão da sexualidade e cumprir voto de castidade. (Pires, 2020).

E, ainda, como em outro trecho da reportagem do El País (*ibid.*): “Nossa percepção é de que os evangélicos não são, de fato, representados, porque os coronéis da fé perseguem as minorias. Não podemos mais aceitar que nossa fé seja associada ao fundamentalismo e à intolerância”.

Dessa forma, indivíduos conscientes, que atuam filosofica e sociologicamente (Corrêa e Parker, 2011), se refletem em discussões sobre as implicações religiosas nas reivindicações

¹⁸Teologicamente, o termo “conversão” relaciona-se ao arrependimento e à fé que leva uma vida orientada por Deus, enquanto “vocação” se refere a chamado (Bíblia de Estudo: Pregando com Poder, SBB, 2009).

eclesiásticas dos direitos humanos LGBTQIA+. Pode-se observar nos argumentos dos ativistas entrevistados os discursos teológicos espontâneos, em que, concepções doutrinárias, como o celibato de LGBTQIA+, ou fundamentalistas, que resultam em intolerância, são questionadas.

Como exemplo de franca disputa de discursos concorrentes, internos, nas igrejas protestantes históricas, há entrevista com o título *Ed René - visão da IBAB* em relação ao público LGBT, em que o pastor narra discursos teológicos espontâneos ocorridos em sua igreja, utilizados por ambas as partes que se contrapõe quanto à concepção de pecado. Por oportuno, cabe esclarecer que a discussão ocorrida tem por tema a inclusão de fiéis LGBTQIA+ na igreja.

[...] uma senhora disse assim: - Eu só quero um pastor que deixe claro, qual é... que deixe claro o pecado. Eu falei: - Qual o pecado? O pecado, por exemplo, dos seus filhos que viajam para o litoral na casa de praia de vocês com as namoradas? Eu posso falar do pecado da vida sexual ativa dos divorciados, descasados, viúvos da nossa comunidade? [...] De que pecado nós estamos falando? É só do gay que estamos falando? (Cafécoma Verdade, 2023).

Em outro momento, em uma conversa pastoral, o pastor Ed René Kivitz fala sobre o posicionamento da Igreja Batista de Água Branca (IBAB) sobre a pauta LGBTQIA+.

- (participante) [...] Eu queria saber, se a IBAB, ela já está aberta a receber esse público, [...], mas eu digo fazer parte da IBAB, fazer parte de um Ministério de Louvor, fazer parte de um... de ser líder de algum Ministério ou até mesmo de pregar como pastor, como muitos são. [...].

- (Ed René) [...] Quando eu disse que nós precisamos conversar sobre a questão de gênero e que não é mais admissível uma comunidade manter esses irmãos e irmãs invisibilizados e alijados da vida da comunidade, [...] Eu tenho certeza que um posicionamento de tornar a IBAB uma igreja inclusiva como se chama, o que eu não acredito nisso, eu não acredito nisso de igreja inclusiva, acredito em igreja [...] Então se chegar uma pessoa aqui na minha frente e eu vou cuidar dela [...] porque nós pastores, nós pastoreamos pessoas e não pautas, [...] mas se aí a IBAB quer ser uma igreja para esse tempo, ela tem que acelerar o passo na conversa [...] a pauta de gênero não é a única da igreja [...]. A IBAB é uma igreja estruturalmente racista, então a questão de gênero não é a única, não é o único pecado da vida de uma igreja. [...] com a certeza de que a teologia não está pronta, definitivamente pronta e que nós vamos fazendo a teologia [...] eu acredito que com uma nova geração a gente vai conseguir dialogar em outros termos, do que eu dialogo com os meus orientadores espirituais que têm 70 e 80 anos de idade (Canal: Cleoci, 2023).

Conforme se observa, conflitos, discursos concorrentes (Pollack, 1989), questões teológicas, novamente sobre o pecado, e questões culturais (Touraine, 1989; Jasper, 2016), de

inclusão (Bernd, Kayser e Mangan, 2017) ou de interseccionalidade e marcadores sociais (Corrêa e Parker, 2011), geracionais (Castells, 2013) estão presentes nos diálogos apresentados. Essas exemplificações de conflitos e disputas internas nas igrejas evangélicas se estendem às arenas públicas e desvelam motivos interseccionais de cunho sociopolítico que evocam o caráter de justiça social, dos grupos evangélicos LGBTQIA+, que são contrapostos por discursos morais e de costume de grupos neoconservadores. Lembrando que a ética considera a perenidade e a universalidade das questões, enquanto a moralidade se resume a uma temporalidade e abordagem específica que se restringe a costumes¹⁹. Essa relação de ética pessoal privada e pública religiosa que contempla essas questões, bem como suas intercessões de cunho sociopolítico, é questionada pelos protestantes LGBTQIA+, em contraposição aos grupos religiosos neoconservadores, se observando que o discurso teológico do pecado catapulta o questionamento sociopolítico, conforme no exemplo retomado na entrevista de Ed René Kivitz, em sua narração:

[...] Eu falei: [...] Eu posso deixar claro o pecado de não registrar os funcionários que trabalham na sua casa? Eu posso deixar claro os pecados de sonegação do seu marido? De que pecado nós estamos falando? É só do gay que estamos falando? (Café com a Verdade, 2023).

Na reportagem de Pires (2020), em que a homofobia nas igrejas protestantes históricas é contraposta pelos protestantes LGBTQIA+, quanto à rejeição à mercantilização das igrejas, revela o papel da mídia, conforme afirma Touraine (1989). Os conflitos passam para a vida privada e a *intelligentsia*²⁰, que deveria mediar a relação entre o sistema político e excluídos, enfraquece pela generalização dos conflitos, pois não conseguem mais mobilizar a massa, assim são substituídos pela mídia²¹. Corroborando, Jasper (2016) considera como arenas estratégicas da sociedade civil a mídia, chamada de estrutura de oportunidades políticas que

¹⁹Concepções atuais não têm distinguido os dois termos, preferindo autores adotar o termo ética em referência à reflexão crítica da moral como disciplina filosófica e o termo moral como o objeto de estudo. No entanto, nesse trabalho é utilizada a concepção de Paul Ricoeur provenientes da concepção aristotélica de ética na perspectiva teleológica e de moral como concepção kantiana com perspectiva deontológica. Para saber mais: GONTIJO, Eduardo Dias. **Os termos “Ética” e “Moral”**. Mental, Barbacena, v. 4, n. 7, p. 127-135, nov. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-4272006000200008&lng=pt&nrm=iso> Acessos em 28 dez. 2024.

²⁰Refere-se a uma categoria ou grupo de pessoas envolvidas em trabalho intelectual complexo e criativo direcionado ao desenvolvimento e disseminação da cultura, abrangendo trabalhadores intelectuais. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Intelligentsia>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

²¹ O texto original usa os termos “informações” e “comunicações”, nesse sentido o texto se encontra “datado” pela distância temporal da criação de novas tecnologias como o advento da Internet.

mobilizam diferentes tipos de protestos. Por isso, a democracia oferece proteções contra ações arbitrárias do Estado (direitos humanos). Assim, os movimentos sociais agem quando o governo fracassa em seu papel (Jasper, 2016).

As exemplificações desses conflitos e disputas internas nas igrejas protestantes históricas, entre protestantes LGBTQIA+ e grupos neoconservadores, não têm ambição de ser exaustivas, pois são muitos os exemplos. Porém, as aqui apresentadas se arrogam serem uma amostra para compreensão do que circunda o tema. Essa afirmação demonstra que as duas vertentes de conflitos identificadas, aquelas inerentes às questões doutrinárias e aquelas de cunho sociopolítico, ambas, em cada âmbito, geram os discursos concorrentes.

Capítulo II

Movimentos Evangélicos LGBTQIA+ no Brasil: Redes de Indignação e Esperança?

A existência de fiéis LGBTQIA+ em igrejas evangélicas, embora sublimada por instituições religiosas, sempre existiu e, com elas, os conflitos internos e externos.

[...] está aí, diante de nós, em nossa realidade todos os dias... e causa medo porque parece desafiar vinte séculos da história da igreja. E, sem dúvida, as igrejas que resolveram estudar o assunto e tomar alguma posição enfrentam sérios problemas. O mais cômodo é fingir que nada tem a ver conosco ou que não afeta a nossa comunidade de fé (Lacerda, 2013, p.26-27).

Na realidade, essa relação de LGBTQIA+ em igrejas evangélicas sempre foi de tensão, conforme relata Lacerda (2013) e, sob a perspectiva brasileira, as questões que envolvem os evangélicos LGBTQIA+ perpassam especificamente por aquelas de simultaneidade identitárias, bem como das questões internas eclesiais e externas às igrejas evangélicas.

O termo “igreja inclusiva”, segundo Natividade (2010), foi cunhado a partir da rejeição à vinculação da ideia de “igreja gay” que vinha sendo utilizada na mídia brasileira, na década de 1990. Pois para evangélicos LGBTQIA+, uma igreja inclusiva deveria ser uma “igreja aberta a todos os fiéis”, extirpando dessa forma o estigma de igreja LGBTQIA+, uma vez que esse termo denotaria um gueto para essa população cristã (Natividade, 2010). Apesar disso, constata-se que o termo “igrejas inclusivas” também foi estigmatizado como igrejas para LGBTQIA+, no qual a alteração do termo “igreja gay”, inicialmente utilizado, para “igrejas inclusivas” não impediu a formação de um gueto “evangélico LGBTQIA+” dentro do amplo espectro evangélico brasileiro (Moreira, 2012).

Assim, se constata que os conflitos permanecem sendo identificados em duas vertentes: aquelas inerentes às questões eclesiais e aquelas de cunho sociopolítico, conforme exposto na seção **Conflitos e discursos concorrentes**. No entanto, para análise desses conflitos distintos, cabe aqui esclarecer que ativismo, militância e movimentos sociais

estão conjugados com política. Assim, essas ações estão conjugadas com questionamentos interna e externamente aos posicionamentos neoconservadores das instituições eclesiásticas em sua organização, direção, administração, métodos, orientação, opinião e influência. Em explicação quanto às diferenças entre ativismo e militância temos a colaboração de Sales:

[...] as expressões ativismo e militância ainda são predominantemente usadas como sinônimos. De fato, as duas palavras nomeiam fenômenos semelhantes. Contudo, considerando todos os questionamentos que os movimentos contemporâneos vêm fazendo às formas tradicionais de contestação, esse uso é impreciso. Mesmo que ativismo e militância nomeiem metodologia para produzir ações coletivas a fim de intervir/interferir nas normas sociais vigentes, é necessário reconhecer que elas designam metodologias diferentes (2019, p.32).

Assim, Sales (*Ibid*, p.121) conclui que “ativistas incentivam experimentação, horizontalidade e autonomia, enquanto militantes tendem a valorizar disciplina, centralização e heteronímia”. Nesse sentido, os ativistas agem de forma mais espontânea, autônoma e independente, enquanto militantes costumam ser identificados em movimentos sociais. Nesse diapasão, Jasper (2016) descreve os movimentos sociais como organizados, intencionais e persistentes, optam pela persuasão que envolve retórica e a cultura, como uma *performance*, que exerce efeito sobre o outro, como os discursos políticos. A cultura, nesse contexto, é formada pela cognição, isto é, tudo aquilo que envolve o recurso da intelectualidade, do agir (consciência), do sentimento, das emoções, das narrativas, da ética e da intuição (saber o que está errado). O foco do movimento social, portanto, é ético, baseado na persuasão, no “fazer o que é certo”.

Da mesma forma, Touraine (1989) afirma que uma ordem estabelecida esconde interesses e conflitos. Por isso, deve haver uma contraordem para desvelar o que está encoberto. Dessa forma, a resistência se mobiliza em coletividade, pois é contra a própria dominação social. Para Touraine, quanto maior a repressão, mais minorias²² aparecem como forma de oposição (resistência). As questões envolvidas na Modernidade, portanto, se tratam das coletividades e do existir e não mais do ser. Assim, o autor explica, em longo corolário, que a estratégia dos detentores do poder é denominar essas minorias excluídas de “marginais”²³, na lógica do conceito de excluídos (marginalizados). Porém, para ele, o que há

²²Touraine afirma que esse é um termo cunhado nos EUA.

²³ À margem de.

é “resistência e não contraofensiva”, “há situação conflituosa²⁴ e não conflitos”. Portanto, nos movimentos sociais, o significado de comportamento marginal, “à margem de”, tem sentido positivo. Por fim, para Touraine, os conflitos para mudança são identificados por sua ação crítica quanto às relações sociais ideológicas ou dos seus padrões de reprodução, a fim de impedir o autoritarismo social, buscando formar uma *grass roots democracy*²⁵, sendo isso um dispositivo da democracia, em seu sentido *strictu sensu*.

A contribuição de Mcadam, Tarrow, Tilly (2009) identifica movimentos sociais como uma forma de confronto político e destaca a reunião de duas perspectivas diferentes, “identidades coletivas e redes sociais”, que visam o enquadramento interpretativo de identidade coletiva e esclarecem que as redes transnacionais de ativistas, por meio de redes sociais, têm os mesmos efeitos que aquelas do movimento social tradicional que são mobilizadas a partir da solidariedade, um laço interpessoal, aceleradas pela velocidade da comunicação da web. Segundo Brigel (2021), há nos últimos anos uma mudança do sujeito e do sujeito de mudança, pois os ativistas nessa nova interação de redes sociais não se reconhecem como um movimento social, apesar das suas dinâmicas de articulação agrupadas em redes descentralizadas, formadas temporariamente por demandas sociais, pois se identificam como vozes que reclamam por justiça, pois estão excluídas do sistema e das decisões.

Apesar do exposto, não se pode esquecer, e deve ser retomado, que as duas vertentes de conflitos identificadas, inerentes às questões doutrinárias e de cunho sociopolítico, devem ser analisadas em suas especificidades de ativismo, militância e movimentos sociais internas e externas às igrejas evangélicas.

Os movimentos evangélicos LGBTQIA+ no Brasil, no período de 2019 a 2022, aumentaram sua atuação em reivindicações religiosas e de cunho sociopolítico, quer seja em formas de participação, quer seja por meio da internet ou das redes sociais. Por esse motivo, a identificação da diversidade de modelos, principalmente de militância, é necessária para

²⁴ Conflito contínuo e permanente.

²⁵ Por *grass roots democracy* compreende-se os componentes para a base de um sistema político democrático. Ver em TOURAINE, Alain. *Os novos conflitos sociais: para evitar mal-entendidos*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p.17-18, 1989

esclarecer todas as formas de articulação entre esses movimentos. Porém, antes da identificação desses movimentos no Brasil, uma análise das redes de indignação e esperança de Castells (2013) será discutida, visando esclarecer os novos dispositivos que se agregaram àqueles anteriormente discutidos por Touraine (1989) e, dessa forma, atualizá-los ao contexto em que vivemos, tais como, novas expectativas das relações socioideológicas ou provenientes da criação de novas tecnologias, assim como o advento da internet.

Nesse contexto, Castells em sua análise, nos remete a vários conceitos de teóricos ao detectar um novo padrão de movimento social em consonância com as mudanças na forma de se comunicar, dentre elas a análise de Touraine, revelando o caráter cultural envolvido, quando afirma vislumbrar novas formas de mudança social baseada em novas formas de compreensão da vida, e com Jasper (2016), ao expor que os protestos são ações dos indignados e esperançosos em mudanças, reivindicando justiça social e democracia real. Também ao ressaltar que esses novos movimentos perpassam pela questão da legitimidade política e, portanto, pelo reconhecimento e por desvelar relações de poder (Fraser e Honneth, 2003); por último, as abordagens de Gramsci (1982) e sua dominação simbólica e de Foucault (2008) a sua contraconduta.

A contribuição de Hall (2015, p.41) afirma que “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação” e faz interessante tangência entre identidade e representação, que aqui podem ser utilizadas, em consonância, com a teoria das redes de indignação e esperança de Castells. Nela, o sociólogo traz o conceito de “compressão espaço-tempo” associado ao conceito de identidade e diz que esses dois conceitos são “coordenadas básicas de todos os sistemas de representação”. No conceito, o teórico, argumenta que a “compressão espaço-tempo” associado à identidade, politicamente, influencia posicionamento e conjunturas dos sujeitos em sua “formação em” e “para tempo e lugares específicos”. A partir desse conceito, Hall (2015, p.43) afirma que “o espaço global é um espaço de fluxos, um espaço eletrônico, um espaço descentrado, um espaço no qual as fronteiras e limites tornam-se permeáveis”. O que leva Hall a citar Kevin Robins (2015, p.47) “[...] à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso”. Isso recorda Touraine (1989) em sua teoria dos novos

movimentos sociais, cuja gênese deu origem ao que Castells viria a formular quase três décadas depois.

Castells (2013) destaca o “estilo” dos movimentos e as novas formas de movimentos sociais articulados por redes sociais “característicos da sociedade em rede e da estrutura social da era da informação”. Esclarece que os novos movimentos sociais se caracterizaram, ainda, por ignorarem partidos políticos, desconfiar da mídia tradicional, não reconhecer lideranças e rejeitarem organizações formais, sustentando debates e tomadas de decisão por meio da internet. Aprofundando sua teoria, explica que as redes são sustentadas pela troca de informações que constitui a comunicação, que dá significação à produção social que, para além da comunicação interpessoal, é comunicação socializada, caracterizada pela diversidade, caracterizada pela comunicação de massa, uma “comunicação digital multimodal” que, para o teórico, leva a construção da autonomia do ator social.

Assim, Castells afirma:

[...] a autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, subvertendo o controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação, [...] estimulando indivíduos a ampliar as redes formadas na resistência à dominação e a se envolver num ataque multimodal a uma ordem injusta (2013 p.13-14).

Castells (*Ibid.*, p.126), ao descrever as redes de indignação e esperança, descreve o processo de construção desses movimentos, que se inicia quando as pessoas começam a reivindicar mudanças sociais quando os governos não as efetuam. Então, diz o autor, se desencadeia uma indignação que leva a uma ação comunicativa. Quando a mudança ocorre, as pessoas se tornam esperançosas. No caso desses novos movimentos sociais, a partir das duas últimas décadas, com seu cerne em questões de cultura, o autor afirma que foram constituídas em autocomunicação de massa, pois são formadas por redes sociais que há na web. Sendo esse formato o modelo padrão desses movimentos, requerendo justiça social.

Assim, ele dispõe as características desse novo paradigma dos movimentos sociais do século XXI, sendo eles assim discriminados: conectados em redes de múltiplas formas que viralizam com audiovisuais; estão em um espaço da autonomia, para contestação, geradas de forma híbrida, virtual e física; compreende um espaço-tempo que as tornam locais e globais,

em fluxos de comunicação e interação; são autorreflexivos, horizontais, sem liderança formal e não-violentos; raramente são programáticos, pois são espontâneos, voltados para a mudança dos valores da sociedade, por meio da mudança de percepção da opinião pública (Castells, 2013).

Segundo Castells (*Ibid.*), esses novos movimentos sociais do século XXI são para além da urgência presente. São projetos de futuro, com objetivo de transformar indivíduos em sujeitos com liberdade e autonomia, individuação e não individualismo, para transformação cultural da sociedade e construção de um novo contrato social.

Assim, para Castells (*Ibid.*), a sociedade em rede é um poder multidimensional que, não somente, se organiza em redes, mas em valores e interesses que influenciam o pensamento humano. Nesse sentido, a diversidade de modelos de militância, dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ de igrejas, no Brasil, visam fazer resistência, em várias formas de articulação, contra a dominação de um discurso englobante heteronormativo e patriarcal contra opressões religiosas e de cunho sócio-políticos. Por isso, os movimentos evangélicos LGBTQIA+, na verdade, tem agido em conformidade com teoria de redes de indignação e esperança de Castells. Além disso, se faz necessário esclarecer que os movimentos evangélicos LGBTQIA+, na verdade, tem agido em intersecção com outros marcadores sociais, como movimentos evangélicos progressistas se articulando em redes, conforme afirma José Barbosa Jr.:

Desde os históricos MEP e EPJ, que existem desde a época da ditadura quanto aos mais novos como a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, que surge por ocasião do golpe de 2016 e os Cristãos Contra o Fascismo, que surge na última eleição, em 2018. Além de vários grupos evangélicos com pautas identitárias, feministas, pela diversidade sexual, negras e negros, universitários [...] (2023).

Cabe esclarecer que, apesar de José Barbosa Jr. remeter o Movimento Evangélico Progressista (MEP) e o Evangélicos Pela Justiça (EPJ) à época da ditadura, a fundação da MEP, apesar de gestada desde a segunda metade dos anos 1980, somente se concretizou em

1990, enquanto o EPJ se identifica como um grupo em formação de evangélicos/protestantes desde 2011²⁶.

Com base na exposição dessa seção resta, então, analisar os movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros, de igrejas, no período de 2019 a 2022.

2.1 Ações Web-Políticas dos Movimentos Evangélicos LGBTQIA+ Brasileiros (2019-2022)

Um exemplo de militância e articulação atualmente no Brasil, incluso no modelo multimodal de Castells (2013), é o Evangélicxs pela diversidade²⁷, a partir desse trecho denominado textualmente Evangélicxs. Iniciado por três ativistas, sendo dois de Brasília e um de Curitiba, promoveu conteúdo digital nas redes sociais, até ser formalmente organizado em 2017, como uma articulação de pessoas LGBTI+ e aliades, se tornando público em 2018. Com o rápido crescimento nas redes sociais, o Evangélicxs iniciou a formação de núcleos espalhados nas cinco regiões do País, se tornando interdenominacional.

[...] a fim de lutar contra a violência cis-heteronormativa e lgbtfóbica de grande parte das igrejas evangélicas e disputar as narrativas do sagrado e da espiritualidade em diálogo com a diversidade sexual e identidade de gênero (Evangélicxspeladiversidade, 2023).

Hoje, possui articulação com outros movimentos, tal como a plataforma Intersecções e sua iniciativa Novos Diálogos, agência de conteúdo e informação, e tem páginas em pelo menos nove redes sociais, dentre elas Facebook, Instagram, X (antigo Twitter), Youtube etc. Se autodefine como:

uma iniciativa para ampliar e qualificar a conversa sobre a relação entre diversidade sexual, identidade de gênero e fé cristã evangélica no Brasil (Evangélicxspeladiversidade, 2023).

Cabe aqui ressaltar que, no curto intervalo entre o acesso à página nossa-história, em 25 de julho de 2023 e, em segundo acesso à mesma página, em 20 de junho de 2024, o site do

²⁶ Para saber mais, ver: **A Esquerda Evangélica**, disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-esquerda-evangelica/> (acesso em: 07/03/2025) e em **EPJ – Evangélicos Pela Justiça**, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/evangelicospelajustica/> (acesso em: 07/03/2025).

²⁷ Dados disponíveis em: <https://evangelicxs.com/nossa-historia/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

Evangélicxs não responde à busca por esse domínio e o representante do movimento, que aparece à frente, inclusive, de *crowdfunding* (vaquinha) nas redes sociais, é Luiz Fernando Botelho Cordeiro e não mais os ativistas que o fundaram. Em 23 de agosto de 2022, no campo de busca de currículos do *site* Lattes²⁸, Luiz Fernando Botelho Cordeiro se identifica, entre outros, como:

Coordenador do Evangélicxs e Teólogo. Estagiário na *Global Interfaith Network* e membro da “Coalizão Religiões e Crenças em Diálogo com a Sociedade Civil” na OEA (Organização dos Estados Americanos) (Lattes, ID: 4400443875614325, 23 ago. 2022).

Não obstante, em acessos posteriores realizados em datas diferentes nas redes sociais do Evangélicxs, nomes dos representantes e suas respectivas imagens não condiziam àquelas verificadas em acessos anteriores. Contudo, em nenhuma postagem foi localizada a informação de perseguição aos seus membros e restrição de acesso por esse motivo.

Outros movimentos são citados no *Manual de cristianismo e LGBTI+*, uma realização da Rede GayLatino e da Aliança Nacional LGBTI+. Entre eles, estão movimentos de fiéis provenientes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, denominados Inclusão Luterana, com sua sede em São Paulo, e da Igreja Metodista no Brasil, denominada Inclusão Metodista, também com sede em São Paulo. Já os vários movimentos da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), que possui uma pastoral da diversidade, não serão estudados, pois apesar de se encontrarem dentro de uma igreja evangélica originalmente, a IEAB, a partir de 2018, referendou e publicizou a “Palavra da Câmara Episcopal”, quando reunidos na 15ª Conferência de Lambeth²⁹ tornaram acessível a todas as pessoas LGBTQIA+ o matrimônio, denominado casamento igualitário, e sua participação no laicato e ordenações, podendo servir plenamente nos diversos ministérios da Igreja.

²⁸ A Plataforma Lattes é um repositório de acesso aberto e contém dados coletados, gerados e utilizados nas pesquisas apoiadas pelo CNPq, sendo a integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações de Dados de Pesquisa, denominado LattesData. Para outras informações: <<https://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 03 jan. 2025.

²⁹Disponível em: <<https://www.ieab.org.br/2022/07/31/palavra-da-camara-episcopal-reunida-na-15-conferencia-de-lambeth/>>

Assim, retomamos os movimentos dos fiéis provenientes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, denominada Inclusão Luterana, e; da Igreja Metodista no Brasil, denominada Inclusão Metodista, para consecução das análises.

O Inclusão Luterana se autodenomina um movimento que busca dar visibilidade à comunidade LGBTQ+ nas igrejas luteranas brasileiras e luta pelo casamento e ordenação igualitários, possuindo páginas em pelo menos cinco redes sociais, dentre elas Facebook, Instagram, Tiktok, Youtube e uma destinada a *crowdfunding*. No seu site³⁰, de domínio próprio, informa ter sido criado em 2014. No entanto, sua primeira postagem é de 08 de maio de 2021 e a última de 08 agosto de 2022, enquanto suas postagens no Youtube se iniciam em 18 de julho de 2022 e se encerram em 08 de março de 2023. No Facebook, sua primeira postagem é de 07 de fevereiro 2015 e a última postagem é de 28 de junho de 2023. O Instagram desse movimento correlaciona o Inclusão Luterana com outras contas. No Youtube, se encontra, ainda, o canal Luteranos pela Inclusão, que se autodescreve “se destinar e ser mais um meio de comunicação, na sua missão de dar voz e visibilidade aos LGBTQ+ inseridos e inseridas dentro das comunidades luteranas brasileiras”. Apesar desse canal ser mais antigo, pois está inscrito desde 13 de dezembro 2014, sua primeira postagem é de 28 de julho de 2016 e a última de 28 de julho de 2016, contendo apenas hinos evangélicos.

O Inclusão Metodista possui página no Instagram e se autodenomina um movimento de “metodistas pela inclusão, acolhimento e afirmação dos dons e ministérios das pessoas LGBTQ+ na Igreja”, possuindo apenas 17 publicações. Apesar disso, possui 1.005 seguidores e segue 71 pessoas. Possui apenas um vídeo publicado, *Metodismo e Inclusão LGBTQIA+ no Youtube*, de 09 de julho de 2021, transmitido pelo canal Quero abraçar todo o mundo.

Curiosamente se observa que, dos três movimentos LGBTQIA+ originados de igrejas, somente o Evangélicxs está ativo, ainda publicando em suas redes sociais. Uma questão relevante é que o predomínio de publicações dos movimentos se dá entre 2015 e 2023 e, massivamente, entre 2021 e 2022, período crítico pré-eleição presidencial, em que seria decidida a manutenção de um governo de extrema-direita ou a volta de um governo de coalizão de centro-esquerda, em que o de centro-esquerda ganhou a eleição (Quadro 1).

³⁰ Disponível em: <<https://inclusaoluterana.com.br>>

Quadro 1 - Número de postagens dos movimentos no Youtube

Youtube	Evangélicxs	Inclusão Luterana	Inclusão Metodista
Período a partir do início das postagens na rede	(29/08/2018 a 26/06/24)	(18/07/2022 a 26/06/24)	(09/07/2021 a 26/06/24)
Número de postagens	26	06	01
Período entre 2019 e 2022	(01/01/2019 a 31/12/22)	(01/01/2019 a 31/12/22)	(01/01/2019 a 31/12/22)
Número de postagens	20	05	01

Fonte: Youtube (Evangélicxs; Inclusão Luterana, Canal: Quero abraçar todo o mundo, 2024).

Não obstante, pode-se afirmar que as redes sociais do Inclusão Luterana e do Inclusão Metodista não mantêm a consistência inicial, posteriormente, considerando o número, intervalo e postagens realizadas. Observa-se ainda que, em seu site³¹, o Inclusão Luterana cita explicitamente a omissão de informações sobre seus representantes por ameaças feitas a eles.

Figura 2 – Comunicado de ataques ao Inclusão Luterana – Rodapé



Fonte: Site Inclusão Luterana (2022)

³¹ Disponível em: <<https://inclusaoluterana.com.br>>. Acesso em 29 out. 2024.

2.1.1 Análise das ações web-políticas dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros no Youtube (2019- 2022)

As ações web-políticas³² dos movimentos sociais envolvidos na questão “evangélica LGBTQIA+”, em especial no Youtube, são reveladoras da forma de fazer política desses movimentos, pois para além do texto em si, discurso e narrativa, também as formas de imagem, entre elas o enquadramento, plano e ângulo e, ainda, o formato de realização, quais sejam, roda de conversa, conversa, palestra etc., e o modelo de armazenagem, individual ou *playlist*, o espaço-tempo de realização, gravados ou *lives*. Todas essas características específicas das postagens possuem uma função contextual e narrativa. Sendo assim, não serão analisados todos os vídeos, cada um, em uma dessas opções, mas alguns que em cada opção se destacaram ao que possa influenciar a compreensão cognitiva, contextual e em narrativa, de quem os assiste, embora a questão orçamentária para suas realizações restrinja notadamente alguns vídeos. Tal consideração decorre de se constituírem em quase sua totalidade de vídeos caseiros. Apesar disso, dentro da capacidade orçamentária, o que não depende dela é sobreposto pela criatividade.

Por esse motivo, a seguir, será esclarecida nessa seção a função de cada escolha para realização de audiovisuais e a importância de cada uma dessas opções para a construção de narrativas, voltadas para a mudança dos valores da sociedade, por meio da mudança de percepção da opinião pública.

Assim, entre as principais formas de imagem utilizadas em um vídeo está o enquadramento (Primeiro Filme, 2024), denominado plano, que pode ser aberto, médio ou fechado, contribuindo para a compreensão do contexto e elaboração da narrativa. Dentre as escolhas de plano, o aberto se caracteriza por apresentar amplitude da imagem, em desvelar o cenário onde se encontram os interlocutores. O plano médio se caracteriza por concentrar a imagem nos interlocutores e desvelar seus corpos, e não o cenário em si. Por fim, o plano fechado se concentra apenas em parte do corpo dos interlocutores, dando a eles destaque. Os ângulos (Primeiro Filme, 2024) podem ser quanto à altura - o ângulo normal, aquele que está

³² Segundo Py (2021), ações web-políticas são ações políticas realizadas na web e que se configuram por meio de materiais postados na forma de vídeos de curta duração e de fragmentos de textos que conformam narrativas nas redes sociais.

na altura dos olhos dos interlocutores; *plongée*, olhar de cima para baixo; e *contra-plongée*, olhar de baixo para cima -, ou, ainda, quanto ao lado do ângulo - que pode ser frontal, em que os interlocutores estão de frente; na opção $\frac{3}{4}$, os interlocutores estão posicionados em ângulo de 45° com a tela; de perfil, em que os interlocutores estão posicionados em ângulo de 90° com a tela; e em nuca, quando os interlocutores estão de costas para a tela. Quanto ao formato de realização, os vídeos podem ser feitos em forma de “roda de conversa”, em que vários interlocutores, embora em cenários e, portanto, em telas separadas, dialogam, conforme ensinam Moura e Lima:

No contexto da Roda de Conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nesta acepção, remete à compreensão de mais profundidade, de mais reflexão, assim como de ponderação, no sentido de melhor percepção, de franco compartilhamento. (2014, p.98)

Os vídeos podem ser realizados, ainda, em formato de conversa, nos quais dois interlocutores dialogam entre si. Existem, ainda, vídeos do tipo pergunta e resposta, em que um único interlocutor responde a perguntas realizadas, em algum momento anterior. Outro formato é do tipo palestra, em que é realizada uma apresentação oral que pretende apresentar informação ou ensinar pessoas a respeito de um assunto. Quanto ao modelo de armazenagem, no Youtube, podem ser apresentados de forma individual ou *playlist*, nas quais vários vídeos são arquivados em blocos, por tema. Quanto ao espaço-tempo de realização, os vídeos podem ser pré-gravados, editados ou não, ou podem ser do tipo *live*, caracterizado por serem realizado ao vivo, sem interrupção e com participação simultânea em chat. Em todas as formas de realização dos vídeos, conforme dito anteriormente, as escolhas se tornam detalhes que possuem uma função contextual e narrativa.

Apesar dessas explicações, para compreensão das formas de imagem e formatos de realização das publicações dos audiovisuais no Youtube, deve-se esclarecer que as análises textuais, de discurso e os seus enunciados transmitem uma mensagem que é elaborada e construída em conjunto com os detalhes visuais, conformando o contexto, o discurso e narrativa que se busca alcançar junto ao receptor do discurso, por meio da estruturação da história e narrativa, que cognitivamente leva a sua interpretação pelo receptor da mensagem

(Cunha Peixinho, 2020). Assim, se observa detalhes dos vídeos, audiovisualmente, publicados pelos movimentos evangélicos LGBTQIA+ pesquisados no Youtube, os quais, por se destacarem em alguma forma de contextualização e narrativa, se tornaram exemplo para análise, principalmente quanto ao plano, formato de realização, modelo de armazenagem ou, ainda, quanto ao espaço-tempo de realização. Conforme explorados e analisados nas próximas seções. Mas, antes, cabe esclarecer que, sendo um estudo baseado em análise de narrativas, algumas outras discussões não contidas na seção são necessárias.

Assim, destaca-se que, para Bauer (2008, 14-30), a pesquisa social é construída sobre processos de comunicação, sejam eles formais ou informais, em que a comunicação contém retórica que busca persuadir o ouvinte e alcançar seu engajamento à ideia que está sendo comunicada. Portanto, para o autor, a retórica é construída pelo *logos* (argumento), pelo *pathos* (emoções) e pelo *ethos* (ética) que deve ser interpretada para apreender a realidade social historicamente, que busca compreensão crítica emancipatória. O *logos*, componente da retórica, é o argumento. Por sua vez, o argumento é composto pelas afirmações, justificativas ou oposição a determinadas opiniões para persuadir o interlocutor, que deve ter coerência e consistência. Bauer cita Toulmin ao afirmar que a argumentação é um ato social que formula proposições e as fundamenta com razões (Bauer, 2008).

As análises, então, são realizadas a partir da análise do recorte (*corpus*) das representações dos atores sociais que interagem no processo de comunicação. Segundo Bauer (2008), o *corpus* não pode ser selecionado aleatoriamente. Por esse motivo, não é realizar a análise de um recorte ou vários, mas analisar uma *corpora* – coleção de dados de linguagem estruturados por parâmetros, em conformidade com o canal utilizado (texto, áudio etc.) que formam uma tipologia hierárquica de registros - metodologicamente denominado indutivista. Nesse sentido, as próximas seções buscarão narrativas nas postagens audiovisuais do Youtube, pois segundo Castells (2013) as imagens contêm poder narrativo, visando a *corpora* que identifica os determinantes da teoria das redes de indignação e esperança nos enunciados e em toda a constituição do audiovisual dos movimentos evangélicos LGBTQIA+, uma intersecção do período estudado.

Essa busca específica pelos determinantes da teoria de Castells não se obtém nas narrativas dos movimentos pesquisados de forma direta. Ela se encontra naquilo que as narrativas desvelam das motivações, sentidos, significados e contextos que são encontrados na *corpora* dos audiovisuais analisados. Assim, além da perspectiva das análises de redes sociais trazida na seção metodológica da abordagem de Cunha e Peixinho (2020), D’Addario (2018) e Marc A. Smith (Cunha; Peixinho, 2020), deve-se observar aquelas do objeto das análises, as narrativas.

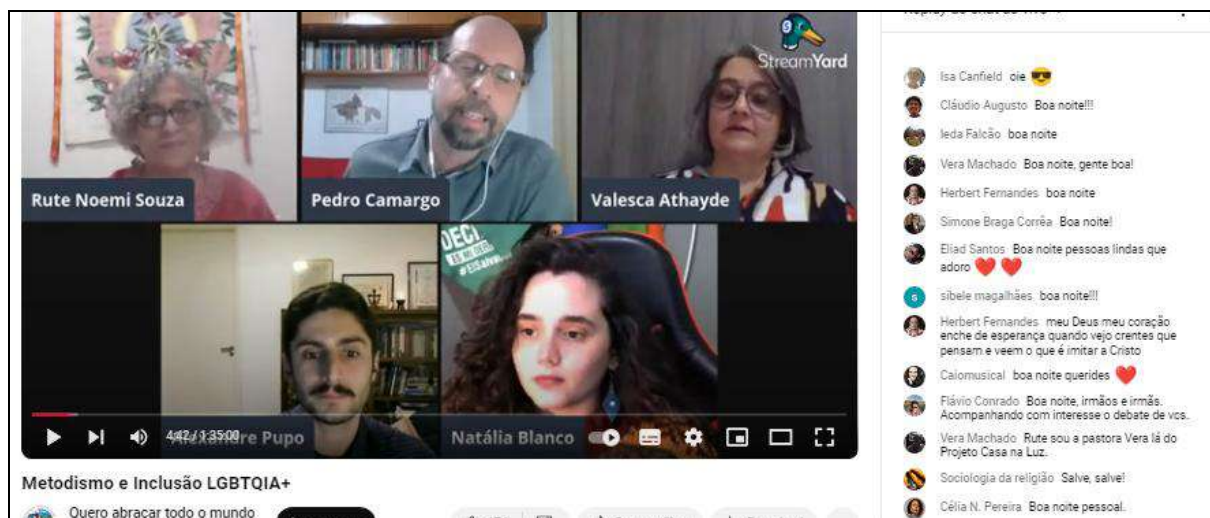
As narrativas, afirma Bauer (2008), conformam fenômenos sociais e constituem a ideologia de grupos sociais, enfocam experiências, acontecimentos e ações, incluindo uma avaliação do resultado, a partir do sistema simbólico do ator que narra. Além disso, Bauer argumenta que a narrativa é composta pelo enredo que, estruturado em um contexto sócio-histórico, descreve a história dando sentido a ela, para esclarecer o que está implícito.

Dessa forma, as análises que se seguirão nas próximas seções têm por expectativa, não somente analisar determinantes da teoria de Castells, mas verificar os contextos sócio-históricos, a retórica e argumentos que sustentam as narrativas dos atores sociais que representam os movimentos evangélicos LGBTQIA+ em sua ideologia e posicionamento, desvelados em suas narrativas, por meio da *corpora*.

2.1.1.1 Ações web-políticas do Inclusão Metodista no Youtube

A única postagem de vídeo no Youtube, do Inclusão Metodista, denominado *Metodismo e Inclusão LGBTQIA+*, em 09 de julho de 2021, foi transmitido pelo canal Quero abraçar todo o mundo, o qual não pertence ao Inclusão Metodista. Quem representa o canal de vídeos é Rute Noemi, que se identifica como advogada, mestre em serviço social, pastora e artista, que diz que “o canal existe para conversas, reflexões e aprofundamento em temas que atravessam, entre outros, temas sobre direitos humanos e questões de gênero”. O canal existe desde 30 de setembro de 2013 e até 25 de junho de 2024, possuía 1,36 mil inscritos e 271 vídeos. Rute Noemi possui, ainda, canais denominados Quero abraçar todo o mundo, no Facebook, e Rute Noemi, no Instagram.

Figura 3 - Metodismo e Inclusão LGBTQIA+



Fonte: Quero abraçar todo o mundo (Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 jul. 2021).

O vídeo *Metodismo e Inclusão LGBTQIA+* possui 3.148 visualizações e foi transmitido ao vivo, para debater “como a Igreja Metodista lida com pessoas LGBTQIA+”. Tem a participação principal dos metodistas Rute Noemi Souza, Pedro Camargo (pastor metodista da 3ª região, São Paulo), Valesca Athayde, Alexandre Pupo e Natália Blanco, além de participações em chat. Embora possuía 54 comentários, dentre eles vários negativos, somente há *likes* positivos, totalizando 171 jainhas³³ até 25 de junho de 2024. Na discussão, em forma de roda de conversa, Rute Noemi, se identifica como metodista e esclarece que a ideia da discussão é fundamentada no lema da Igreja Metodista: “pensar e deixar pensar”. A discussão se inicia com a apresentação, por Pedro Camargo, dos documentos públicos da Igreja Metodista, dentre eles, *AIDS desafio pastoral e solidariedade*, de 1996, com foco no pastoreio de pessoas portadoras de HIV ou em estágio sintomático; *A igreja e a questão do homossexualismo: uma orientação pastoral*, de 2000, com seu posicionamento em relação aos LGBTQIA+ e temas pertinentes, contrários à prática da homossexualidade; os documentos Cânone, de 2017, artigo 61 e Norma para celebração de cerimônias e rituais, de 2018, inciso VI, itens 5 e 8, contrários ao direito a sacramentos e ordenação de fiéis LGBTQIA+. Conclui dizendo:

³³ O *like*, também conhecido no Brasil como jainha, é uma funcionalidade presente em diversas plataformas de mídia social, como o Facebook, Instagram, YouTube e X (antigo Twitter). Essa função permite que os usuários expressem se gostaram ou não de determinado conteúdo, seja uma postagem, foto, vídeo ou comentário.

[...] a igreja não produziu estudo bíblico e doutrinário aprofundado sobre o assunto, em nenhum momento a igreja produziu, esclareceu ou fez uma exegese bíblica mostrando o significado daqueles textos e tudo mais [...] (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09/7/2021).

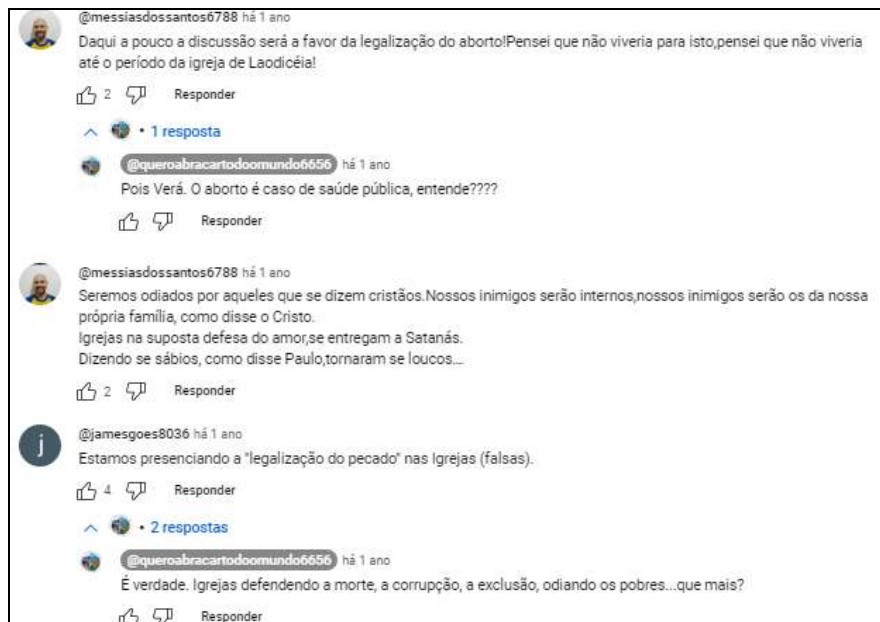
Em seguida, Valesca Athayde se apresenta como mãe de LGBTQIA+ e narra sua experiência e sua história de negação e de conflito interno até a aceitação, bem como a não aceitação da Igreja Metodista, quanto à homossexualidade da sua filha, o consequente afastamento da moça da igreja pela rejeição velada e condenatória pela qual passou e que a filha perdeu sua igreja. Em seguida, narrou sua trajetória entre conhecer outros LGBTQIA+ metodistas até sua luta, junto a esse grupo, de aceitação eclesial de fiéis LGBTQIA+. Assim, revela que o movimento se originou espontaneamente por pessoas indignadas, com ações da instituição confessional. Nesse sentido, na narrativa de Valesca Athayde, a indignação das pessoas é expressa por meio de suas reivindicações, quer seja quanto ao fim da homofobia institucional, o fim da exclusão institucional de fiéis LGBTQIA+, quer seja pela inclusão desses fiéis LGBTQIA+ nos sacramentos e ordenação eclesiástica.

Rute Noemi, em resposta ao depoimento de Valesca Athayde afirma: “[..] foi a igreja que perdeu a sua filha [...] porque a igreja joga fora pessoas, por muito pouco, principalmente por um preconceito de obscurantismo teológico” (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 jul. 2021).

De forma clara, questões culturais (Touraine, 1989; Castells, 2013; Jasper, 2016) e de inclusão (Bernd, Kayser e Mangan, 2017) são o cerne dos problemas apresentados.

Alexandre Pupo narra sua vivência e experiência LGBTQIA+ metodista e religiosa, afirmando que é um grupo que age por princípios e valores e com ética cristã, lembrando Jasper (2016) quanto “ao fazer o que é certo”. Apesar disso, argumenta que “no Brasil, enquanto Igreja Metodista, temos tido um problema muito grande de fazer boas reflexões teológicas e enfrentar temas tão importantes e necessários”. Durante sua exposição, Alexandre Pupo (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 de jul. 2021) é interrompido por postagens no chat da *live* e cita a intervenção, em que dizem: “Saíam da Igreja Metodista e abram a sua própria.” e “O que vocês estão querendo na Igreja Metodista com esse tema?”

Figura 4 – Comentários ao vídeo Metodismo e Inclusão LGBTQIA+



Fonte: Quero abraçar todo o mundo (Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09/7/2021)

Nota-se a exclusão cotidiana vivenciada por evangélicos LGBTQIA+. Lembrando Bauer quanto à retórica e ao argumento, ao observar que as duas frases possuem uma afirmação negativa, há necessidade de se remeter a Py (2021) quando o autor retoma o tema do fascismo, citando Lowy e Benjamin, respectivamente, que afirmam: “desde que não haja perturbação ao regime de propriedade posto” e “não contestando a ordem posta ou fazendo reivindicações que afetem a estrutura social podem se manifestar”. Não somente no chat, mas nos comentários se leem várias manifestações que imbricam, inclusive, a vida privada com a pública, em temas como o aborto, por exemplo.

Pupo (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 jul. 2021), a seguir, faz uma análise dos posicionamentos das Igrejas Metodistas no mundo e suas cisões institucionais, fazendo uma intercessão com elementos raciais, ideológicos e políticos não cristãos que a Igreja Metodista referendou em sua existência e também quanto à formulação em que se condena a prática da homossexualidade como incompatível com o ensino cristão. Verifica-se que o destaque às posições históricas da Igreja Metodista sobre raça, misoginia, entre outros, demonstra as interseccionalidades e as transversalidades que perpassam o tema LGBTQIA+ na igreja, pois a “permissão” dessas violências e hostilidades,

desses pecados e outros narrados no texto daqueles se identificam no padrão hegemônico patriarcal heteronormativo, ecoam também nas reivindicações dos fiéis LGBTQIA+.

Por fim, o metodista Pupo lembra o posicionamento de fiéis LGBTQIA+ que, segundo ele, ajudam a fortalecer a caminhada:

[...] não estamos sozinhos no testemunho de cristãos e cristãs LGBTs que tem lutado e permanecido dentro da igreja, apesar das doutrinas excluírem, e, que na nossa perspectiva Cristã não estão de acordo com a vontade de Deus (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 jul. 2021).

Assim, todas as indignações narradas são concluídas pelo discurso esperançoso de “nós não vamos sair da igreja” como posicionamento consciente de contraordem, buscando, conforme a teoria de Castells (2018), a *transformação das relações de poder*. Outra característica da teoria é quanto à cooperação e solidariedade que promovem a esperança entre os ativistas e militantes.

Em seguida, Natália Blanco expõe sua perspectiva e diz que:

[...] antes de nós, passaram por situações extremamente violentas, eu não quero mais passar por isso, [...] eu não quero sair da Igreja Metodista para abrir outra igreja, eu quero continuar nesse espaço que é meu também [...] que isso não seja um fator de promoção de morte [...] nesse discurso que a gente não condena o pecador, mas você não serve para ficar na igreja [...] essa palavra que chega como uma flecha [...] a Igreja Metodista não tem que compactuar com um discurso que promova a morte [...] muita gente sempre traz essa dimensão da vivência LGBT sexual, mas tem muitas outras coisas [...] em minha opinião muito ambíguas, essa coisa diz, mas não diz, acaba reforçando também uma visão de práticas dentro da igreja de que você pode ser LGBT, você pode colocar os seus dons e ministérios, sua força de trabalho para a comunidade, para sustentar a comunidade, mas você não pode ser quem você é, a gente te aceita para utilizar o seu corpo, o seu dom, possibilidades de trabalhos que a gente exerce dentro da igreja, mas para colher as suas dores não (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 jul. 2021).

A descrição de Natália Blanco revela as percepções e sentimentos de morte que toda a forma de exclusão, violência e hostilidade sofrida, institucionalmente, evocam no seu argumento. Em sua narrativa está toda a dor e sofrimento, o *logos*, o *pathos* e o *ethos* espelhados no seu discurso, que sustenta sua retórica.

Como mediadora, Rute Noemi, intervém e corrobora a fala de Natália Blanco:

[...] você faz uma denúncia seríssima, a igreja acaba estabelecendo uma relação utilitária com as pessoas, mas é incapaz de ouvir e de acolher as demandas (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 jul. 2021).

Rute Noemi (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 jul. 2021) continua sua intervenção e diz: “Eu tava (sic) tentando acompanhar o chat, mas vi que não vale à pena, me desculpem com todo respeito, estabeleceu outra reunião, outra roda de conversa”. Em seguida, pede considerações finais dos interlocutores principais.

Com a palavra, Valesca Athayde desvela em seu discurso o *logos*, o *pathos* e o *ethos* da sua retórica ao narrar o cerceamento e exclusão que sua filha sofre na igreja metodista, utilizando o recurso argumentativo de conservadores religiosos, conforme exposto em Moreira (2014, p.102-127): “usa parâmetros privados, para surtir efeitos no âmbito público”. Assim, ela enuncia:

[...] o pecado da minha filha é amar? O pastor que me assediou quando eu tinha 20 anos de idade e tava (sic) no Instituto teológico João Ramos Júnior é pastor até hoje, já bateu em mulher, já se divorciou da 3ª ou 4ª mulher, mas é pastor da Igreja Metodista até hoje (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 jul. 2021).

Pupo aproveita a oportunidade e relata censura ocorrida pelo colégio de bispos quanto à proposta encaminhada por ele e Valesca Athayde para discussão conciliar sobre o tema e conclui dizendo: nós não vamos sair da igreja, o que nós estamos fazendo aqui é testemunho profético do chamado que Jesus Cristo de Nazaré.

Novamente Pupo traz o cerne das questões pesquisadas por Castells (2013) e afirma que quando as instituições são ditatoriais ou não correspondem às demandas, as pessoas buscam *transformar as relações de poder*.

Inicialmente se verifica que o título do vídeo é *Metodismo e Inclusão LGBTQIA+*, o que revela de forma direta o tema do vídeo. O seu formato em roda de conversa informa que o esperado é um debate e, portanto, uma exposição de argumentos arrazoados, fundamentados. O vídeo é uma *live*, por isso, é realizado ao vivo, sem interrupção e com participação simultânea em chat, o que auxilia na exposição de discursos concorrentes e, por vezes, hostis,

aos quais são expostos aqueles que não coadunam com o modelo hegemônico patriarcal heteronormativo das igrejas.

Outra informação clara é a diversidade de participação, quer seja dentro do acrônimo das letras LGBTQIA+ ou não; quer seja pelas relações de poder eclesiásticas dos debatedores, internamente e externamente as igrejas. Especificamente, essa diversidade de participação, deixa clara não somente a existência da resistência e militância de contraconduta dos partícipes à posição hegemônica patriarcal heteronormativa da Igreja Metodista, mas revela “lideranças informais, horizontais”, independentemente das relações de poder eclesiásticas que os debatedores exerçam na igreja. A forma de relação entre os partícipes em um espaço que é o da *autonomia*, o qual determina uma forma de ocupação livre no qual se exerce o poder de contestação, *não-violenta* demonstra as questões de cultura intrínsecas as redes de indignação e esperança.

O único vídeo do Inclusão Metodista, apesar de sua exclusividade, é rico em interpretação de todas as questões até aqui discutidas a respeito dos conflitos internos e externos dos evangélicos LGBTQIA+, seus discursos concorrentes e, ainda, aquelas envolvidas na caracterização das redes de indignação e esperança de Castells, por meio das análises dos discursos, narrativas e mensagens identificadas.

Curiosamente, em todo o vídeo, não é revelado o motivo de ser realizado por canal do Youtube que não pertence ao movimento, deixando questões a serem preenchidas pela compreensão cognitiva de quem assiste à mensagem do vídeo. A existência que aqueles ativistas são um movimento se desvela nas histórias de conduta e posicionamentos institucionais oficiais, internamente e externamente à Igreja Metodista, que relatam enquanto um grupo formado e coeso.

A roda de conversa foi encerrada com uma frase de Rute Noemi (Quero abraçar todo o mundo, Metodismo e Inclusão LGBTQIA+, Youtube, 09 jul. 2021) reivindicando direitos civis: “homofobia é crime”.

2.1.1.2 Ações web-políticas do Inclusão Luterana

As postagens do canal Inclusão Luterana no Youtube³⁴ se iniciam em 18 de julho de 2022 e se encerram em 08 de março de 2023. No canal, há descrição do lema:

Somos um movimento que busca dar visibilidade à comunidade LGBTQ+ nas igrejas luteranas brasileiras. Lutamos pelo Casamento e Ordenação Igualitários (Canal Inclusão Luterana, Youtube, 2024).

Figura 5 – Inclusão Luterana: quem são, reivindicações, lemas e vídeos curtos



Fonte: Site Inclusão Luterana (2024)

Possuía seis postagens e dezesseis inscritos até 26 de junho 2024. Curiosamente, o vídeo com maior número de visualizações (717) é uma repostagem de outro canal com o lendário discurso de Sylvia Rivera, ativista LGBTQIA+, denominado *Y'all better quiet down*, de 1973, e tem 39 likes. Possui, ainda, dois vídeos com o tema *Todas as igrejas da IECLB são inclusivas?*, dividida em duas partes, totalizando 457 visualizações, e outra sequência com o tema *Como héteros podem ajudar a tornar a IECLB mais inclusiva?*, totalizando 111 visualizações, também dividida em duas partes e um único vídeo intitulado *Eu vou para o INFERNO por ser GAY?*, com 247 visualizações.

³⁴Disponível em: <<https://www.youtube.com/@inclusaoluterana5903>>

Todos os vídeos próprios são curtos, sempre realizados com viés de humor, tendo em média duração de um minuto cada. São sempre realizados da mesma forma, com um único representante, sendo o mesmo em todas as postagens, respondendo sempre uma única pergunta, por postagem, no Youtube Inclusão Luterana. Além disso, os vídeos possuem sempre enquadramento centralizado no representante, Artie, que se apresenta como membro do coletivo³⁵ Inclusão Luterana, e que responde às perguntas, falando diretamente ao espectador. Observa-se nos vídeos a preocupação explícita de esclarecer que não há *lideranças formais* e que atuam em *horizontalidade*. Em todas as postagens já citadas do canal, verifica-se a reivindicação de inclusão e acolhimento da pauta LGBTQIA+ dentro da ICLB para deliberação, aceitação e autorização de participação total em todos os sacramentos e ordenações aos fiéis desse grupo.

As ações web-políticas do Inclusão Luterana no Youtube são bem diferentes daquelas propostas pelo Inclusão Metodista. A primeira diferença está na utilização de canal de domínio próprio. A segunda, se encontra na formatação dos vídeos, que são curtos, realizados em vários enquadramentos de plano em cada postagem - em algumas postagens realizados em planos médio, em outras em planos fechados, gravados e editados. Discursivamente, em modelo de pergunta e resposta, os vídeos são apresentações orais, curtas, de temas com um único representante do movimento respondendo-as. A utilização do humor nos vídeos, em assuntos tão sensíveis às pessoas afetadas por eles, deixa questões a serem preenchidas pela compreensão cognitiva das mensagens dos vídeos, por quem assiste. Uma perspectiva dessa opção de apresentação do tema é “geracional, jovem e cosmopolita”³⁶, conforme expõe Castells (2013), característica daqueles que os elaboram e realizam e, não por outro motivo, o público ao qual os vídeos são direcionados e pretendem alcançar, em suas narrativas.

Outra diferença das postagens do Inclusão Luterana, em relação aos demais movimentos evangélicos LGBTQIA+, está nas questões apresentadas, pois os temas são estritamente de cunho interno à igreja, sendo de caráter político-religioso-eclesiástico.

³⁵Segundo Heloisa Buarque de Hollanda, coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro, “Os coletivos são organizações autogeridas, descentralizadas, flexíveis e situacionais (Marie Claire, 2013).

³⁶ Segundo Castells (2013, p.143), “cosmopolita” refere-se à contracultura caracterizada pela manifestação de movimentos sociais na era da internet “entoada por tantas vozes e sotaques quanto os presentes numa sociedade altamente diversificada multicultural”.

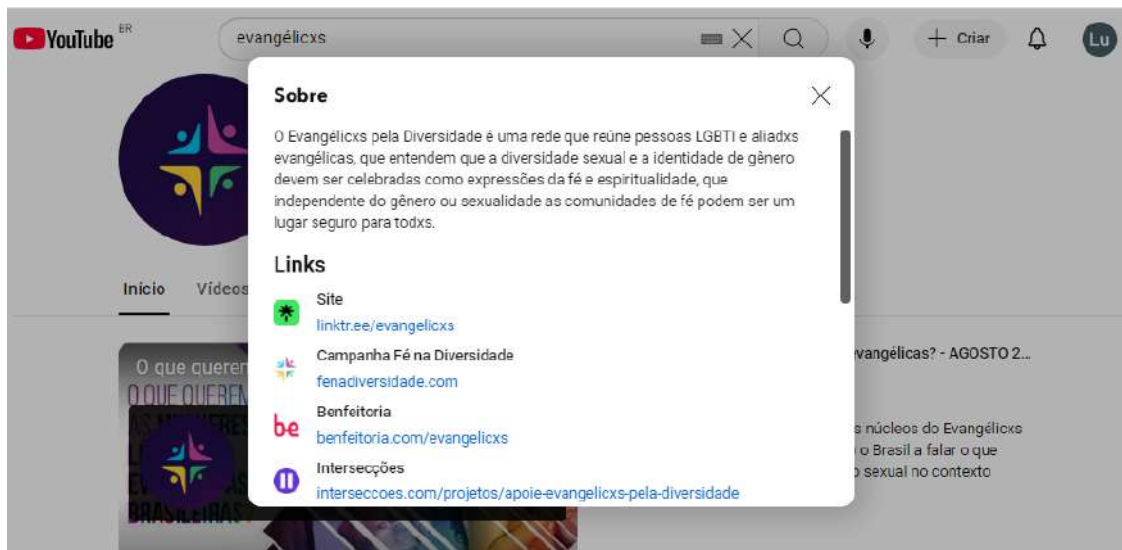
Destaca-se o vídeo apresentado de cunho teológico denominado *Eu vou para o INFERNO por ser GAY?* (Canal Inclusão Luterana, Youtube, 18 jul. 2022), que não aborda o tema, servindo apenas de mote para direcionar e convidar aqueles que o assistem para o site do movimento, mesmo havendo uma resposta ao fim, enunciada por Artie: “não”. Apesar disso, verifica-se que os conflitos internos e os discursos concorrentes revelam a existência da resistência e militância de contraordem dos partícipes à posição hegemônica patriarcal heteronormativa da Igreja Luterana, nos vídeos do canal anteriormente citados, e que seus ativistas são um movimento, desvelados nas histórias de conduta e posicionamentos institucionais oficiais que reivindicam participação eclesial, de “forma híbrida e multimodal”, em espaços físicos e virtuais, de *autonomia*, sendo um grupo formado e coeso e, assim, com características de redes de indignação e esperança de Castells.

2.1.1.3 Ações web-políticas do Evangélicxs pela Diversidade no Youtube

Em seu canal no Youtube, o Evangélicxs possui 328 inscritos e se define como:

[...] rede que reúne pessoas LGBTI e aliadxs evangélicas, que entendem que a diversidade sexual e a identidade de gênero devem ser celebradas como expressões da fé e espiritualidade, que independente do gênero ou sexualidade as comunidades de fé podem ser um lugar seguro para todxs (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 03 jan. 2025).

Figura 6– Evangélicxs pela Diversidade: Sobre



Fonte: Evangélicxs pela Diversidade (Youtube, 03 jan. 2025).

Dentre os 26 vídeos, até 26 de junho de 2024, há um vídeo do coordenador do Evangélicxs, denominado *Bob na Rede Miqueias Global – Latino América* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 30 out. 2019); um cine-debate, denominado *Conversas Corajosas - Cine-Debate sobre o Documentário #PrayAway (Netflix)* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 04 set. 2021); dois de *crowdfunding* denominados *Benfeitoria - Evangélicxs* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 15 out. 2019) e *Campanha Benfeitoria* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 17 out. 2019); dois vídeos de campanha LGBTQIA+ denominados *AGOSTO – Mês Nacional da Visibilidade Lésbica* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 03 ago. 2020) e *O que querem as mulheres lésbicas evangélicas? - AGOSTO – Mês Nacional da Visibilidade Lésbica* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 30 ago. 2020); duas *lives* com os temas “religião e diversidade” denominadas *As pessoas LGBTI+ e a Bíblia* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 29 jun. 2021) e *Lançamento Campanha Fé na Diversidade* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 20 jun. 2020), esse último em parceria com a Plataforma Intercessões de Flávio Conrado; há quatro vídeos devocionais denominados *Tetelestai – Devocional de Páscoa* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 11 abr. 2020), *Devocional #BoaSemana 1 – A palavra que gera Vida – Bob Luiz Botelho* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 04 out. 2020), *Gil do Vigor, Paulo Gustavo e o cansaço dos últimos dias* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 08 maio 2021) e *Devocional #BoaSemana #002 - Saindo do Armário* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube,

04 set. 2021); cinco *lives* diálogos pastorais da diversidade com o lema “Existir é resistir!”, denominados *{R}existir - Diálogos Pastorais da Diversidade* - Ana Ester Freire (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 31 ago. 2018), *{R}existir - Diálogos Pastorais da Diversidade* – André Musskopf (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 14 set. 2018), *{R}existir - Diálogos Pastorais da Diversidade* - Ana Cláudia Figueroa (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 28 set. 2018), *{R}existir - Diálogos Pastorais da Diversidade* – Murilo Figueroa (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 08 nov. 2018) e *{R}existir - Diálogos Pastorais da Diversidade* – Pr. Wellington Santos (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 27 jun. 2019); e, ainda, oito *lives* campanhas LGBTQIA+ sendo quatro denominadas *#LiveJuntas – Especial do Mês da Visibilidade Lésbica* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 07 ago. 2020, 14 ago. 2020, 21 ago. 2020, 28 ago. 2020), *#LiveJuntas – Especial Setembro Amarelo* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 04 set. 2020), *#LiveJuntas – Especial: Família de LGBTI+ - Acolhimento de Pai e Mãe* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 11 set. 2020), *#LiveJuntas – Especial Mês da Visibilidade Bissexual* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 25 set. 2020) e *#LiveJuntas – Evangélicxs pela Diversidade* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 02 out. 2020). O vídeo com mais visualizações (330), até 26 de junho de 2024, é o de título *As pessoas LGBTI+ e a Bíblia*, de 29 de junho de 2021, com 45 *likes*. Alguns vídeos se destacam, entre eles, na série de oito *lives*, encontram-se os seguintes temas: sexualidade de idosos LGBTQIA+; pessoa com deficiência (PCD) LGBTQIA+; saúde mental para população LGBTQIA+; e a saúde da mulher lésbica, sempre trazendo em cada vídeo questões de caráter e com importância social em interseções com LGBTQIA+.

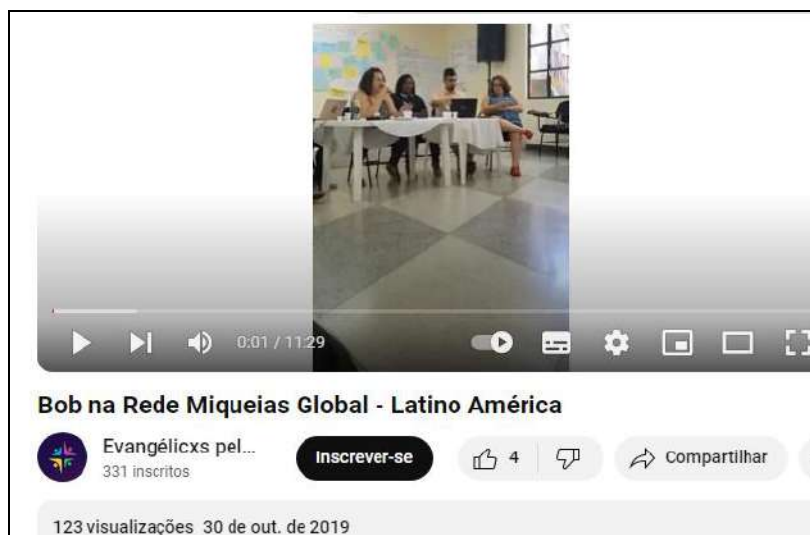
Os vídeos do Evangélicxs possuem maior diversidade de temas, transdisciplinariedades, representantes, debatedores e formatos e muitos vídeos com foco religioso, do que os outros dois movimentos sociais LGBTQIA+. Os vídeos sempre trazem temas e reivindicações de inclusão religiosa e social de LGBTQIA+. Possuem, também, de forma significativa um caráter informativo a respeito de LGBTQIA+ evangélicos, comportamental e de posicionamento, desvelando o ativismo de seus membros e do grupo, enquanto um movimento social.

No vídeo *Benfeitoria-Evangélicxs, crowdfunding*, Luiz Fernando Botelho Cordeiro, se identifica como Coordenador Executivo do Evangélicxs e destaca as ações do movimento,

entre elas, o cuidado pastoral e acolhimento de LGBTQIA+; produção de conteúdo, elaboração, tradução e publicação de artigos; incidência pública; e evangelização e diálogo. Em segundo vídeo, *Campanha Benfeitoria-Evangélicxs*, diz que o movimento é uma organização de fé cristã evangélica da sociedade civil, situação a ser esclarecida mais à frente no trabalho.

No vídeo *Bob na Rede Miqueias Global – Latino América* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 30 out. 2019), em que Luiz Fernando Botelho Cordeiro se identifica como Bob, alcunha que utiliza em alguns vídeos, expõe em sua fala de aproximadamente 12 minutos a experiência do Evangélicxs. O vídeo é uma *live*, armazenada individualmente, portanto com destaque no canal, foi realizado em plano aberto, que permite ver parte do ambiente e outros participantes, em um contexto de roda de conversa, trocando experiências, debatendo interseccionalidades, entre elas, raciais, feministas, ideológicas etc. Todas essas caracterizações, o caráter de suas reivindicações, em rede, em contexto de cunho interno e externo das igrejas, em contraposição a discursos neoconservadores e suas intercessões culturais e sociopolíticas, revelam a caracterização indubitável do Evangélicxs como uma rede de indignação e esperança, conforme teoriza Castells.

Figura 7 – Evangélicxs na Rede Miqueias Global Latino América



Fonte: Evangélicxs pela Diversidade (Youtube, 30 out. 2019).

A seguir são descritos, a partir da transcrição do Youtube e tradução posterior, alguns momentos de seu discurso no encontro da Rede Miqueias³⁷, que é esclarecedora para essa pesquisa quanto ao grupo e à conexão desses movimentos sociais e à caracterização de serem redes de indignação e esperança de Castells:

[...] experiências [...] aprendemos a descolonizar nosso ponto de vista sobre teologia [...] necessário convidar as mulheres para repressão ao machismo e ao patriarcado, suas experiências de resistência ao fascismo da pressão que elas sofrem nos corpos delas [...] somos um espaço para acolher pessoas, seus registros de abuso a violência, compartilhamento de suas dores [...] de formação pública da sociedade [...] Deus me deu a oportunidade de montar uma mesa, como secretário geral para a comissão interamericana de direitos humanos sobre o impacto do atual governo do Brasil na perseguição e violência contra as pessoas [...] a indignação pública é nosso chamado (Evangélicxs pela diversidade, Bob na Rede Miqueias Global – Latino América, Youtube, 30 out. 2019).

O vídeo da participação de Bob na Rede Miqueias expõe as interações e arranjos institucionais do Evangélicxs com outras redes na América Latina e suas reivindicações possuem uma *simultaneidade do espaço-tempo* (Hall, 2015, p.43), determinadas por contextos específicos, que tornam esses movimentos sociais em *redes locais, também globais*, uma vez que seus temas específicos são também universais.

É importante ressaltar que Luiz Fernando Botelho Cordeiro destaca os pilares de ação do movimento, dentre eles, a produção de conteúdo; a elaboração, tradução e publicação de artigos; a disseminação de informação e conhecimentos sobre temas e afins LGBTQIA+; e a incidência pública. Assim, revela as estratégias de reivindicações de direitos civis e direitos humanos, tais quais informar, o que inclui opinião e controle dos poderes políticos, e formar, canal essencial para a disseminação de conhecimento (D’Addario, 2018), nos quais o Evangélicxs está envolvido em *formatos multimodais*.

³⁷ Em seu site, Rede Miqueias Global, fundado em 1999, diz ter 322 organizações de 93 países como membros e se autodenomina “uma comunidade mundial de cristãos que trabalham em assistência, desenvolvimento, cuidado e defesa, com visão cosmogônica, por um mundo sustentável, cujo valores estão baseados na diversidade e em uma estrutura teológica e bíblica da missão holística de Deus”. Disponível em: <<https://micahglobal.org/page/overview>>. Acesso em 03 jan. 2025.

Conforme descrito, o Evangélicxs possui uma variedade de postagens no Youtube, em termos de temas, enquadramentos, formatos de realização, de armazenagem e realização. Dentre as questões temáticas, conforme anteriormente descrito, a variedade de temas revela o caráter e a importância social das interseções e transdisciplinaridades com as questões LGBTQIA+ desses movimentos evangélicos, sempre trazendo em cada vídeo questões que perpassam o tema LGBTQIA+, tais como aquelas que tratam de temas como saúde mental para população LGBTQIA++; a saúde da mulher lésbica; a sexualidade de idosos LGBTQIA+; e a pessoa com deficiência (PCD) LGBTQIA+ ou, ainda, a “permissão” das violências e hostilidades, familiares e eclesiais e a cura gay com imposição do padrão hegemônico patriarcal heteronormativo, conforme o vídeo do canal, intitulado *Conversas Corajosas - Cine-Debate sobre o Documentário #PrayAway do streaming Netflix* (Evangélicxs pela diversidade, Youtube, 04 set. 2021).

Em especial, esses vídeos citados anteriormente³⁸ se apresentam em formatos de conversa ou apresentação oral (palestra), em planos médios ou fechados, com interesses específicos de alcançar públicos-alvo e, ainda, disseminar informação e esclarecimentos sobre os temas ao público em geral. Dessa forma, permite o público-alvo se ver representado e, por outro lado, busca dar visibilidade a essas pessoas para o público em geral. Nesse sentido, o canal do Evangélicxs se apresenta como espaço democrático de inclusão e reivindicação desses ativistas. Uma característica interessante é que quase todos os vídeos do canal são *lives*, com multiplicidade de representantes e debatedores, com armazenagem temática e, por isso, em blocos.

Vídeo com importante tema sensível LGBTQIA+ e narrativa a se destacar é o intitulado *#LiveJUNTES Especial: Família de LGBTI+ - Acolhimento de Pai e Mãe*. A postagem possui forma de entrevista-narrativa estruturada, com resposta em linguagem espontânea do entrevistado “traduzindo questões emanantes em questões iminentes” (Bauer, 2008, 83-84); apresenta enquadramento em plano médio, revelando o ambiente de uma sala, com um casal abraçado em um sofá, em conversa com o mediador, por meio da web.

³⁸ Todos os vídeos citados se encontravam no canal do Evangélicxs, no Youtube, no acesso em 29/6/2024.

Essa narrativa visual contextualiza a mensagem que se busca imprimir cognitivamente a quem assiste, quanto à aceitação e inclusão de LGBTQIA+ por seus familiares e à perspectiva de que as letras do acrônimo são filhos, netos, sobrinhos, primos e não pessoas descartáveis e promíscuas que estão soltas no mundo, mas indivíduos que tanto quanto as demais pessoas querem o seio familiar, querem ser aceitos e incluídos nele.

Esse vídeo, conforme Castells (2013) e Jasper (2016) afirmam, está em um contexto cultural que envolve o recurso da intelectualidade, do agir consciente, do sentimento, das emoções, das narrativas, da ética e de saber o que está errado, buscando ser formador, não só de opinião, mas também no fazer o que é certo, baseado na persuasão.

Figura 8 – Família de LGBTI+ - Acolhimento de Pai e Mãe



Fonte: Evangélicxs pela Diversidade (Youtube, 11 set. 2020)

2.1.2 Ações web-políticas dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros no facebook e instagram (2019- 2022)

O Inclusão Metodista não possui Facebook, mas possui página, inativa, no Instagram, possuindo apenas 17 publicações. Apesar disso, possui 986 seguidores e segue 71 pessoas, em

03 de novembro de 2024. Se autodenomina: “Metodistas pela inclusão, acolhimento e afirmação dos dons e ministérios das pessoas LGBTI+ na Igreja” (Inclusão Luterana, Instagram, 03 nov. 2024).

A primeira publicação no Instagram do movimento é de 05 de agosto de 2020 (Inclusão Metodista, LGBTs Metodistas: Existimos e Resistimos, Instagram), em que três metodistas, entre eles Pupo e Nathália Blanco, expõem uma camisa com o lema “GENTE DE FÉ” e a última publicação em 30 de junho de 2022 (Inclusão Metodista, John Wesley’s New Room, Instagram), que é uma repostagem do Team John Wesley’s: New Room que anuncia a realização de casamentos entre pessoas do mesmo sexo nessa capela, em Bristol, Reino Unido.

Figura 9 – Primeira e última publicação do Inclusão Metodista



Fonte: Inclusão Metodista (Instagram, 05/08/2020; 30/06/2022).

O Inclusão Luterana, em sua página no Instagram, diz ser

[...] um grupo que luta pela inclusão plena de pessoas LGBT+ nas igrejas luteranas brasileiras (Inclusão Luterana, Instagram, 03 jan. 2025).

No Instagram, sua primeira postagem é de 15 de novembro de 2015 e a última postagem é de 28 de junho de 2023 (Inclusão Luterana, Feliz dia do orgulho: 28 de junho, Instagram), totalizando 213 postagens. Em 03 de novembro de 2024, seu Instagram afirma ter 1.628 seguidores e seguir 1.904 pessoas.

Figura 10 – Última Publicação do Inclusão Luterana no Instagram



Fonte: Inclusão Luterana (Instagram, 28/6/2023)

Em sua página no Facebook, seu lema usado é: “um movimento que busca dar visibilidade à comunidade LGBT+ nas igrejas luteranas brasileiras”. A página foi criada em 17 de outubro de 2014, porém sua primeira publicação somente ocorre em 08 de fevereiro de 2015 e a última em 28 de junho de 2023 (Inclusão Luterana, Feliz dia do orgulho: 28 de junho, Instagram), possuindo 369 postagens. Afirma ter 3.200 seguidores. Detalhe que deve se observar em sua página no Facebook é que o Inclusão Luterana não possui nenhuma postagem no ano de 2019, primeiro ano do governo Bolsonaro.

O Evangélicxs, em sua página no Instagram, diz ser “Um lugar seguro para descobrir a diversidade de Deus que é expressa em você!” (Evangélicxs pela diversidade, Instagram, 03 jan. 2025).

No Instagram, sua primeira postagem é de 17 de maio de 2018 e a última postagem acessada até 03 de novembro de 2024 é de 22 de outubro de 2024, totalizando 382 postagens. Na mesma data de acesso, seu Instagram afirma ter 7.229 seguidores e seguir 1.400 pessoas. Esse salto de seguidores entre 22 de outubro de 2024 e 03 de novembro de 2024, assim como da totalização de postagens, no mesmo período, de 382 para 407, deve-se à realização do 2º Encontro Nacional do Evangélicxs pela Diversidade, realizado no dia 02 de novembro de 2024, na Igreja da Vila, na Vila Mariana, São Paulo, S.P., cujo objetivo é:

[...] celebração, aprendizado e comunhão, culminando em um grande culto que unirá vozes em louvor à diversidade divina [...] compartilhamento de experiências, fortalecimento de laços e construção de pontes e de diálogo dentro da comunidade evangélica [...] palestras, workshops, momentos de espiritualidade e muita música, tudo guiado pelo princípio do amor incondicional de Cristo (Evangélicxs, 2º Encontro Nacional do Evangélicxs pela Diversidade, *Sympla*, 02 nov. 2024).

Figura 11 – 2º Encontro Nacional do Evangélicxs pela Diversidade



Fonte: Inclusão Luterana (Instagram, 02 nov. 2024).

O Facebook do Evangélicxs foi criado em 27 de abril de 2018 com sua primeira postagem. No Facebook, em atividade, totaliza 720 postagens e afirma ter 2.200 seguidores. Em seu lema, usado no Facebook, diz ser “uma rede, um ministério e uma missão que pretende ampliar e qualificar a conversa sobre a relação entre diversidade sexual, identidade de gênero e fé cristã evangélica” (Evangélicxs pela diversidade, Apresentação, Facebook, 03 jan. 2025).

Figura 12 – Evangélicxs pela Diversidade no Facebook: Apresentação



Fonte: Evangélicxs pela diversidade (Facebook, 03 jan. 2025)

Na análise do Quadro 2, pode-se observar algumas diferenças na ação dos movimentos evangélicos LGBTQIA+, principalmente, no período entre 2019 e 2022.

Quadro 2 – Número de postagens dos movimentos no Facebook e Instagram

<i>Facebook</i>	Evangélicxs	Inclusão Luterana	Inclusão Metodista
Período a partir do início das postagens na rede	(27/04/2018 a 03/11/24)	(08/02/2015 a 03/11/24)	
Número de postagens	720	369	
Período entre 2019 a 2022	(01/01/2019 –31/12/22)	(01/01/2019 –31/12/22)	
Número de postagens	585	96	
Instagram			
Período a partir do início das postagens na rede	(17/05/2018 a 03/11/24)	(15/11/2015 a 03/11/24)	(05/08/2020 a 03/11/24)
Número de postagens	407	213	17
Período entre 2019 a 2022	(01/01/2019 a 31/12/22)	(01/01/2019 a 31/12/22)	(01/01/2019 a 31/12/22)
Número de postagens	355	67	17

Fonte: Facebook e Instagram (Evangélicxs; Inclusão Metodista; Inclusão Luterana, 2024)

Conforme comentado nas seções anteriores, o período analisado é do governo bolsonarista, por seus valores, pela sua forma de governar e agir, inclusive comunicativo por intermédio das redes sociais, denominado governo neofascista³⁹, cujo inimigo é “menos ameaçador e é politicamente mais frágil” (Boito Jr., 2020, p.117).

Esse esclarecimento inicial deve-se à perspectiva paradoxal entre Evangélicxs e Inclusão Metodista e o Inclusão Luterana quando analisado quantitativamente o Quadro 2, pois há um avanço nas publicações dos dois primeiros movimentos e uma diminuição nas publicações do último movimento citado, reiterando que não houve nenhuma postagem no ano de 2019 no Facebook, pelo Inclusão Luterana, primeiro ano do governo Bolsonaro, conforme citado anteriormente. Nas próximas seções e na conclusão, serão expostos e discutidos os motivos decorrentes da análise quantitativa do Quadro 2 que levou a consideração de ser perspectiva paradoxal.

³⁹Boito Jr. et al (2020) diferencia governo neofascista de ditadura fascista. Para o autor, o governo neofascista é caracterizado pelo anticomunismo, culto da violência, crítica à corrupção e à velha política (democrática); politização do machismo, do racismo (difuso) e da homofobia (sistemática).

2.1.2.1 Ações web-políticas do Inclusão Metodista no Instagram

As ações do Inclusão Metodista, no Instagram, apesar de sua curta existência entre 05 de agosto de 2020 a 30 de junho de 2022, deixam claro seu posicionamento sociopolítico, mesmo não possuindo discurso, enunciados ou narrativas explícitas, específicas ao tema. Embora haja uma publicação denominada *Para Todos: religião, política e você!* (Inclusão Luterana, Para Todos: religião, política e você!, Instagram, 2020) com chamada para realização de encontro no Youtube, o vídeo não foi localizado nessa rede social. Essa exposição comedida apresentada pelo Inclusão Metodista representa a fragilidade desses movimentos no período de maior opressão e conflito sociopolítico que a população LGBTQIA+ sofreu nos últimos dez anos. Principalmente os fiéis LGBTQIA+ que professam serem evangélicos, pois sofrem dupla opressão, visto que seus discursos concorrem com os discursos dos neoconservadores, tanto na igreja quanto na sociedade, sociopoliticamente.

Algumas postagens, nesse período, têm destaque entre as 17 publicações do movimento, dentre elas, as que possuem caráter simbólico, principalmente as que usam o lema “existimos e resistimos”, conforme descrito na primeira postagem em 05 de agosto de 2020 (Inclusão Metodista, LGBTQs Metodistas: Existimos e Resistimos, Instagram). Assim, conforme outras, com características interseccionais e transculturais, tal como a postagem Religiões, Diversidade e Democracia: ato interreligioso de 17 de junho de 2022 (Inclusão Metodista, Instagram), Ou, ainda, de formação de *redes* e interações em *arranjos institucionais*, tal como exposto na publicação Apoio do Evangélicxs a causa Metodista, de 02 de setembro de 2022 (Inclusão Metodista, Instagram).

Figura 13 – Interseccionalidades, transculturalidades e arranjos institucionais



Fonte: Inclusão Metodista (Instagram, 2020, 17 jun. 2022, 02 set. 2022)

Especificamente, a sequência acima, de três postagens, é significativa, pois reivindica direitos humanos, conforme Castells afirma (2013), uma vez que trata da proposta para inclusão, acolhimento e afirmação dos metodistas LGBTQI+.

Figura 14 – Proposta: Metodistas LGBT -3ª Região Eclesiástica



Fonte: Inclusão Metodista (Instagram, 2024)

Na figura 14 (Inclusão Metodista, Proposta: Metodistas LGBT - 3ª Região Eclesiástica, Instagram, 05/8/2020), que professa a fé cristã e o metodismo, o que caracteriza e traz qualificação a essa reivindicação é o aspecto formal adotado pelo movimento, direcionando suas reivindicações ao Concílio Geral⁴⁰, ocorrido em 2021. Outra característica é a mobilização ocorrida entre ativistas, se constituindo em uma rede, com lideranças informais e, a seguir, em um movimento, de forma horizontal, em 25 igrejas da 3ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista para que o documento fosse levado para uma deliberação legislativa e administrativa formal, demonstrando a forma híbrida de construção nos espaços virtuais e públicos até a conformação do espaço de autonomia, de forma multimodal.

⁴⁰O Concílio Geral (GC) é o órgão superior de unidade da Igreja e suas funções são legislativas, deliberativas e administrativas, composto por delegados e delegadas representantes das Regiões Eclesiásticas e Missionárias da Igreja Metodista no Brasil, eleitos/as nos Concílios Regionais. Disponível em: <<https://www.metodista.org.br/igreja>>. Acesso em: 03/1/2025.

Não obstante, a reação que ocorre manifestada na exposição de discurso concorrente do bispo Roberto Alves de Souza, presidente da 4ª região eclesiástica da Igreja Metodista, defendendo a exclusão de LGBTs da denominação (Figura 15 – Deu na @folhadespaulo), reflete a contraposição existente à demanda dos LGBTQIA+ metodistas, desvelando a situação conflituosa, conforme argumenta Touraine (1989).

Figura 15 – Deu na @folhadespaulo



Fonte: Inclusão Metodista (Instagram, 05 ago. 2020)

Por esse motivo, lembra o ocorrido na IPIB, em julho de 2022, revelado na matéria da Revista Fórum [on-line] que publicou decisão institucional da IPIB à época, exposta no Sínodo do RN, quando a Assembleia Geral da IPIB decidiu que não fosse acatado nenhum documento que propusesse posicionamento da instituição favorável às relações homoafetivas e de identidade de gênero, além de não receber, nas igrejas locais, pessoas que militassem em favor das causas LGBTQIA+ (Sanz, 2022), demonstrando que não foram casos isolados, mas entre outros, confrontos ocorridos durante todo o período de 2019 a 2022.

Figura 16 – Propostas para inclusão e afirmação de metodistas LGBTI+



Fonte: Inclusão Metodista (Instagram, 05 ago. 2020)

A última postagem, da sequência de três, demonstra a consonância das ações dos movimentos com a teoria das redes de indignação e esperança, pois, apesar da reação manifestada pelo discurso do bispo Roberto Alves de Souza, presidente da 4ª região eclesiástica da Igreja Metodista, defendendo a exclusão de LGBTs da denominação, o movimento LGBTQIA+ metodista agiu com contraordem à situação conflituosa existente, conforme argumenta Touraine (1989) e Castells (2013), com uma postagem esperançosa anunciando o envio da proposta (Figura 16 – Propostas para Inclusão e Afirmação de Metodistas LGBTI+). Apesar disso, a proposta não foi aceita pelo Concílio Geral.

2.1.2.2 Ações web-políticas do Inclusão Luterana no Facebook e Instagram

As ações do Inclusão Luterana, no Instagram e no Facebook, são as mais antigas dentre os três movimentos, por ser também o movimento mais antigo. As postagens no Facebook se iniciam em 08 de fevereiro de 2015, apesar da página ter sido criada em 17 de outubro de 2014, e vão até 28 de junho de 2023, enquanto as postagens do Instagram se iniciam em 15 de novembro de 2015 e seguem até 28 de junho de 2023. Deve-se atentar que a última publicação do Inclusão Luterana no Instagram também foi a sua última postagem nas demais redes sociais, demonstrando o encerramento de suas atividades no mesmo período. Seu site de domínio próprio, conforme informado anteriormente na seção **Ações Web-**

Políticas dos Movimentos Evangélicos LGBTQIA+ Brasileiros (2019-2022), foi criado em 2014 com sua primeira postagem em 08 de maio de 2021 e a última em 08 de agosto de 2022. É relevante dizer que as postagens em Facebook e Instagram, durante todo o período de publicações, são reproduzidas igualmente, em ambas as redes sociais. Portanto, aqui serão analisadas as postagens apenas, sem considerar em qual rede foi feita.

Se observa no Facebook e Instagram do Inclusão Luterana, quando analisado, conforme já exposto, a diminuição das suas publicações no período pesquisado de 2019 a 2022, comparativamente aos períodos anteriores, desde 2015. Não havendo nenhuma postagem no ano de 2019 no Facebook e Instagram, primeiro ano do governo Bolsonaro, conforme citado anteriormente em seu site de domínio próprio, lembrando que já haviam publicado um comunicado que revela a omissão de informações sobre seus representantes por ameaças feitas a eles. Isso é bastante significativo, pois se torna paradoxal comparando com os outros dois movimentos evangélicos LGBTQIA+, no mesmo período, que avançaram com suas publicações.

Assim, tal como o Inclusão Metodista, o Inclusão Luterana, embora deixe claro seu posicionamento sociopolítico em seus discursos, enunciados ou narrativas, é mais comedido em suas postagens ao não as direcionar diretamente a governos ou pessoas políticas, confirmando a fragilidade desses movimentos, no período de maior opressão e conflito sociopolítico que a população LGBTQIA+ sofreu nos últimos dez anos. Principalmente por serem fiéis LGBTQIA+ que professam serem evangélicos, sofrendo dupla opressão, tanto na igreja quanto na sociedade. Lembrando Boito Jr. et al. (2020, p.117) “o inimigo é menos ameaçador e é politicamente mais frágil”.

Da mesma forma que os demais movimentos, com características interseccionais e transculturais e de formação de *redes* e interações em *arranjos institucionais*, o Inclusão Luterana revelou a diversidade de reivindicações eclesiásticas e de cunho sociopolítico que se intercalaram e se imbricaram, conforme suas postagens: Religiões, Diversidade e Democracia: ato interreligioso e Diálogo sobre a diversidade sexual nas igrejas, a seguir.

Figura 17 – Reivindicações eclesiásticas e de cunho sóciopolítico



Fonte: Inclusão Luterana (Facebook; Instagram, 2024)

Ou, ainda, de formação de *redes* e interações em *arranjos institucionais*, dentre elas, as que possuem caráter simbólico, com interação internacional ou nacional e pública, conforme nas postagens da participação do movimento na pré-assembleia da federação luterana mundial para igrejas-membro das Américas⁴¹, em Paramaribo, no Suriname ou na 21ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, conforme publicações abaixo, respectivamente.

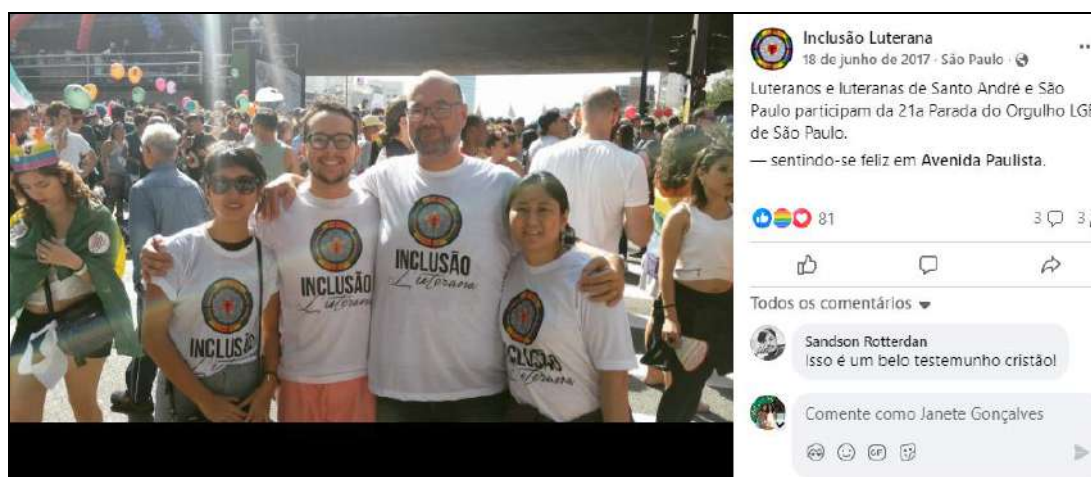
⁴¹A Pré-Assembleia teve a presença das Igrejas membros da América Latina e do Caribe (LAC) e América do Norte, teve como objetivos cuidar dos preparativos, processos e metodologias para a 12ª Assembleia da FLM, que ocorreu em maio de 2017, em Windhoek, na Namíbia. A meta da Pré-Assembleia também foi incentivar cada membro da Igreja Luterana no Suriname (ELKS) e da sociedade civil para conhecer mais sobre os 500 anos da Reforma.

Figura 18 – Pré-assembleia da federação luterana mundial - igrejas-membro - Américas



Fonte: Inclusão Luterana (Facebook; Instagram, 2024)

Figura 19 – 21ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo



Fonte: Inclusão Luterana (Facebook; Instagram, 2024)

Por fim, destaca-se a importante postagem que desvela o que pode ser não somente o paradoxo do retrocesso nas publicações do Inclusão Luterana, mas principalmente a inexistência de publicações e esvaziamento do movimento a partir de sua saída da igreja luterana, em 2022. O anúncio da ordenação do, agora, pastor André Musskopf. Conhecido evangélico militante LGBTQIA+, acadêmico com várias publicações religiosas e laicas que discutem o tema, que tem formação luterana e congregou na igreja luterana, na qual teve acesso ao Ministério ordenado negado por 20 anos, se torna ordenado pastor por meio da

Igreja Batista Nazareth, em 2022. André Musskopf, além das interações religiosas, possui ampla interação nos arranjos sócio-políticos com movimentos evangélicos LGBTQIA+ e, da mesma forma, com organismos nacionais e internacionais religiosos e laicos.

Figura 20 – Depois de 20 anos



Fonte: Inclusão Luterana (Facebook; Instagram, 2024)

2.1.2.3 Ações web-políticas do Evangélicxs pela diversidade no facebook e instagram

As ações do Evangélicxs, no Instagram e no Facebook, se iniciam em 2018, mas precisamente em 27 de abril de 2018 no Facebook e no Instagram em 17 de maio de 2018, seguindo em ambas as redes sociais até a presente data. Embora as postagens no Facebook e Instagram não sejam necessariamente iguais, muitas são reproduzidas igualmente, em ambas as redes sociais. Portanto, as postagens de ambas as redes serão analisadas conjuntamente.

É interessante observar que, apesar de ter se tornado uma organização sem fins lucrativos a partir de 2019, não possui site de domínio próprio, apenas redes sociais, utilizando a forma *híbrida, multimodal* criando um novo espaço de *autonomia*, embora já não exista mais a *horizontalidade de lideranças formais*, existente na sua fundação, pois já possui coordenadores institucional, Flávio Conrado, à época, e executivo, Bob Botelho, até hoje.

Figura 21– Territorializando: institucionalizando o Evangélicxs



Fonte: Evangélicxs (Facebook; Instagram, 2024)

Tal observação é importante quando o vídeo, citado anteriormente na seção **Ações web-políticas do Evangélicxs pela Diversidade no Youtube**, Campanha Benfeitoria – Evangélicxs⁴², de 17 de outubro de 2019, é publicado. Nele se nota claramente a transição pela qual o movimento passou e as ações já institucionalizadas que passaram a desenvolver, inclusive após a expansão de território, nacionalmente, em busca de parceiros em outros estados (Figura 21- Territorializando: institucionalizando o Evangélicxs).

Apesar disso, continua a interagir como se um movimento social fosse, no agir comunicativo e, em suas páginas, onde se localizam QR Code de Flavio Conrado e Bob Botelho, pessoas físicas, para arrecadação de doações, ao invés de pessoa jurídica.

Se observa no Facebook e Instagram do Evangélicxs, quando analisado, o incremento das suas publicações, no período pesquisado de 2019 a 2022, comparativamente aos períodos anteriores e posteriores – *vide* Quadro 2 – sobre o número de postagens. Isso é significativo, principalmente, durante o governo Bolsonaro. Diferentemente, dos outros dois movimentos evangélicos LGBTQIA+, no mesmo período, seu posicionamento sócio-político em seus discursos, enunciados ou narrativas não são comedidos, mas explícitos em suas publicações

⁴²Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dkl8vvTV1d8>>

ao direcionar suas postagens diretamente a governos ou pessoas políticas, confrontando a opressão e o conflito sócio-político que a população LGBTQIA+ sofreu nos últimos dez anos, inclusive utilizando *contraordens* (Touraine, 1989), embora mantendo o tom *pacífico, de não-violência e democrático* (Castells, 2013).

Da mesma forma que os demais movimentos, age institucionalmente, comunicativamente, em interseccionalidades e transculturalidades e em formação de *redes* e interações em *arranjos institucionais* com os demais movimentos evangélicos LGBTQIA+, revelando diversidades em suas reivindicações religiosas e de cunho sociopolítico que se intercalam e se imbricam. Neles, os formatos das postagens no período pesquisado se modificam notadamente das primeiras postagens, usando o recurso de banners com lemas e motes com posicionamentos religiosos ou sócio-políticos das últimas postagens. No entanto, conforme ocorre com o Inclusão Luterana, não são mais preponderantes as imagens de ativistas ou militantes, inclusive em ações públicas, embora não citado em suas publicações, mas por inferência devido às perseguições a LGBTQIA+ no período pesquisado, conforme afirma Boito (2020, p.116) e, também, anunciado pelo site do Inclusão Luterana, conforme citado anteriormente. Ação substancialmente contrária do que ocorreu com o Inclusão Metodista no período que se expuseram no Youtube e no Instagram.

Outro aspecto formal, aqui reiterado, é o formato institucional que suas redes tomam nas comunicações e posicionamentos, por meio principalmente das interações com organismos nacionais e internacionais, conforme Manifesto Coalizão Evangélica contra Bolsonaro⁴³.

⁴³ Organização de 50 coletivos evangélicos progressistas que criaram uma Coalizão Evangélica Contra Bolsonaro para evangélicos e evangélicas se unirem ao Grito dos Excluídos. Ela é uma manifestação popular, que ocorre em todo o Brasil em oposição a pastores evangélicos fundamentalistas que fazem defesa do governo Bolsonaro. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/das-contradicoes-do-capitalismo-a-religiao-e-a-mais-potente/>>. Acesso em: 04/1/2025.

Figura 22– Coalizão evangélica contra Bolsonaro – Manifesto Público



Fonte: Evangélicxs (Facebook; Instagram, 2021)

Se observa nas figuras 22 e 23 que o Evangélicxs assume o caráter institucional ao deixar de ser um movimento social evangélico LGBTQIA+, assumindo compromissos com suas redes e passando a interagir com organismos nacionais e internacionais, aos quais já vinham se aproximando.

Figura 23– Carta pública e coalizão evangélica contra Bolsonaro



Fonte: Evangélicxs (Facebook; Instagram, 2021)

Apesar disso, o documento Carta Pública pela Democracia e pela Vida é uma ação isolada que ocorre em seguida ao Manifesto Coalizão Evangélica contra Bolsonaro. O documento mantém o tom sócio-político, com todas suas interseccionalidades de raça, gênero, PCD, entre outros, inclusive com críticas a condução do governo à época quanto a Covid-19,

sem perder de vista o discurso teológico cristão do movimento. Por ser um documento de conteúdo próprio do Evangélicxs e utilizar de premissa teológica para apoiar o discurso sócio-político, seguirá análise da narrativa, contida em trechos do texto Carta Pública pela Democracia e pela Vida do Evangélicxs (2021).

Em 2018, assumimos uma posição antifundamentalista contrária a Bolsonaro em sua primeira candidatura ao executivo. A partir de 2019, nossas atuações e canais de comunicação tem manifestado críticas e resistência a esse desgoverno que insiste em tentar nos matar. Passamos a atuar com a teimosia profética de nos mantermos vivos.

Nesse trecho, o movimento inicia a carta historicizando sua trajetória em relação a conjuntura sócio-política do país, expõe seus posicionamentos e, assim, conforme Touraine (1989) afirma, a resistência se mobiliza contra a própria dominação social, pois quanto maior a repressão, mais formas de oposição (resistência). Em apoio ao teor de cunho sociopolítico, usam conteúdo teológico que confirma sua posição de resistência, da mesma forma que os profetas faziam nos tempos bíblicos, com seus discursos críticos (admoestação) ao confrontar governos e sacerdotes. Novamente, o tema da morte aparece nas narrativas.

Diante do cenário atual do Brasil, a partir dos desafios concretos que se apresentam, manifestamos publicamente nosso posicionamento quanto às eleições. Estamos do lado da vida e da sua manutenção para que ela seja plena, digna e em abundância, conforme o legado que Cristo nos deixou [...] Deus nos deu o sopro de vida da Divina Ruah, e para que este sopro ministre a liberdade para a qual Cristo nos libertou, fazendo cessar a morte, especialmente na forma de discursos e ações fundamentalistas (Evangélicxs pela diversidade, Carta Pública pela Democracia e pela Vida, Instagram, 2021).

Consciente do poder das narrativas e do uso político indevido delas para dominação, o movimento aborda essa questão politicamente e estabelece sua posição de forma contundente quanto às eleições. Nesse parágrafo, utilizam um discurso afirmativo em contraposição à morte, rememorando o cerne da justiça de Cristo, a liberdade, em toda sua perspectiva de plenitude, abundância e dignidade que concede, conforme trecho a seguir.

Nos opomos à promoção da política de armas e da violência. Nos opomos a perpetuação da corrupção. Nos opomos à instrumentalização da nossa fé e a cooptação da religião através de ideologias forjadas para gerar morte, em favor de fins políticos-eleitoreiros e interesses pessoais de pastores e líderes que promovem a desonra do nosso Messias [...] (Evangélicxs pela diversidade, Carta Pública pela Democracia e pela Vida, Instagram, 2021).

Nessa transcrição, o Evangélicxs, remete a sua atuação não-violenta e contra a impunidade e o uso da fé e da religião como política, em seu significado de poder, questionando a atuação corrompida de líderes eclesiais, conforme postagem da TV Diálogos Do Sul Global (2022) intitulado *A corrupção dos pastores no governo Bolsonaro* que reporta a essas ações nesse período. Não por outro motivo, usam o termo Messias, na tradição judaico-cristã, o Salvador, em contraposição ao prenome de Jair Messias Bolsonaro (Py, 2020). Aqui, buscam por meio da percepção pelo qual a realidade é apreendida fazer o que é certo para a mudança da opinião pública, como vetor para a *mudança de valores da sociedade*, conforme expõe abaixo.

Nesse segundo turno, duas opções se apresentam, uma democrática e outra autoritária [...] a melhor escolha é uma frente ampla e democrática [...] por cada vez mais justiça e direitos para todas as pessoas [...] (Evangélicxs pela diversidade, Carta Pública pela Democracia e pela Vida, Instagram, 2021).

Na perícopia acima, a narrativa deixa claro as duas alternativas que existem, não há uma terceira via, o que revela a conjuntura política polarizada que o país vivia.

Nosso compromisso com a democracia e as instituições democráticas nos manteve durante todo esse período, na defesa de agendas e pautas que consideramos fundamentais para a superação da necropolítica em curso no Brasil que finca raízes no fundamentalismo LGBTIfóbico e se sustenta a partir de uma necroteologia que apresenta intenções explicitamente contrárias ao desejo da Trindade para nós (Evangélicxs pela diversidade, Carta Pública pela Democracia e pela Vida, Instagram, 2021).

No trecho acima, o Evangélicxs reafirma sua ideologia e posicionamento sociopolítico e teológico e, mais do que isso, contra qual ideologia suas ações se contrapõem, baseados no amor, na dádiva e comunhão, assim conforme expõe no trecho abaixo.

Nos opomos a esse desgoverno que orchestra e opera a morte enquanto vocifera contra as minorias LGBTI+, pessoas negras, mulheres, pessoas com deficiência e tantas outras existências em vulnerabilidade diante do ódio estruturalmente instaurado. Nos opomos as zombarias e descaso com quase 700 mil mortos por Covid-19 em nosso país. Nos opomos às políticas que submetem milhões a fome e a insegurança alimentar (Evangélicxs pela diversidade, Carta Pública pela Democracia e pela Vida, Instagram, 2021).

Conforme afirma Touraine (1989), as minorias são aqueles que são marginalizados, colocados à margem. Segundo Boito (2020, p.116), eles são objeto de opressão por serem

“menos ameaçadores ao poder instituído e politicamente mais frágeis”. Assim, o Evangélicxs desvela a função do movimento social: dar voz aos que não tem voz, aos oprimidos.

Apesar do posicionamento baseado em princípios de oposição ao governo à época descrito em sua Carta Pública pela Democracia e pela Vida, o Evangélicxs, em seus enunciados, mantém tom democrático de demonstração de alternativas e consequências e, apesar da construção religiosa, sem ser reacionária.

Figura 24– Coalizão evangélica contra Bolsonaro – Parceiros



Fonte: Evangélicxs (Facebook; Instagram, 2021)

A partir de então, seus posicionamentos de cunho sociopolítico se conformam de forma mais proeminente em oposição ao governo neofascista Bolsonarista, empoderados e garantidos pelos parceiros de coalizão com qual se aliançaram desde 2018. O que é evidenciado pelos seus avanços nos discursos e enunciados que deixam de ser comedidos, conforme postagens do Inclusão Metodista e Luterana, e passam a expor diretamente sua oposição ao governo Bolsonaro e pessoas políticas. Pois, assim conforme afirma Castells (2013), tornam esperançosos os indignados, a partir da cooperação e colaboração encontrada entre ativistas na rotina da militância. Não obstante, pode-se verificar a existência de logomarcas de núcleos estaduais do PT (Figura 24 – Coalizão evangélica contra Bolsonaro –

Parceiros), denotando a relação política partidária de suas conjunções⁴⁴, em sua trajetória transicional de movimento social para organização social.

Figura 25 – Vote pela diversidade



Fonte: Evangélicxs (Facebook; Instagram, 27 ago. 2018)

Esse empoderamento e garantia pelos parceiros de coalizão fortalecem o Evangélicxs que passa a agir de forma política, além das ações do movimento até então descritas: produção de conteúdo; elaboração, tradução e publicação de artigos; disseminação de informação e conhecimentos sobre temas e afins LGBTQIA+ e; incidência pública. Assim, faz campanha para o voto em candidatatos comprometidos com a causa LGBTQIA+ (Figura 25 – Vote pela diversidade), lembrando que “o voto é o poder da cidadania”. E, por outro lado, publicando uma crítica a “setores da religião evangélica que apóiam uma candidatura autoritária” (Figura 26 – Evangélicxs dizem não ao fascismo), usando o mote à época #ELENÃO⁴⁵ e #ELENUNCA⁴⁶, nas eleições 2018.

⁴⁴ Para saber mais sobre a relação entre o PT com setores religiosos ligados a Teologia da Libertação ver em: CANAL: Lula. **Lula e Leonardo Boff conversam sobre o Brasil e o mundo**. Youtube.Vídeo publicado em 01/07/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HzAr4WpYAow>>. Acesso em: 04/1/2025.

⁴⁵ Segundo a historiadora e professora Céli Regina Jardim Pinto, “A manifestação #EleNão em repúdio ao candidato a presidente Jair Bolsonaro, que se espalhou por cidades brasileiras [...], foi a maior manifestação de mulheres na história do Brasil. Foi também uma das maiores manifestações contra um candidato, independentemente das mulheres”. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em 04 jan. 2025.

Figura 26 – Evangélicxs diz não ao fascismo



Fonte: Evangélicxs (Facebook; Instagram, 24 set. 2018)

Por fim, cabe esclarecer ainda nessa seção, que as descrições das redes sociais dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ teve por objetivo desvelar as ações web-políticas desses grupos, uma radiografia do modelo de atuação, de posicionamento e contraordem que adotam, por meio de materiais postados na forma de vídeos de curta duração e de fragmentos de textos que conformam narrativas nas redes sociais. Essa seção teve por objetivo, ainda, revelar as características da teoria de Castells (2013) que essas ações web possuem, conformando-as em redes de indignação e esperança. Dessa forma, observou-se seus modelos *multimodais* de ação, *híbridas*, de *não-violência*, buscando *transformar as relações de poder*, a partir de interações em *arranjos institucionais*, formando *redes* que reivindicam direitos humanos e civis.

2.2 Atores, Redes e Interações dos Evangélicos LGBTQIA+ No Brasil

A compreensão do ativismo e sua associação em movimentos sociais, a partir da presente pesquisa, permitiu apreender o formato outrora não utilizado por evangélicos

⁴⁶ Segundo o Museu de memes “#EleNuncaé uma variante de #EleNão, uma ação de base (*grassroots*) de crítica à candidatura de Bolsonaro. Adotadas por anônimos, celebridades e, até mesmo, membros de outras minorias, como o movimento LGBTQ+, indígenas e quilombolas, que expressavam, por meio de depoimentos pessoais, suas razões para não votar em Jair Bolsonaro, servindo como estratégia que promoveu uma ação popular”. Disponível em: <<https://museudememes.com.br/elenao-elenunca>>. Acesso em: 04 jan. 2025.

LGBTQIA+ no Brasil e aprofundar as informações e conhecimentos a respeito deles e suas mensagens, especificamente, entre 2019 e 2022. Especialmente, quem são seus *sponsors*⁴⁷, atores e redes formalmente envolvidos, suas estruturas (regras) e interações (arranjos institucionais), suas interseccionalidades com outros marcadores sociais, além das suas reivindicações de direitos humanos e civis. Para tanto, os achados utilizados foram aqueles identificados nos respectivos canais dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros, no Youtube, em primeiro nível de relações e interações. Esse primeiro nível de relações e interações evidencia a composição dos movimentos, em seus principais elementos e, da mesma forma, relações e interações diretas com outras organizações, evidenciados na Figura 28 – Atores, redes e interações dos movimentos evangélicos LGBTQIA+.

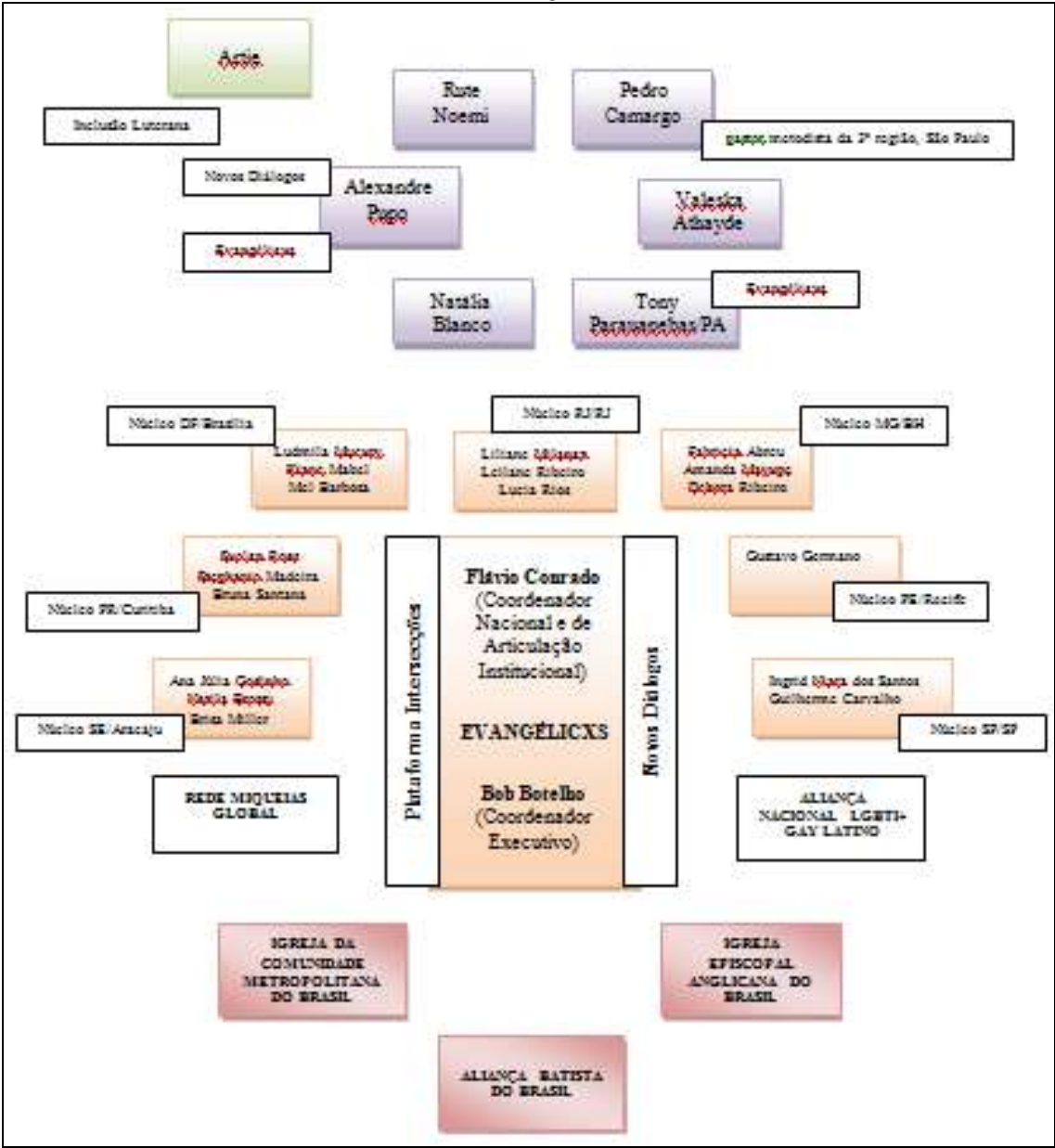
Essa análise inicial, com base nos respectivos canais dos movimentos no Youtube, não é muito significativa, pois o que se encontra no Inclusão Luterana ou Inclusão Metodista não é revelador, uma vez que os atores envolvidos nas produções das redes sociais não são mencionados, principalmente, nas postagens audiovisuais. No Inclusão Metodista, algumas pistas aparecem, porém, não por meio do canal do Youtube, mas quando em pesquisa ao Evangélicxs, onde é revelado que Alexandre Pupo tem relações e interações com a plataforma Novos Diálogos, que tem relação e interação direta com o Evangélicxs, assim conforme outros atores do Metodista, encontrados em participações por chat em vídeos no canal do Evangélicxs. Outrossim, em análise do canal Evangélicxs, é revelado que além de Luiz Fernando Botelho Cordeiro, coordenador Executivo do grupo, há também um coordenador nacional de articulação institucional, Flavio Conrado.

Flávio Conrado, por sua vez é *sponsor* da Plataforma Intersecções e da Plataforma Novos Diálogos, diretamente ligadas ao Evangélicxs. Flavio Conrado também tem relações e interações estreitas e, à época direta, com a Aliança Batista do Brasil e outros movimentos LGBTQIA+, conforme pode ser observado no vídeo *Metodismo e Inclusão LGBTQIA+* do canal Quero abraçar todo o mundo no Youtube, *vide* figura 3. Não obstante, as Igrejas da Comunidade Metropolitana do Brasil e Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e atores

⁴⁷ Segundo Vargas (04 de fev. 2008), *sponsor* é o título com o qual é designado o patrocinador de projetos, aquele que influencia e participa como defensor e facilitador, de fundamental importância para o sucesso dos projetos. Disponível em: <<https://ricardo-vargas.com/pt/podcasts/sponsorfundamentalelement/>>. Acesso em 07/1/2025.

pertencentes aos seus quadros também possuem relações e interações com o Evangélicxs, inclusive, ambas as igrejas, juntamente com o Evangélicxs, possuem relações e interações em redes, tais como Aliança Nacional LGBTI+ e Gay Latino. Assim, segue análise das relações primordiais dos atores e interações dos movimentos LGBTQIA+ brasileiros, além de arranjos institucionais que revelam o caráter *simultaneidade do espaço-tempo*, determinada por contextos, que tornam movimentos sociais em *redes locais que também são globais*.

Figura 27 – Atores, redes e interações dos movimentos evangélicos LGBTQIA+



Fonte: Youtube (Evangélicxs; Inclusão Metodista; Inclusão Luterana, 2024).

Outras interrelações foram reveladas durante a pesquisa, por meio de encontros e congressos realizados. No entanto, a opção de se manter as interações no primeiro nível ocorreu como consequência dos dados obtidos posteriormente, que demonstraram ser relevantes, pois por meio de outros canais de mídia, informações não encontradas nas redes sociais dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ foram obtidas. Tais canais, como redes de notícias do canal do Partido dos Trabalhadores no Youtube ou no site do Gov.Br, por exemplo, revelaram desdobramentos que ocorreram com atores desses movimentos no pós-governo Bolsonaro, conforme descritos na próxima seção **Por onde andam?**.

2.2.1 Por onde andam?

O encerramento de dois dos três movimentos fez necessária uma pesquisa do que ocorreu com esses movimentos que se encerraram. Assim, em uma pesquisa que não buscou ser ampla, se alcançou as respostas buscadas. Nota-se, após toda a descrição realizada na seção **Movimentos Evangélicos LGBTQIA+ no Brasil: Redes de Indignação e Esperança?**, quais eram os principais atores que faziam mover o Inclusão Metodista e o Inclusão Luterana, além daqueles já citados do Evangélicxs. Para dirimir essas dúvidas, seguem os desdobramentos e algumas nuances do que transcorreu após o encerramento dos movimentos, uma vez que o Evangélicxs transicionou e se tornou uma organização social, conforme será esclarecida na conclusão do presente trabalho.

No Inclusão Metodista, o principal ator era Alexandre Pupo. É o nome e a imagem mais encontrada do movimento, no Instagram, e o representante em eventos e em interação com outros atores, em redes e arranjos institucionais que o Inclusão Metodista participou. Alexandre se autodefine, em sua página no X (antigo Twitter), como sociólogo, advogado, metodista e petista. Em pesquisa no Google e no Youtube, se localizou o caminho que percorreu o ex-ativista após 30 de junho de 2022, data da última postagem no Instagram do movimento.

No Youtube, o vídeo **Alexandre Pupo – sec. de Relações Internacionais da JPT no XXVI Encontro do Foro de São Paulo**, de 05 de julho de 2023, no canal do Partido dos Trabalhadores, revela sua nova atividade como filiado e membro do partido com cargo de destaque na Juventude do PT (JPT).

Figura 28 – Alexandre Pupo – Secretário de Relações Internacionais da JPT



Fonte: Canal: PT – Partido dos Trabalhadores (Youtube, 05 jul. 2023)

Em seguida, em pesquisa realizada no Google, encontrou-se o documento *Curriculo_resumido_2023Alexandre.pdf*⁴⁸, o qual revela que Alexandre Pupo se tornou assessor especial da Presidência da República no governo Lula. Não obstante, nova pesquisa (GOV.BR, **Brasil lança candidato à Secretaria-Geral da Organização Ibero-Americana da Juventude**) revela que, em 30 de outubro de 2024, Alexandre Pupo, teve sua candidatura à Secretaria-Geral da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ) lançada em cerimônia com participação do ministro Márcio Macêdo, conduzida pela Secretária-Geral do Itamaraty, Maria Laura da Rocha, e com a presença de representantes de embaixadas e da sociedade civil, conforme abaixo descrito, na página notícias no *site* do gov.br.

⁴⁸Mini currículo. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/assessoria-especial-do-presidente-da-republica-1/Curriculo_resumido_2023Alexandre.pdf> Acesso em: 07/1/2025.

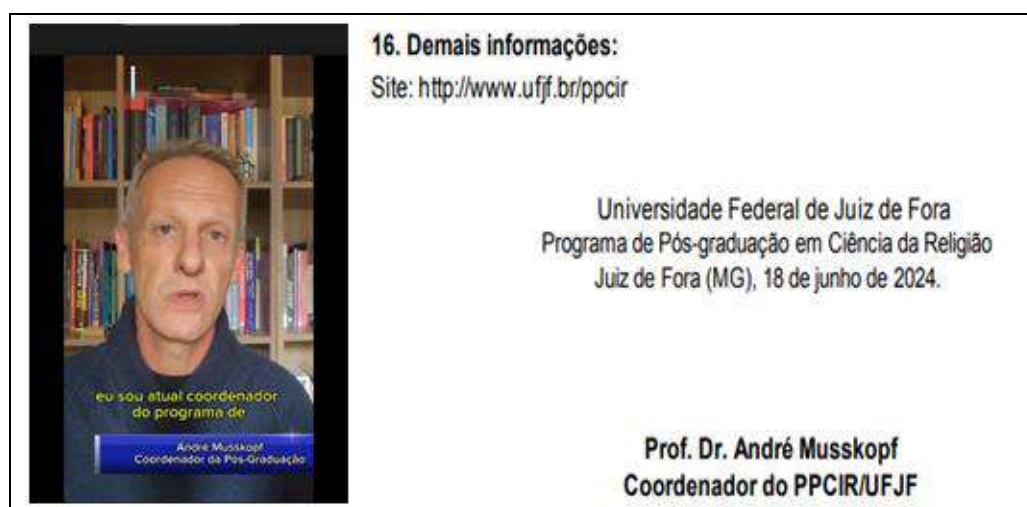
Figura 29 – Alexandre Pupo: Candidato à Secretaria-Geral da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ)



Fonte: Gov.br (Secretaria-Geral, 31 out. 2024)²

No Inclusão Luterana, embora não haja menção formal à participação de André Musskopf, o seu nome e imagens nas redes sociais do movimento revelam seu trânsito nas ações de cunho eclesiástico e sócio-políticos. Dentre elas, grande evidência é a postagem *Depois de 20 anos* (Figura 16).

Figura 30 – André Musskopf: Coordenador do PPCIR/UFJF



Fonte: PPCIR (UFJF, 2024)

Outra grande evidência é a inexistência de publicações do movimento durante todo o ano de 2019, ano de sua posse como docente que atua no Departamento de Ciências da Religião, no Instituto de Ciências Humanas (ICH), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ocorrida em 29 de março de 2019 (UFJF, Cerimônia dá posse a sete novos docentes). Atualmente, André é coordenador do programa de pós-graduação do Departamento de Ciências da Religião da UFJF. Apesar disso, mantém a atividade de escritor e pastor da Igreja Batista Nazareth, além de continuar atuando como militante evangélico LGBTIA+ com interações em várias redes.

No Evangélicxs, o destaque é a participação de Flávio Conrado. *Sponsor* do movimento e originalmente coordenador institucional, não pode ser esquecido, com várias participações formais, inclusive em ações de outros movimentos (*vide* Figura 3 – Metodismo e Inclusão LGBTQIA+). O seu nome e imagens nas redes sociais do Evangélicxs revelam seu empenho, trânsito e grande influência nas ações de cunho eclesiástico e sócio-políticos. Reconhecidamente, atuou em diferentes iniciativas e organizações, tais como o Viva Rio e o ISER, e em várias redes, interagindo em vários arranjos sociais, tendo atuado na Religiões pela Paz, Rede FALE, Visão Mundial, Aliança de Batistas do Brasil e Evangélicxs pela Diversidade. Foi editor na Novos Diálogos, inativa desde maio de 2021. Foi, ainda, articulador da Plataforma Intersecções. Atualmente, seu nome parece vinculado à Casa Galiléia, além de continuar atuando como militante evangélico progressista com interações em várias redes. Da mesma forma, se destaca no Evangélicxs o seu coordenador executivo Bob Botelho. O militante continua ativo, juntamente com as ações do Evangélicxs, conforme informado na seção **Ações web-políticas dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros no facebook e instagram (2019- 2022)**, em que foi relatado que ocorreu o 2º Encontro Nacional do Evangélicxs pela Diversidade, realizado no dia 02 de novembro de 2024, na Igreja da Vila em São Paulo/S.P. Bob atua também como pastor ordenado do Evangélicxs, o qual passou a ter ramificação eclesiástica, além daquelas ações sócio-políticas que já desenvolvia. Em paralelo, Bob escreveu livro em parceria com militantes de outros movimentos que também atuam religiosamente, chamado Semente de Vida, sobre a realidade familiar de pessoas LGBTQIA+, escrito em 2023, com uma abordagem teológica social, proveniente de pesquisa e experiência no campo dos autores.

Conclusão

Analisar os movimentos evangélicos LGBTQIA+ no Brasil como redes de indignação e esperança requer compreender a construção da teoria de Castells.

É relevante esclarecer que a genealogia do que trata Castells se encontra na teoria dos novos movimentos sociais de Alain Touraine (1989), professor de quem Castells foi orientando na faculdade. Para Touraine, nos fins de 1960, início da década de 1970, os movimentos sociais se caracterizariam por possuir um cerne cultural em suas reivindicações, não mais por luta de classes. Esse novo movimento social, para ele, se caracteriza por estar em um conflito constante e não mais pontual. E complementa que para contrapor essa situação conflituosa, o que há é uma contraordem (Touraine, 1989). Destaca ainda que, a intelectualidade não mais atende às demandas de mediar os conflitos e que a mídia, à época, conhecida hoje como tradicional – rádio, jornal, televisão – substituem essa *intelligentsia*⁴⁹.

Com essa concepção do pensamento de Touraine sobre o tema, Castells irá atualizá-la e levá-la a uma interpretação para a conjuntura sócio-histórica que vivemos globalmente das sociedades tecnológicas, a partir das inovações surgidas e que impactam na compreensão e forma desses movimentos sociais, tais como a internet e as redes sociais. Portanto, Castells irá argumentar que, apesar dos conflitos terem caráter cultural, a contraordem possui um novo padrão, em consonância com as mudanças na forma de se comunicar, caracterizados por se iniciar nas redes sociais e ocupar o espaço público, de forma híbrida, na internet e nas ruas, criando uma nova forma de fluxo das ideias e ações que ele denomina de *autonomia*.

Como se percebeu ao longo do texto, os movimentos sociais formados a partir de redes de indignação e esperança apresentam uma série de características comuns (Castells, 2013). Dentre essas características, foram destacadas aquelas que conformam esse modelo, conforme descrição a seguir.

⁴⁹Refere-se a uma categoria ou grupo de pessoas envolvidas em trabalho intelectual complexo e criativo direcionado ao desenvolvimento e disseminação da cultura, abrangendo trabalhadores intelectuais. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Intelligentsia>>. Acesso em: 19 abr 2023.

A primeira característica que é comum desses movimentos sociais denominados por ele de redes de indignação e esperança é a *forma multimodal*, na qual se conectam, fundamentalmente, por meio de redes sociais preexistentes, interagindo com outras redes e movimentos, com a mídia e a sociedade. Sendo essa interação descentralizada ou, apenas, em *lideranças não formais*, sem comando ou controle vertical de deliberações, permitindo alterações em suas configurações, em conformidade com o envolvimento dos ativistas e militantes, inclusive, ao que concerne a estratégia de proteção aos envolvidos nos movimentos. Essa *horizontalidade*, para o sociólogo, favorece a cooperação e a solidariedade por valores sociais comuns que foi iniciada por objetivos e motivações pessoais.

Também foi observado, ao longo do texto, outra característica destacada por Castells: a *forma híbrida* como esses movimentos sociais se comportam. Eles são iniciados nas redes sociais para, a seguir, ocupar espaços urbanos simbólicos para realização de protestos. Afirmo o autor, ainda, que essa concepção de tomada de espaços virtuais e físicos cria uma terceira forma de espaço que é o da *autonomia*, a qual determina essa forma de ocupação livre no qual se exerce o poder de contestação e que dá formato ao fluxo de interações do espaço híbrido.

Seguindo sua descrição, pode-se observar no texto que a *simultaneidade do espaço-tempo*, determinada por contextos, torna esses movimentos sociais em *redes locais que também são globais*, conforme abordamos com Hall, na seção **Ações web-políticas dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros no facebook e instagram (2019-2022)**, permitindo interações em construção histórica que são motivadas por questões específicas que se interlaçam em questões de interesses globais. Não obstante, Castells argumenta que são movimentos *originados espontaneamente* por pessoas indignadas, com ações governamentais e instituições antidemocráticas, que utilizam ferramentas audiovisuais para mobilizar comunidades que se identificam em suas reivindicações, se tornando assim *virais*, pois inspiram novos ativistas, militantes e redes que se mobilizam pela esperança da mudança.

Para o autor, são movimentos *raramente programáticos*, uma vez que são espontâneos. Assim, a multiplicidade de demandas, projetos e tarefas impede que essa organização se torne burocrática, motivo também pelo qual dificilmente são cooptados partidariamente por políticos.

Além dessas características instrumentais, encontram-se no texto aspectos que desvelam as nuances desses movimentos gerados por redes de indignação e esperança, conforme argumenta Castells. Entre eles, que são movimentos *autorreflexivos* que indagam sobre sua própria existência e práxis, refletida nas suas formas de deliberação. Outro aspecto relevante é a forma de *não-violência* na qual baseiam suas ações. Nesse diapasão, está a concepção de mudança da opinião pública como vetor para a *mudança de valores da sociedade*, concentrados na oposição a regimes ditatoriais, pois querem transformar o Estado e não tomá-lo. Para esses movimentos, a mudança deve ocorrer a partir de fora do sistema, baseada em transformação das relações de poder, das instituições. A mudança deve ser no cerne da cultura da sociedade, baseada em autonomia.

Para Castells, os movimentos sociais se constituem quando a liberdade e a autonomia são cerceadas ou deixam de existir ditatorialmente ou quando as instituições políticas governamentais não atendem mais às necessidades e expectativas da vida cotidiana dos indivíduos, levando-os a indignação. Assim, os movimentos sociais se constituem em compartilhamento para superação do medo e da crise, devolvendo a esperança por meio da expectativa de mudanças do sistema de vida. Quando alcançados os objetivos almejados de mudança e transformação sócio-políticos, de cerne cultural, eles se desmobilizam. Com essa análise sintética da teoria das redes de indignação e esperança, expressada por Castells, será realizada a seguir uma análise dessas características nos movimentos estudados nesse trabalho, no período pesquisado.

Inicialmente, verifica-se que os três movimentos evangélicos LGBTQIA+ pesquisados se *originaram espontaneamente* por pessoas indignadas com objetivos e motivações pessoais que encontraram cooperação e a solidariedade entre si em favor de valores sociais comuns, a partir das redes sociais que constituíram. Primeiramente, em *lideranças não formais* e de forma *horizontal* e, inicialmente, com *raras ações programáticas*. Deve-se ressaltar, pois, que essas características instrumentais, conforme denominado por Castells, foram aos poucos se modificando nos movimentos pesquisados, principalmente quanto ao Evangélicxs, que se tornou uma associação sem fins lucrativos, conforme exposto anteriormente.

Constatou-se, ainda, que tanto o Evangélicxs, quanto o Inclusão Metodista e Inclusão Luterana se encontram no espectro *multimodal* apresentado por Castells, possuindo ampla participação em redes sociais, de forma *não-violenta*, conforme identificado nas análises das postagens da seção **Movimentos Evangélicos LGBTQIA+ de Igrejas no Brasil: Redes de Indignação e Esperança?**. Observa-se também nessas postagens que suas reivindicações possuem uma *simultaneidade do espaço-tempo*, determinada por contextos específicos, que torna esses movimentos sociais em *redes locais, também globais*, uma vez que seus temas específicos são também universais, conforme ação do Evangélicxs na Rede Miquéias. De *forma híbrida*, ocuparam prédios simbólicos, tais como igrejas⁵⁰, para realização de encontros para contestarem o *status quo*, a partir dos espaços virtuais e físicos, buscando uma terceira forma de espaço que é o da *autonomia*.

Assim, os objetivos dos três movimentos foram de *mudança no cerne da cultura da sociedade* e de *transformação das relações de poder* e das instituições, buscando fomentar a *mudança dos valores* dessa mesma sociedade por meio da *mudança da opinião pública*, conforme os vídeos analisados na seção **Ações web-políticas dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros no Facebook e Instagram (2019-2022)**. Da mesma forma, foram reveladas ações *autorreflexivas* dos movimentos, por meio de suas participações em encontros, tais como o 1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTI+: Diálogos Ecumênicos Para o Respeito à Diversidade, ocorrido em 19 a 23 de junho de 2019, na Paróquia da Santíssima Trindade em São Paulo que indagam sobre sua própria existência e práxis, refletida nas suas formas de deliberação.

Por fim, desvelou-se que os movimentos evangélicos LGBTQIA+ estudados se constituíram quando a liberdade e a autonomia de fiéis LGBTQIA+ foram cerceadas ou deixaram de existir eclesialmente, fomentada por neoconservadores, especialmente na forma de discursos e ações fundamentalistas, conforme os episódios da IPIB no Sínodo do RN e da IECLB, revelado na postagem do Inclusão Metodista, defendendo a exclusão de LGBTs da denominação (Figura 15 – Deu na @folhadespaulo), narrados nesse trabalho. Ou, ainda,

⁵⁰1º Congresso Igrejas e Comunidade LGBTI+: “Diálogos Ecumênicos Para o Respeito à Diversidade”, de 19 a 23 de junho de 2019, Local: Paróquia da Santíssima Trindade - São Paulo. Disponível em: <<https://igrejasecomunidade.wixsite.com/igrejaselgbiti/programacao-provisoria-1>>. Acesso em: 25 out. 2024.

sócio-politicamente nas instituições políticas governamentais, no caso do Brasil, por um governo neofascista, não atendendo mais às necessidades e expectativas da vida cotidiana desses indivíduos, levando-os a indignação. Por esse motivo, esses mesmos movimentos sociais se constituíram em compartilhamento para superação do medo e da crise, por parte de ativistas que se associaram, a fim de devolver a esperança por meio da expectativa de mudanças do sistema de vida e da sociedade.

Apesar de não terem alcançado a plenitude de suas reivindicações, o Inclusão Metodista e o Inclusão Luterana se desmobilizaram em suas redes e o Evangélicxs se tornou uma organização sem fins lucrativos que manteve os ideais originais dos seus fundadores e ampliou sua missão. Em face das evidências encontradas nos resultados das pesquisas, pode-se inferir que tais desmobilizações ocorreram, ao menos em parte, pelos projetos pessoais dos seus líderes, quer seja por uma consequência das aproximações político-partidárias, quer seja por não alcançarem suas reivindicações almejadas, conforme ocorreu com o Inclusão Luterana, pois a IECLB, somente em 2023, aprovou a política de justiça de gênero, enquanto aquelas do Inclusão Metodista foram obliteradas no Concílio Geral da Igreja Metodista.

A percepção de que os três movimentos estudados, mesmo desmobilizados, abrangeram características instrumentais e aspectos sócio-políticos, com cerne cultural, estabelecidos na teoria de Castells, permite chamá-los de redes de indignação e esperança. Apesar do entusiasmo de Castells (2013), a série em massa de movimentos que emergiram em várias partes do mundo, no fim dos anos 1990 até hoje, não se revelaram suficientes para impedir governos ditatoriais e até mesmo de práticas fascistas, surgidos nos últimos dez anos, expressando que apenas indignação e esperança não são suficientes para alcançar *transformações sociais*.

Assim, a oportunidade de pesquisar, analisar e estudar os movimentos evangélicos LGBTQIA+ demonstrou a complexidade, sob aparência de simplicidade, que o tema possui e

exige ser conhecido, pois ele se encontra em três vertentes intrínsecos ao ser humano e à humanidade: a política, o social e o religioso. Não há o que se falar em civilização ou processo civilizatório que, obrigatoriamente, não contemple essas questões. Por isso, investido de complexidade. Não por outro motivo, para além do planejado, a metodologia inicialmente desenhada teve de ser reconsiderada. A proposta original não abarcaria o cabedal de conhecimentos necessários às demandas de informação e conhecimento que o tema exige e que foram sendo desvelados frente a cada nova questão que precisava ser respondida.

Por esse motivo, a análise de narrativas, a partir da análise de redes sociais (ARS), perpassando por conceitos da comunicação e do audiovisual, teve que ser complementada, primeiro por uma abordagem integrativa preliminar para compreensão da conjuntura que perpassa o tema sócio-historicamente, ao analisar o protestantismo brasileiro e o evangelismo; por outra, pelas questões identitárias que perpassam a cultura. E, ainda, os conceitos necessários ao tema que emergem, tais como: ativismo, militância e movimentos sociais. Tais providências foram necessárias para identificação das nuances e influências que circundam e transitam no tema, de como protestantes brasileiros e movimentos LGBTQIA+ levaram a conformação e o caráter interseccional e transcultural que os movimentos evangélicos LGBTQIA+ se constituíram.

Observa-se, então, que os movimentos evangélicos LGBTQIA+, constituídos por ativistas que se uniram em colaboração e comunicação na ágora moderna das redes sociais, formando posteriormente movimentos sociais, por afinidade e reivindicações que envolvem questões culturais e sócio-políticas, revelam uma nova forma de prática política (web) que busca gerar mensagens embutidas de opiniões que focam a informação e a formação, com ética e agir consciente, em prol da democracia pluralista que visam “fazer o que é certo”, prioritariamente, em discursos concorrentes aos discursos neoconservadores e seu padrão hegemônico patriarcal heteronormativo. Essas ações desvelam, por si só, um processo social. Nesse processo social gerado, pessoas-chave, conteúdos e subcomunidades formadas por outras intra-intertextualidades surgem sustentadas pela troca de informações que constitui a comunicação que dá significação à produção social que, para além da comunicação interpessoal é comunicação socializada, caracterizada pela diversidade, caracterizada pela

comunicação de massa que, por meio do seu estímulo cultural e intelectual, gera atitudes sócio-políticas, por meio da troca de idéias, que enriquecem e diversificam a realidade.

Além disso, as relações, conexões e instituições com as quais esses ativistas, sua militância e movimentos sociais interagem são verdadeiramente expressões sociológicas. Assim, as redes são um poder, pois além dos discursos, suas narrativas, centradas no conflito em contraposição a uma narrativa dominante, ajudam a “explicar e auxiliam a prever a natureza dessa sociedade”. Essa nova forma de fazer política dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ no Brasil é resistência que se mobiliza em coletividade, contra a própria dominação social, em redes sociais, de forma multimodal, comunicando e com narrativas que proferem discursos políticos baseados na persuasão confrontando o *status quo*. Essa nova conformação reúne duas perspectivas diferentes: “identidades coletivas e redes sociais”. Essa caracterização desenha o enquadramento interpretativo de identidade coletiva, suas dinâmicas de articulação agrupadas em redes descentralizadas, formadas temporariamente por demandas sociais, reclamando por justiça, pois estão excluídas do sistema e das decisões, reivindicando direitos humanos e civis. Conforme esclarece Castells (2013), articulados em valores e interesses éticos que influenciam o pensamento humano.

Portanto, a análise das narrativas expostas nas redes sociais dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ possuem cerne discursivo que deve ser reiterado por seu impacto na vida pessoal e sociopolítica dos ativistas, dos militantes e daqueles que são oprimidos pelas narrativas eclesiais e de cunho sócio-político dominantes, provenientes da hegemonia patriarcal heteronormativa, pois são centradas no conflito e na existência de uma narrativa dominante, na argumentação e retórica, contemplando a complexidade de relações e interações com o mundo social. Isso pode ser observado, claramente, na sensação de morte causada pela LGBTIfobia estrutural⁵¹, relatada em várias narrativas nas publicações dos movimentos em suas redes sociais. Dentre elas, a morte sociopolítica, sendo assim, a morte do “ser” e do “existir” de LGBTQIA+, decorrente da “necropolítica que finca raízes no fundamentalismo LGBTIfóbico” (Evangélicxs, 2021).

⁵¹LGBTIfobia estrutural, como congênere de racismo estrutural, em que os indivíduos do acrônimo LGBTQIA+, integrados na organização política e econômica, sofrem a reprodução da desigualdade e da violência que moldam a vida social.

[...] o conceito de necropolítica possui uma historicidade própria, ele é cunhado a partir da experiência política e cultural de um povo específico e, por isso, tais peculiaridades não podem ser desconsideradas sob pena de apagamento ou encobrimento do Outro (Negris, 2020, p.79).

A morte física, causada pela violência e hostilidade aos seus corpos que, sem possibilidade de erro, é o maior mote que abrange e assola a população LGBTQIA+, pois possui histórico de aumento anual, mesmo desconsiderando os casos não notificados ou subnotificados (Schmitz, 2024).

Figura 31 – Orientação Sexual e identidade de gênero: LGBT+ mortos no Brasil, 2023

Orientação e/ou Gênero	Quant.	%
Travestis e Transgêneros	127	49,42
Gay	118	45,91
Lésbica	9	3,50
Bissexual	3	1,17
Total	257	100

Fonte: GGB - Grupo Gay Bahia (Schmitz, Beto. Grupo Dignidade, 19 jan. 2024).

E, por último, a morte sócio-eclesiástica pelos quais os evangélicos LGBTQIA+ passam, sustentada por uma necroteologia⁵², no caso dos evangélicos LGBTQIA+, conjugado ao mote do pecado, causa da morte espiritual e eterna (ERICKSON, 2015, p.592).

Por esse motivo, o pecado é uma narrativa recorrente nos discursos concorrentes que os movimentos evangélicos LGBTQIA+ enunciam, em contraposição aos discursos dominantes. Observa-se que o discurso teológico do pecado, usado por neoconservadores, é feito para catapultar tanto discursos eclesiásticos, quanto de cunho sócio-políticos, por meio do recurso argumentativo de usar “parâmetros privados, para surtir efeitos no âmbito público”. Não por outro motivo, os movimentos evangélicos LGBTQIA+ passaram a usar desse recurso para revelar os pecados de seus algozes, pois a permissão às suas violências e hostilidades, identificados no padrão hegemônico patriarcal heteronormativo, agora ecoam

⁵²Necroteologia, como congênere da necropolítica. Para saber mais, leia em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/a-necroteologia-a-servico-de-bolsonaro>>. Atualizado em: 12/07/2021as 08h50m. Publicado em: 11/07/2021 as 12h29m. Acesso em: 07/11/2021.

também nas reivindicações dos fiéis LGBTQIA+. Assim conforme, o discurso hipócrita sobre o pecado que não condena o pecador, mas diz que o LGBTQIA+ não serve para ficar na igreja, reiterado nos episódios da IPIB (Sínodo do RN) e da Inclusão Metodista, defendendo a exclusão de LGBTs da denominação (Figura 15 – Deu na @folhadespaulo), obliterando a preservação da vida psíquica, física e espiritual de fiéis LGBTQIA+.

E, ainda, a narrativa da resistência. Resistência ao *status quo* sociopolítico que oprime e resistência às decisões de exclusão e proibição eclesiásticas, lembrando a afirmação de Alexandre Pupo e Natália Blanco, do Inclusão Metodista, de que “não estamos sozinhos [...] lutamos e permanecemos dentro da igreja, apesar das doutrinas excluírem [...] não iremos sair da igreja” como posicionamento consciente de contraordem, buscando a *transformação das relações de poder*, por meio da persuasão e da *não-violência*. Baseado em valores que buscam influenciar o pensamento humano, expressas em suas interseccionalidades e transculturalidades.

Assim, verifica-se que as interseccionalidades e transculturalidades que perpassam a identidade, as reivindicações e a vida dos evangélicos LGBTQIA+ e os movimentos se encontram em suas narrativas expostas em seus discursos, enunciados e ações. Principalmente as intersecções com o movimento de mulheres, movimento negro, indígena etc. Essas intercessões são históricas ao movimento LGBTQIA+, *vide* em Citeli (2005) e Corrêa & Parker (202). Isso, sob a perspectiva de gênero, raça, etnia etc. Porém, há outras vinculadas às questões eclesiásticas como grupos ligados à Teologia Negra, Feminista e à própria Queer, que mantêm as características daquelas sociais. Da mesma forma, podem-se observar aquelas ligadas à política, tais como movimentos evangélicos progressistas, já expostas na seção **Ações web-políticas dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros no facebook e instagram (2019- 2022)**, deste trabalho.

Características mais ligadas às questões culturais, embora não se possa afirmar que as interseccionalidades já citadas não são, também, transculturais, pois abrangem questões da cultura indígena, cultura negra etc. Mas, em uma forma *strictu sensu*, encontra-se a questão interreligiosa, pois, para além do ecumenismo restrito à cristandade, a interreligiosidade perpassa a cultura em sua forma ampla, que envolve crenças, raças e etnias, vestuário,

comidas e toda uma complexidade de outras formas de compreensão da vida, diversa da tradição judaico-cristã ocidental. Essas transculturalidades exigem o exercício da pluralidade e diversidade, do respeito e, principalmente, o da democracia, pois está contida na convivência com a ideologia e posicionamento do outro e, não somente, do problema do outro, como no caso das interseccionalidades.

Cabe, então, esclarecer que a interseccionalidade, mais do que uma questão de diversidade cultural ideológica, se encontra no âmbito das reivindicações. Tratam-se de direitos humanos e civis concentrados em temas que perpassam grupos diversos, sejam categorizados por classe, gênero, raça ou etnia de uma determinada população que possui problemas que são iguais, se intercalam ou se cruzam. Assim, conforme explica Collins:

a interseccionalidade, portanto, busca descartar diferenças e identificar as semelhanças relacionais e analisar os trechos de conexão, sobreposição ou interconexão que estão na mesma estrutura, [a fim de compreender] como a dominação é organizada e se efetua, e, ainda, quais as possibilidades políticas em tais contextos. (2022, n.p.)

Por esse mesmo motivo, a socióloga ressalta a importância da vigilância quanto aos poderes, quando desvelados, que se reorganizam para manter a dominação e as desigualdades. Para ela, a interseccionalidade é conhecimento que permite a resistência, realizada em coletividade.

Outras questões surgidas na trajetória da pesquisa trouxeram novas informações ao que já se conhecia inicialmente, desvelando atores e interações entre atores, redes e arranjos sociais, suas influências, nuances e meandros, dentre os quais os que destacaremos a seguir. A primeira questão que merece destaque é a trajetória do Evangélicxs no decorrer dos anos, de um encontro de ativistas, fiéis de igrejas, na Internet, até se tornar uma organização social, interdenominacional, ecumênica e de ações interreligiosas⁵³. Por ser a maior e mais atuante organização e, ainda, por estar ativa, optou-se em manter a análise da sua trajetória histórica institucional. Curiosamente, o Evangélicxs mantém suas características de movimento social, em sua forma de agir, de se comunicar e de angariar recursos, apesar de se organizar

⁵³Editorial [on-line] de 05 jul. 2019 às 11h20m da Editora Cidade Nova “Enquanto o ecumenismo diz respeito ao diálogo entre igreja cristãs, o diálogo inter-religioso busca uma relação de diálogo e respeito entre religiões e grupos religiosos.”

estruturalmente em núcleos estaduais e em hierarquia, conforme uma organização social, passando a ter um coordenador executivo.

Da mesma forma, merecem destaque as interações e relações institucionais de atores como Flavio Conrado e Alexandre Pupo, além daquelas informadas nas postagens dos movimentos, reveladas durante a pesquisa. No caso de Flavio Conrado, coordenador institucional do Evangélicxs, que além do Novos Diálogos e da Plataforma Intercessão divulgadas, tem relação direta com a Aliança Batista do Brasil, inclusive, à época, com cargo executivo. E, ainda, Alexandre Pupo, cuja relação partidária com o Partido dos Trabalhadores foi constatada, assim que o governo Lula tomou posse, tendo cargo nomeado próximo a Presidência da República, com trajetória meteórica em apenas dois anos, de um membro da JPT à candidato oficial do Brasil à Secretaria-Geral da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ). Observa-se que, para atores há mais tempo articulados interinstitucionalmente em movimentos religiosos e laicos LGBTQIA+, como André Musskopf, não foram localizadas relações e vínculos partidários ou governamentais executivos explícitos. O mesmo ocorre com Flávio Conrado, primordialmente, com histórico de vínculos com organizações sociais.

Esses esclarecimentos ajudam a revelar a questão não identificada na pesquisa inicial quanto à desmobilização ocorrida, de forma abrupta e crítica, nesses movimentos evangélicos LGBTQIA+ a partir de 2023, em suas redes sociais, com exceção do Evangélicxs. É verdade que, Castells (2013), assim como Bringel (2021), explica que esses grupos em novas formas de movimentos sociais, quando têm atendidas suas reivindicações, se desmobilizam. Porém, nesse caso, as reivindicações desses grupos continuam parcial ou totalmente não atendidas, conforme o caso do Inclusão Metodista e Inclusão Luterana. No entanto, explicadas em parte, a continuidade da pesquisa permitiu a análise e inferência do que ocorreu com esses movimentos, uma vez que questões pessoais particulares como as de Alexandre Pupo e André Musskopf, já citadas anteriormente na seção **Por onde andam?**, são evidências das desmobilizações dos movimentos, devidamente conjugadas com as negativas às suas reivindicações de reconhecimento em sacramentos e atividades eclesiais.

Assim, a única explicação, baseada na mudança de um governo de extrema-direita para um governo de coalizão de centro-esquerda no país, é simplória demais para esclarecer o que ocorreu, apesar de ser a mais efetiva e de maior influência, pois as reivindicações de cunho sociopolítico contra discursos, agendas, pautas e ações fundamentalistas e neofascista do governo Bolsonaro foram substituídas por agendas e pautas com caráter de direitos humanos e civis do novo governo, *vide* Decreto nº 11.848, de 26 de dezembro de 2023, da Presidência da República, que convoca a 4ª Conferência Nacional dos Direitos das Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Outras, muito embora, o bolsonarismo⁵⁴ esteja vivo e atuante.

Outra explicação confirmada para a desmobilização dos movimentos é a proposta por Nancy Fraser (2020) sobre o capitalismo financeirizado, pois nota-se que os movimentos sozinhos não subsistem sem doações, *vide* as várias campanhas de *crowdfunding* (vaquinha on-line) nas redes sociais do Inclusão Luterana e Evangélicxs que não foram bem-sucedidas, pois não obtiveram apoiadores ou arrecadação em várias delas, exigindo que os militantes tivessem atividades paralelas. Há, ainda, a explicação mais crucial que é a perseguição evidenciada pela violência e hostilidade que membros desses movimentos evangélicos LGBTQIA+ sofreram e, ainda, sofrem, provenientes de LGBTQIA+fobia, assim conforme exposto pelo Inclusão Luterana em seu *site*.

Assim, pode-se resumir sinteticamente que os movimentos evangélicos LGBTQIA+ se desmobilizaram pelos seguintes motivos: eleição do governo Lula; agenda pessoal de seus líderes e *sponsors*⁵⁵; a dificuldade de captação de recursos para subsistência dos movimentos; e, por último, a LGBTIfobia.

Importa, também, esclarecer a conjuntura sócio-histórica que perfaz o período de 2019 a 2022. Nesse período, há cinco condições que estimularam o surgimento (Evangélicxs e Inclusão Metodista) e incremento (Inclusão Luterana) desses movimentos evangélicos LGBTQIA+ no Brasil, com características de redes de indignação e esperança. A primeira é o exacerbamento de posições ideológicas no mundo refletido em neoconservadorismo e em

⁵⁴ Segundo Boito Jr. (2020, p.111), congênere de governo fascista. Quando não-governo possui as mesmas características de um governo fascista, conformando-se em um movimento social fascista.

⁵⁵ Na pesquisa, *sponsors* são identificados nos movimentos com o significado de articuladores, avalistas.

retrocessos, disputas e tensionamentos religiosos, tanto quanto de cunho sociopolítico, nos últimos dez anos. A segunda é ser o período de um governo de extrema-direita, com discursos, agendas, pautas e ações fundamentalistas neofascistas. Terceiro, ser o período crítico de espera, coalizão e pré-eleição presidencial de 2022, em que seria decidida a manutenção do governo Bolsonaro ou a volta de um governo de centro-esquerda, atual governo Lula. A quarta, o *lockdown*⁵⁶, isolamento social nacional, ocorrido em razão da pandemia de Covid-19, entre fevereiro de 2020 e abril de 2021, que restringiu os encontros presenciais e, por conseguinte, as ações, manifestações e protestos presenciais. Por último, o advento da comunicação em massa, por meio da Internet e das redes sociais, estimulados pela própria motivação geracional de uma população que nasceu e cresceu na era digital.

Por fim, restam algumas considerações conclusivas e, ainda, sugestões para futuras pesquisas.

A pesquisa inicial, a partir da teoria de Castells sobre “redes de indignação e esperança”, por meio de um método hipotético-dedutivo, em uma perspectiva empírica, permitiu esclarecer os novos dispositivos e relações sociopolíticas e ideológicas que movem os movimentos evangélicos LGBTQIA+. A construção genealógica da teoria de Castells, a partir da teoria dos novos movimentos sociais de Touraine, agregados com os conceitos de teóricos, tais como Jasper, Bringel e Sales, envolvidos no tema, e, outros expoentes, de relevância ao que circundam e transitam ao tema, tais como Foucault e Hall, também permitiu esclarecer esse novo padrão de movimento social dos evangélicos LGBTQIA+ do Brasil.

Por esse motivo, a abordagem inicial da pesquisa quanto à identificação dos atores e redes formalmente envolvidos, suas estruturas (regras) e interações (arranjos institucionais), em vários níveis, identificadas por meio da análise das narrativas das redes sociais desses movimentos, para contextualização e compreensão de como ativistas evangélicos LGBTQIA+ de igrejas se associaram em movimentos sociais, em redes de indignação e esperança, necessitava aprofundamento. Assim, aprofundar e analisar as relações, intersecções,

⁵⁶Recomendação *ad referendum* do Conselho Nacional de Saúde (CNS)nº 036, de 11 de maio de 2020 “recomenda a implementação de medidas de distanciamento social mais restritivo (*lockdown*)”. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

transculturalidades e reivindicações de direitos humanos e civis, se fez necessário, a fim de conformar o constructo interpretativo que caracterizasse e determinasse os movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros, de igrejas, no período de 2019 a 2022, como redes de indignação e esperança, quer seja em sua forma de construção, de ação ou agir comunicativo.

Mediante a conclusão da pesquisa empírica sobre os movimentos evangélicos LGBTQIA+, em base hipotético-dedutiva, relacionada às redes de indignação e esperança de Castells, que originou esse trabalho, deve-se confrontar a sua verificabilidade e eficiência das suas conclusões. Para tanto, recorre-se a Karl Popper (2004), que pensou esse método de abordagem científica. Para ele, se um enunciado puder ser verificado (atestado) como verdadeiro, ele o é. Por isso, enunciados somente podem ser atestados por enunciados e não a partir de subjetividades ou convicções. Assim, segundo Popper, “a teoria serve a racionalizar, explicar e dominar o mundo” (*Ibid.*, p.40-61). Porém, para o autor, o que confirma a teoria não é a verificabilidade, mas a falseabilidade. Karl Popper explica que falseabilidade não é falsificação, pois para o autor, a falsificação é uma fraude, enquanto a falseabilidade é que difere a simples observação do método científico (*Ibid.*). Portanto o objetivo é evitar o erro, que consiste em corroborar ou não a hipótese.

Essa exposição na conclusão deve-se aos questionamentos que surgiram quanto à verificabilidade, após análise da seção **Movimentos Evangélicos LGBTQIA+ de Igrejas no Brasil: Redes de Indignação e Esperança**. Isso porque durante o trabalho, tal como na seção **Por andam?** e nesta presente seção, os achados divulgados quanto às especificidades “agenda pessoal de líderes e *sponsors*” suscitam questionamentos quanto à origem e início dos movimentos enunciados. Portanto, sendo leal ao esforço do trabalho aqui conformado, aos professores envolvidos, à academia, à própria ciência e àqueles que espontaneamente prestigiarem a leitura do trabalho, não se poderia eximir de reavaliar a descrição do sistema na seção **Movimentos Evangélicos LGBTQIA+ de Igrejas no Brasil: Redes de Indignação e Esperança**, sob pena de se perder a capacidade de se produzir o efeito esperado, a partir do resultado até aqui alcançado. Por isso, sem medo das consequências do que será dito a seguir, o que se espera é o resultado positivo que a pesquisa e esse trabalho final venham a alcançar.

Portanto, o enunciado que não é o primeiro, mas inicia a realização das verificabilidades e falseabilidades dos enunciados da teoria em confronto com o a pesquisa empírica é: como se iniciam os movimentos sociais nas redes de indignação e esperança? A resposta, segundo Castells é: “os movimentos geralmente se iniciam nas redes sociais” (2013, p.128). Assim, deve-se lembrar que o Evangélicxs é o único movimento dos três pesquisados que se iniciou por três ativistas, por meio das redes sociais, até ser formalmente organizado em 2017, como uma articulação de pessoas LGBTI+ e “aliades”, se tornando público em 2018. Os outros dois movimentos foram consequência de fiéis metodistas e luteranos, respectivamente, que se associaram em suas reivindicações comuns para exercerem sua cidadania eclesial e civil e que desenvolveram seu ativismo e posicionamentos, posteriormente, nas redes sociais. Dessa forma, constata-se que há diferenciação entre dois dos três movimentos, pois o Inclusão Luterana e o Inclusão Metodista tiveram início diferente do Evangélicxs.

Conjugado a isso, outro enunciado de Castells é quanto à *espontaneidade da origem dos movimentos*. Obrigatoriamente, devido às duas últimas questões suscitadas, quer seja a “agenda pessoal de líderes e *sponsors*”, em especial a de Alexandre Pupo descrita na seção **Por onde andam?**, e a utilização das redes sociais dos movimentos Luterano e Metodista, posteriormente as suas respectivas fundações, deve-se destacar que não há evidências nas narrativas encontradas nas redes sociais dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ de não terem se originados espontaneamente.

Consequentemente, no mesmo diapasão, quanto ao enunciado que aborda a respeito das *lideranças não formais*, de forma *horizontal* e com *raras ações programáticas*, reitera-se com base nos achados pesquisados, apesar do Evangélicxs ter se tornado uma associação sem fins lucrativos, conforme exposto anteriormente, que não há evidências nas narrativas analisadas que justifique afirmar que suas lideranças não agiam de forma horizontal e com raras ações programáticas, embora ativistas como Alexandre Pupo, Bob Botelho e André Musskopf tivessem destaque em suas atuações.

Portanto, desconsiderar quaisquer uns desses enunciados das redes de indignação e esperança da teoria de Castells na história dos movimentos evangélicos LGBTQIA+, sem evidências, seria incorrer em erro tanto quanto não confrontá-los com os achados.

Ressalta-se que o desenho da pesquisa inicial se modificou no decorrer do trabalho, conforme explicado anteriormente, pois novas informações que eram obtidas suscitavam mais explicações. No entanto, no início da pesquisa não se esperava que fossem encontrados, por exemplo, *sponsors* que atuavam juntos aos grupos, assim como os desdobramentos ligados a suas agendas pessoais que vieram a ocorrer e que, na perspectiva das análises das narrativas das redes sociais, pudessem suscitar mais perguntas e explicações que fossem necessárias para elucidar e dirimir quaisquer dúvidas que porventura viessem a existir. Nesse sentido, outras metodologias teriam que ser conjugadas às utilizadas, tais como entrevistas. No entanto, pesquisas acadêmicas, científicas, não precisam se encerrar em si, mas serem objeto de estudo e dialética com outras pesquisas e estudos que as complementem ou que façam novos debates, inclusive que exigem novas metodologias sob a nova perspectiva proposta.

Apesar do exposto, os objetivos específicos da pesquisa, quais sejam, identificar os movimentos protestantes LGBTQIA+ de igrejas, no Brasil, entre 2019 e 2022, seus atores e redes, formalmente envolvidos e analisar suas estruturas (regras) e interações (arranjos institucionais); além de identificar suas reivindicações de direitos humanos e civis; intercessões e transculturalidades, a partir das narrativas de suas redes sociais, foram alcançados. Da mesma forma, a proposta inicial de analisar os movimentos evangélicos LGBTQIA+ sob a perspectiva hipotético-dedutiva para conformação em consonância ao modelo da teoria de Castells.

Assim, recordando Cunha e Peixinho, as narrativas na construção da cultura, das identidades e dos movimentos sociais podem ser contadas em várias formas e a estrutura espaço-tempo da narrativa determina sua representação e, portanto, sua interpretação deve considerar os papéis dos atores envolvidos e que as narrativa são centradas no conflito e na existência de uma narrativa dominante, na argumentação e retórica, contemplando a complexidade de relações e interações com o mundo social. Portanto, análises narrativas se concentram no conteúdo dos textos, as quais são elaboradas por processos mentais dos

leitores, baseados em modelos sociocognitivos e na sua experiência do mundo. Por isso, outras interpretações das narrativas, pelos leitores, cabem à sua própria compreensão cognitiva e experiência do mundo, pois a narrativa midiática exige que se compreenda tanto a história quanto o discurso como representação e construção.

Por outro lado, é importante destacar que, passados dez anos do livro escrito por Castells (2013) sobre o tema **redes de indignação e esperança**, verifica-se que o entusiasmo do autor, expresso em suas análises mediante o grande número de movimentos que despontaram no mundo, por meio da web, em consequência de pessoas movidas pela indignação das ações de opressão e dominação ou indignadas pela não-ação de governos em prol as suas demandas por justiça social, não corresponderam às expectativas iniciais. A esperança surgida da cooperação e solidariedade ativista quando formaram os movimentos sociais, não se revelou suficiente para superar desgovernos, ditaduras e até mesmo práticas fascistas, surgidos nos últimos dez anos. Essa conclusão desvela que, apenas a indignação e a esperança não são suficientes para alcançar resultados que levem a *transformações sociais*.

Apesar disso, e conforme comentário anterior, a pesquisa inicial revelou alguns fenômenos que exigem aprofundamentos em pesquisas futuras. Salienta-se que, devido a sua trajetória *sui generis*, o Evangélicxs se encontra em um interessante quadro para estudo de caso que corresponderia sociologicamente a uma perspectiva institucionalista, para evidenciar lacunas e responder a novas questões suscitadas por novas análises decorrentes de seus discursos e ações. Outra questão apontada na pesquisa desse trabalho é que apesar de uma teologia limitante quanto ao seu “ser” e “existir”, da discriminação condenatória e cerceamento a sacramentos e cargos eclesiais, fiéis LGBTQIA+ continuam a professar sua fé dentro dessas denominações e, para além disso, houve o crescimento de fiéis LGBTQIA+ ao longo dos anos nessas igrejas. Tendo como uma das hipóteses prováveis a que indivíduos conscientes, provenientes de um maior esclarecimento sociocultural que atuam filosófica e sociologicamente, participando em discussões sobre as implicações religiosas nas reivindicações eclesiais dos direitos humanos LGBTQIA+ e nas reivindicações de cunho sociopolítico não se limitam aos discursos moralistas conservadores.

Em segunda hipótese, que abarca teoria de Castells, toda identidade é construída sociologicamente, de forma estrutural e no espaço-tempo, por determinantes de conteúdo simbólico, por identificação ou exclusão, havendo três formas de construção de identidade coletiva, em relação aos atores sociais: a **legitimadora** relacionada a relações de poder e dominação social; a **de resistência**, relacionada à sobrevivência à opressão e dominação social; e a **de projeto**, relacionada à cultura que busca a transformação da estrutura social. Assim, a dinâmica das identidades de resistência para projeto, conforme descrito, seria uma forma do sujeito, enquanto ator social, exercer um papel no microcosmo da sociedade, no caso eclesialmente e, dessa forma, exigir inclusão nela, pelo direito de “fazer parte”.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.
- BOITO, Armando et al. *Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo*. Crítica marxista, v. 50, p. 111-119, 2020.
- BOUNEGRU, Liliana; VENTURINI, Tommaso; GRAY, Jonathan e JACOMY, Mathieu. 2017. *Narrating Networks: Exploring the Affordances of Networks as Storytelling Devices in Journalism*. Digital Journalism 5(6): 699–730.
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2016.1186497>.
- BRINGEL, Breno. *Estallidos de indignación, levantamientos de esperanza: câmbios em los sujetos y los sujetos del cambio*. In: Breno Bringel; Alexandra Martínez; Ferdinand Muggenthaler. (Org.). *Desbordes: estallidos, sujetos y porvenires en América Latina*. 1ed. Quito: Fundación Rosa Luxemburg, 2021, v. , p. 13-42.
- CALVANI, C. E. B. *Anglicanismo no Brasil*. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 36-47, setembro/novembro 2005.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Pentecostalismo e protestantismo “histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças*. Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 9, n. 22, p. 504-533, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura, edição revista e atualizada*, vol.2. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2018.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.
- CITELI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos; Instituto de Medicina Social, IMS, 2005.
- COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. Boitempo Editorial, 2022. Disponível em:
<https://www.google.com.br/books/edition/Bem_mais_que_ideias/7thjEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PT12&printsec=frontcover>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CORREIA, Sonia; PARKER, Richard. *Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos*. Rio de Janeiro: ABIA, 2011. Disponível em <<https://sxpolitics.org/ptbr/nossas-publicacoes/2638>>. Acesso em: 5 dez. de 2022.

CUNHA, Isabel Ferin; PEIXINHO, Ana Teresa. *Análise dos Media*. Edição atualizada e aumentada. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

D'ADDARIO, Miguel. *Sociologia evolucionista: estudo, análise e exercícios*. Tradução: Ana Carla Barros Sobreira. 2ª Ed. Comunidade Européia. Babel Cubs Books, 2018.

ERICKSON, MILLARD J. *Teologia sistemática*. Tradução de Robinson Malkomes, Valdemar Kroker e Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FOCAULT, Michel. *Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Tradução Eduardo Brandão. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. *Redistribution or recognition?: a political-philosophical exchange*. Verso, 2003.

FRASER, Nancy. Entrevista: Nádia Junqueira. Tradução Nathalie Bressiani, em 26 de março de 2020. *Capitalismo em debate: Nancy Fraser: "O neoliberalismo não se legitima mais"*. Le Monde 'diplomatie Brasil'. Acervo On-line. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/nancy-fraser-o-neoliberalismo-nao-se-legitima-mais/>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado. Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1993.

FURSETH, Inger; REPSTAD, Pal. *Sociologia da religião: perspectivas clássicas e contemporâneas*. Tradução de Levindo Pereira. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Coleção Perspectivas do Homem. Série Filosofia, v.48. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 (4ª ed., 1982). 244p. Disponível em: <https://www.gramsci.org/bibliografia_nova.php?id=525>. Acesso em: 04 maio 2023.

GONTIJO, Eduardo Dias. *Os termos "Ética" e "Moral"*. Mental, Barbacena, v. 4, n. 7, p. 127-135, nov. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 dez. 2024.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª Ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JASPER, James Macdonald. *O que são movimentos sociais? Protesto: uma introdução aos movimentos sociais*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

JOHNSON, Allan. G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Tradução: Rui Jungmann. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997. 316p.

LACERDA, Gerson Correia de. *Homoafetividade e cristianismo: uma abordagem histórica*. Teologia e Sociedade. Faculdade de Teologia de São Paulo. Vol. 1, nº 10 (outubro 2013). São Paulo: Pendão Real, 2013.

LONGHI, Raquel Ritter; SILVEIRA, Stefanie Carlan da; PAULINO, Rita. *Jornalismo e Plataformização: abordagens investigativas contemporâneas*. [Org.]. 1ª Ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021

MARTINS, Joyce Miranda Leão. *Neoconservadorismo na América Latina: o ataque aos direitos sexuais e reprodutivos como elemento da erosão democrática*. Resenha. Rev. Bras. Ciênc. Polít. (37), 2022.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. *Para mapear o confronto político*. Lua Nova: revista de cultura e política, p. 11-48, 2009.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008.

MOREIRA, Cosme Alexandre Ribeiro et al. *Laicidade e homossexualidade: o tratamento das reivindicações LGBT por parlamentares evangélicos federais entre 2010 e 2013*. 2014. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/291>>. Acesso em: 5 dez. 2022.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. *A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível*. Revista Temas em Educação, v.23, n.1, p. 98-106. João Pessoa: jan-jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

NATIVIDADE, Marcelo. *Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal*. Religião & Sociedade, vol. 30, nº2, pg. 90-121. 2010.

_____; OLIVEIRA, Leandro. *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NEGRIS, Adriano. *Entre Biopolítica e Necropolítica: uma questão de poder*. n. 36 Edição Especial - Filosofia Africana. Rio de Janeiro: Ítaca, 2020, p.79-102.

OLIVEIRA, Luis Gustavo Silva de. *“O Senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay”*: etnografando duas igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017.

PAGOTO, Lia Gabriela. **Quadro narrativo como incremento para o kit de ferramentas de análise de redes sociais**. In: *Jornalismo e Plataformização: abordagens investigativas contemporâneas*. Org.: Longhi, Raquel Ritter; Silveira, Stefanie Carlan da; Paulino, Rita. 1ª Ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021. p. 117-135.

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POPPER, Karl R. *A lógica da pesquisa científica*. Editora Cultrix, 2004.

PY, Fábio. *Lauro Bretones: um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956*. Tese de Doutorado. Departamento de Teologia. Rio de Janeiro: PUC, 2015. 259p.

PY, Fábio. *Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro*. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0202, set./dez., 2021. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0202>.

PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. *Análise de redes para mídia social*. Editora Sulina, 2015.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *Religião, democracia e direitos humanos: presença pública inter-religiosa no fortalecimento da democracia e na defesa dos direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Reflexão, 2016.

SALES, André Luis L. F. *Militância e ativismo: cinco ensaios sobre ação coletiva e subjetividade*. 2019. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências e Letras. Assis.

SILVA, Clayton Leal da. *Sexualidade e afetividade: pastoral numa área de sofrimentos e conflitos*. Teologia e Sociedade. Faculdade de Teologia de São Paulo. Vol. 1, nº 10 (outubro 2013). São Paulo: Pendão Real, 2013.

SOUZA, Vera. *Comunicação interpessoal nas negociações. Apostila. Curso de formação de negociadores*. Fundação Getúlio Vargas. Nov. 2005.

TOURAINE, Alain. *Os novos conflitos sociais: para evitar mal-entendidos*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p.05-18, 1989.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Tradução Waltensir Dutra. 5ª Ed. RJ: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982.

FONTES

BBC News Brasil. #EleNão: *A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>>. Acesso em 04 jan. 2025.

BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS. *Tipos de Revisão de Literatura*. Faculdade de Ciência Agrônômicas. Campus Botucatu. Botucatu: UNESP, 2015. Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*.

CANAL: CAFÉ COM A VERDADE. *Ed René - visão da IBAB em relação ao público LGBT*. Youtube. Vídeo Publicado em 15 maio 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eBE7AYE7eew>>. Acesso em 13 jul. 2023.

CANAL: CLEOCI. *A IBAB esta aberta pra receber LGBTQIA+?*. Youtube. Vídeo publicado em 22 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=98k3p5VspCc>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CANAL: Lula. *Lula e Leonardo Boff conversam sobre o Brasil e o mundo*. Youtube. Vídeo publicado em 01 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HzAr4WpYAow>>. Acesso em: 04 jan. 2025.

CANAL: PT – Partido dos Trabalhadores. *Alexandre Pupo, sec. de Relações Internacionais da JPT no XXVI Encontro do Foro de São Paulo*. Youtube. Vídeo publicado em 05 jul. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MPTNVwIU4>>. Acesso em: 05 nov. 2024.

CANAL: Quero abraçar todo o mundo. *Metodismo e Inclusão LGBTQIA+*. Youtube. Vídeo publicado em 09 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DujID-yS6u4>>. Acesso em: 31 out. 2024.

CANAL: TV DIÁLOGOS DO SUL GLOBAL. *A corrupção dos pastores no governo Bolsonaro*. Youtube. Vídeo publicado em 29 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ST5Qxa4ZLXo>>. Acesso em: 04 jan. 2025.

CAPLER, Rodolfo. *A necroteologia a serviço de Bolsonaro: Teólogo Rodolfo Capler denuncia a manipulação do discurso religioso a favor do atual governo*. Coluna Matheus Leitão. Revista Veja. São Paulo: Editora Abril. Publicado em: 11 jul. 2021, 12h29. Atualizado em: 12 jul. 2021, 08h50. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/a-necroteologia-a-servico-de-bolsonaro>>. Acesso: 07 nov. 2024.

CIDADE NOVA. *Você sabe a diferença entre ecumenismo e diálogo inter-religioso?* Entenda a diferença de ecumenismo e diálogo inter-religioso com a Cidade Nova. Editorial [on-line]. Cidade Inspira: iniciativas que transforma a sociedade. Disponível em: <https://www.cidadenova.org.br/editorial/inspira/3701-voce_sabe_a_diferenca_entre_ecumenismo_e#:~:text=Enquanto%20o%20ecumenismo%20di%20respeito,entre%20religi%C3%B5es%20e%20grupos%20religiosos>. Acesso em: 01 jul. 2024.

EVANGÉLICXS PELA DIVERSIDADE. #LiveJUNTES Especial: Família de LGBTI+ - Acolhimento de Pai e Mãe. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7h9CPmPGWIs&t=43s>>. Acesso em: 31 out. 2024.

EVANGÉLICXS PELA DIVERSIDADE. Bob na Rede Miquéias Global – Latino America. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8jPesSNj7O0&t=1s>>. Acesso em: 31 out. 2024.

EVANGÉLICXS PELA DIVERSIDADE. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/evangélicxs/?locale=pt_BR>. Acesso em: 31 out. 2024.

EVANGÉLICXS PELA DIVERSIDADE. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/evangélicxs_/>. Acesso em: 31 out. 2024.

EVANGÉLICXS PELA DIVERSIDADE. Youtube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/@EvangélicxspelaDiversidade>>. Acesso em: 14 jun. 2024.

GONÇALVES, Alonso. *Evangélicos ou Protestantes?*. religiãoepoder.org.br, em 15 jul. 2022, atualizado em 18 ago. 2022 as 13h48m. Disponível em: <<https://religioepoder.org.br/artigo/evangelicos-ou-protestantes/#:~:text=%E2%80%9CEvang%C3%A9lico%E2%80%9D%20surge%20no%20contexto%20ingl%C3%AAs,a%20se%20intitular%20%E2%80%9CEvang%C3%A9licos%E2%80%9D>>. Acesso em 20 jul. 2023.

GOV.BR [Secretaria-Geral]. *Brasil lança candidato à Secretaria-Geral da Organização Ibero-Americana da Juventude*. Notícias. Publicado em: 31 out. 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2024/outubro/brasil-lanca-candidato-a-secretaria-geral-da-organizacao-ibero-americana-da-juventude>>. Acesso em: 05 nov.2024.

INCLUSÃO LUTERANA. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/inclusaoluterana/?locale=pt_BR>. Acesso em: 31 out. 2024.

INCLUSÃO LUTERANA. Site. Disponível em: <https://inclusaoluterana.com.br/>. Acesso em: 02 nov. 2024.

INCLUSÃO LUTERANA. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/inclusao_luterana/>. Acesso em: 31 out. 2024.

INCLUSÃO LUTERANA. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@inclusaoluterana5903>. Acesso em: 31 out. 2024.

INCLUSÃO METODISTA. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/inclusaometodista/>. Acesso em: 31 out. 2024.

JÚNIOR, José Barbosa. *Conhecendo os Evangélicos Progressistas: Movimentos/Coletivos*. Coluna Opinião. Revista Fórum, em 14/1/2022 as 22h8m. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniaio/2022/1/14/conhecendo-os-evangelicos-progressistas-movimentoscoletivos-por-pastor-ze-barbosa-jr-108781.html>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MOREIRA, C. A. R. Igrejas Inclusivas: solução para cristãos homossexuais ou mais uma forma de discriminação? XV Congresso Metodista de Iniciação e Produção Científica. XIV Seminário de Extensão. IX Seminário PIBIC/UMESP. FAHUD. Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2012. Disponível em: <http://www.metodista.br/congressos-cientificos/index.php/CM2012/FAHUDPGCREL/paper/view/3025>. Acesso em 11 mar. 2023.

MUSEU DE MEMES. #ELENÃO, #ELENUNCA: memes e reconhecimento. Artigos. Disponível em: <https://museudememes.com.br/elenao-elenunca>. Acesso em: 04 jan. 2025.

O SILÊNCIO DOS HOMENS. Direção: Ian Leite e Luiza de Castro. Produção executiva: Papo de Homem e Instituto PdH. Monstro Filmes. 2019. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&t=2477s>. Acesso em: 03 jul. 2024.

PIRES, Breiller. *Evangélicos progressistas reagem contra homofobia de pastores e ensaiam avanço na política*. Seção Brasil. Reportagem [Belo Horizonte, em 20 set. 2020, 18h3m]. Jornal El País [on-line]. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-20/evangelicos-progressistas-reagem-contr-homofobia-de-pastores-e-ensaiam-avanco-na-politica.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

PRIMEIRO FILME. O livro. *Capítulo 9 – Enquadramentos: planos e ângulos*. Disponível em: <https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

REDE GAYLATINO E ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. *Manual de cristianismo e LGBTI+*. [livro eletrônico] / organização Simón Casal, Toni Reis. Enciclopédia LGBTI+. Curitiba, PR: IBDSEX, 2021.

REVISTA MARIE CLAIRE [on-line]. *Por dentro dos coletivos: como funcionam os grupos que reúnem pessoas por motivos artísticos, políticos e profissionais*. Seção Comportamento. Publicado em 14 dez. 2013. Editora Globo. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2013/12/por-dentro-dos-coletivos-como-funcionam-os-grupos-que-reunem-pessoas-por-motivos-artisticos-politicos-e-profissionais.html>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SANZ, Raphael. *Perseguição: Igreja Presbiteriana Independente decide se pode excluir membros LGBTQIA+*. Reportagem [em: 27 jul. 2022, 17h25m]. Seção Religião e Direitos LGBTQIA+. Revista Forum [on-line]. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/lgbt/2022/7/27/perseguido-igreja-presbiteriana-independente-decide-se-pode-excluir-membros-lgbtqia-120800.html>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

SCHMITZ, Beto. *Observatório 2023 de Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil, Grupo Gay da Bahia*. Grupo Dignidade. Publicado em: 19 jan. 2024. Disponível em: <<https://cedoc.grupodignidade.org.br/2024/01/19/2023-de-mortes-violentas-lgbt-no-brasil-ggb/>>. Acesso em: 07 nov. 2024.

TODXS. *Pesquisa nacional por amostra da população LGBTI+: identidade e perfil sociodemográfico*. São Paulo: TODXS, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). *Doutorado: Processo Seletivo*. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/ppcir/wp-content/uploads/sites/145/2023/09/Edital-doutorado-2024.docx-1.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). *Cerimônia dá posse a sete novos docentes*. Notícias. Publicado em: 29 de mar. 2019. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2019/03/29/cerimonia-da-posse-a-sete-novos-docentes/>>. Acesso em: 07 jan. 2024.

UNIVERSIDADE LA SALLE. *Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura, revista e ampliada*. BERNARD, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. (Org.). 2ª Ed. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2017.

VARGAS, Ricardo Viana. *Gerenciamento de projetos: estabelecendo diferenciais competitivos*. 6ª Ed.. Rio de Janeiro. Brasport, 2005.

VARGAS, Ricardo Viana. *O Patrocinador (Sponsor) como Parte Fundamental do Projeto*. Patrocinador do projeto. Podcast. Publicado em 04 de fev. 2008. Disponível em: <<https://ricardo-vargas.com/pt/podcasts/sponsorfundamentalelement/>>. Acesso em: 07 jan. 2025.